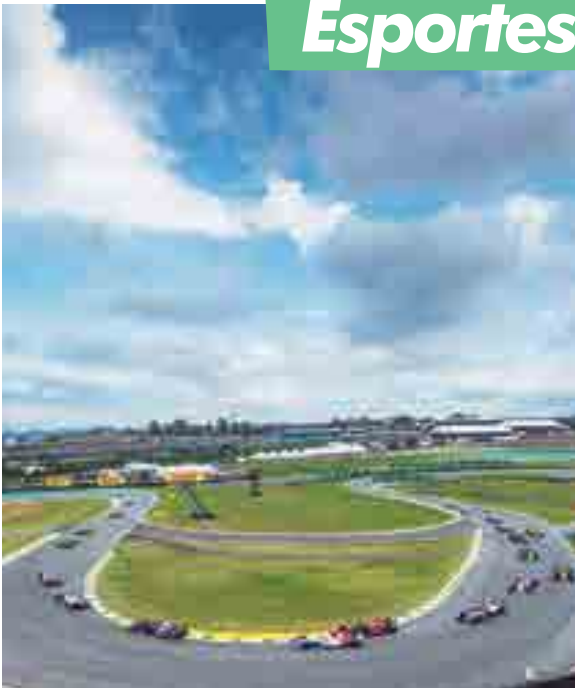


Foto: Divulgação/GP Brasil

## Esportes



### GP do Brasil acontece hoje em Interlagos

Torcida brasileira vai reverenciar o britânico Lewis Hamilton, que na última corrida se sagrou hexacampeão da Fórmula 1. [Página 23](#)

Foto: Divulgação

## Almanaque



### Índio pintor retrata a tradição de seu povo

Sevér é da Aldeia Tracoeiras, de Baía da Traição, e lá montou um estúdio rústico para fazer o seu trabalho e produzir as suas telas. [Página 25](#)

## Pensar



### O tema de novembro é: preconceito

Caderno especial aborda todos os aspectos do tema, desde os primórdios do problema na humanidade até os movimentos de resistência criados. [Páginas 29 à 32](#)

# Estudantes da UFPB vão construir e vender veículos elétricos

Originários do Projeto Fórmula-E da instituição, alunos abrem empresa e se habilitam para converter motores e construir carros movidos à eletricidade. [Página 8](#)

Foto: Maurício Melo



**Entrevista** Cientista político palestino visita a Paraíba e conversa sobre os conflitos na Faixa de Gaza e sobre a opressão de Israel na região. [Páginas 3 e 4](#)

Foto: Divulgação

## O legado de Paulo

Obra de Paulo Freire inspira peça que está rodando o país e que estreia hoje em João Pessoa para ser apresentada em espaços públicos da capital paraibana. [Página 12](#)

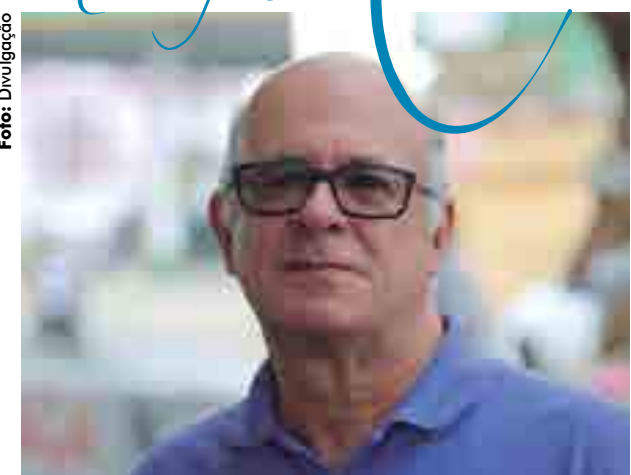


## COLUNA PLANETA SABOR

Coluna Planeta Sabor deste domingo fala sobre aplicativos de gastronomia que fazem sucesso e indica um em especial que tem um diferencial para lá de interessante. [Página 28](#)

## COLUNA do Meio

Foto: Divulgação



### Professor fala sobre a obra de Pedro Américo

Silvano Alves Bezerra é profundo estudioso do trabalho do pintor e aborda alguns aspectos da vida, da obra e da memória em torno do paraibano. [Página 20](#)



Editorial

# Ressocializar

A escravidão no Brasil sofreu o golpe formal decisivo no dia 13 de maio de 1888, quando um curtíssimo dispositivo legal, intitulado Lei Áurea, assinado pela princesa Isabel, libertou milhares de homens e mulheres negros do jugo dos brancos que aqui se fixaram após a chegada das caravelas de Cabral.

Hoje se sabe muito bem que a escravidão no Brasil, de fato, nunca acabou. A Abolição foi importante, mas a libertação dos escravos foi motivada muito mais por razões de natureza econômica, política e social do que pelo gesto altruístico de Isabel. Na atualidade, atende pelo nome de desigualdades sociais.

Afirma-se que o pecado capital do abolicionismo foi atirar os negros libertos à própria sorte. Desqualificados para o mercado de trabalho, os africanos e seus descendentes ficaram à mercê de estigmas que persistem até hoje no imaginário coletivo, embora eles sejam parte fundante da sociedade brasileira.

Para exibir-se e justificar-se perante o mundo coetâneo como Estado democrático de direito, o Brasil precisa reparar a dívida que tem para com os afrodescendentes. E uma das formas de corrigir essa injustiça histórica é eliminar as desigualdades sociais em todas as suas manifestações.

Uma das reparações diz respeito à imensa população carcerária, que, em certa medida, é consequência da con-

denável divisão social que persiste no Brasil entre uma maioria pobre e uma minoria de privilegiados. São mais de 800 mil almas literalmente penando, segregadas no sistema penitenciário.

Homens e mulheres egressos do sistema prisional, mesmo tendo cumprido suas penas, deparam-se com barreiras quase intransponíveis, no que se refere à inclusão social. Desacreditados de diversas maneiras, muitos acabam cometendo delitos que os levam de volta à prisão, num círculo vicioso.

Ciente deste delicado problema, o Governo da Paraíba está desenvolvendo uma série de políticas públicas, seja por iniciativa própria, seja por meio de parcerias, objetivando facilitar a inserção de egressos tanto no mercado de trabalho como nos programas sociais do serviço público estadual.

Vai nesta direção, por exemplo, o acordo de cooperação técnica firmado, há poucos dias, entre o Governo do Estado, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), com vistas à efetivação do Escritório Social, um dos mecanismos integrantes do Programa Justiça Presente.

Trata-se, em síntese, de um conjunto de ações assistenciais, de caráter multidisciplinar, destinado a criar oportunidades reais de inserção de egressos do sistema prisional no mercado de trabalho. Significa combater de frente a reincidência, estendendo a mão para quem quer, de verdade, reabilitar-se.

Artigo **Martinho Moreira Franco**  
martinhomoreira.franco@bol.com.br

# Sua alteza para sempre

O Telecine Cult exibe nesta terça-feira, 18, um especial dedicado aos 90 anos que a atriz Grace Kelly teria completado na semana passada. É um documentário. O mesmo canal da TV por assinatura reprisou no dia do aniversário dela o clássico "Matar ou morrer" (1952), de Fred Zinnemann, e o charmoso "Ladrão de casaca" (1955), de Alfred Hitchcock. Nascida em 12 de novembro de 1929 na Filadélfia, Grace morreu tragicamente no dia 14 de setembro de 1982, em acidente de automóvel. Era, então, a princesa Grace, de Mônaco.

Como vocês sabem, rainhas, princesas e imperatrizes já ocuparam as telas em inúmeras produções que seduziram plateias de diversas nacionalidades, quer em formato convencional, quer em feito de animação. O elenco de atrizes que interpretaram papéis da realeza em carne e osso é numeroso, mas acredito que a todos ocorrem de imediato os nomes de Elizabeth Taylor ("Cleópatra", de Joseph L. Mankiewicz, 1963), Audrey Hepburn ("A princesa e o plebeu", de William Wyler, 1953) e Romy Schneider (da série "Sissi", iniciada em 1955 e que rendeu três títulos de retumbante sucesso comercial). Poderia mencionar ainda Greta Garbo ("Rainha Cristina", de Rouben Mamoulian, 1933), entre as mais antigas, ou Anne Hathaway ("O diário da princesa", de Garry Marshall, 2001), entre as recentes, mas o pecado da omissão não continuaria morando ao lado.

Além do mais, quero mesmo é lembrar dois casos: o da própria Audrey Hepburn, que teve desempenho memorável como a princesa que se apaixonou pelo plebeu Gregory Peck na comédia dramática de Wyler, e de outra belíssima atriz que, tendo interpretado papel

/// Nunca houve uma princesa como ela ///

de alteza no cinema em "O Cisne", de Charles Vidor, 1956, teve seu conto de fadas transposto para a vida real como mulher do Príncipe Rainier III. Evidentemente, me refiro a Grace Kelly, a aristocrata norte-americana que conquistou fama (entre o público) e prestígio (entre a crítica) ao se tornar atriz de cinema. Entre seus filmes mais cultuados, figuram "Matar ou morrer", "Mogambo" (1953), de John Ford, e os três nos quais foi dirigida por Alfred Hitchcock: "Disque M para matar", 1954; "Janela indiscreta", idem, e "Ladrão de casaca".

Devo recordar que "O Cisne" foi o último filme de Grace Kelly antes de casar-se com o príncipe de Mônaco, o que gerou conjecturas sobre premonição. Outro fato, porém, revelou-se particularmente intrigante quando se associa ficção e realidade: o acidente que a matou ocorreu na mesma estrada de Monte Carlo em que Hitchcock rodou uma das sequências de "Ladrão de casaca". Conjecturas e premonições à parte, o certo é que, apesar da sempre lembrada Lady Di - Sua Alteza Diana, que encantou o mundo com seu impressionante carisma, o principado continua com um vazio no trono.

Bom, reza a lenda que Audrey Hepburn chegou a ser cortejada para o principado de Mônaco, mas, cá pra nós, Princesa Audrey não pegaria tão bem quanto Princesa Grace, concordam? Enfim, nunca houve uma princesa como Grace. Frase que, para encerrar a reprise, parodiei do filme noir de Charles Vidor que, em 1946, levou ao estrelato a estonteante Rita Hayworth, protagonista de "Gilda", mulher que faria da atriz o sex simbol mais badalado do cinema em sua época.

CONTATOS: uniaoovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509



Domingos Sávio **Humor**  
savio\_fel@hotmail.com

# UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

## GALDINO: MINISTROS COMETERAM CRIME DE RESPONSABILIDADE

Em recente entrevista a uma emissora de rádio de João Pessoa, o deputado estadual Adriano Galdino (foto), que tem formação acadêmica tanto na área de Engenharia quanto na de Direito, defendeu uma tese: os cinco ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) que votaram pela manutenção da prisão em segunda instância "cometeram crime de responsabilidade". Ele justificou seu entendimento com o seguinte argumento: o artigo 5º da Constituição Federal — que preceitua, em seu inciso LVII, que "Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória" — mesmo teor do artigo 283 do Código — "é cláusula pétrea", explica o deputado, "só pode ser modificado por outra Constituição. Como guardiões da Constituição, esses ministros não poderiam ter votado daquela forma. Eles não guardaram a Constituição. Aquele julgamento era para ter sido 11 a 0. Sou um legalista. Se há um erro [no entendimento feito pela Carta Magna], tem de mudar com uma nova Constituição", defendeu. Votaram pela prisão em segunda instância, contrariando a Constituição, os ministros Edson Fachin, Alexandre de Moraes, Luiz Fux, Carmen Lúcia e Luiz Roberto Barroso. Porém, por maioria de votos, a corte entendeu que a execução provisória da pena fere o princípio de presunção de inocência — foram 6 votos a 5.

Foto: Nil Pereira



Ele justificou seu entendimento com o seguinte argumento: o artigo 5º da Constituição Federal — que preceitua, em seu inciso LVII, que "Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória" — mesmo teor do artigo 283 do Código — "é cláusula pétrea", explica o deputado, "só pode ser modificado por outra Constituição. Como guardiões da Constituição, esses ministros não poderiam ter votado daquela forma. Eles não guardaram a Constituição. Aquele julgamento era para ter sido 11 a 0. Sou um legalista. Se há um erro [no entendimento feito pela Carta Magna], tem de mudar com uma nova Constituição", defendeu. Votaram pela prisão em segunda instância, contrariando a Constituição, os ministros Edson Fachin, Alexandre de Moraes, Luiz Fux, Carmen Lúcia e Luiz Roberto Barroso. Porém, por maioria de votos, a corte entendeu que a execução provisória da pena fere o princípio de presunção de inocência — foram 6 votos a 5.

## ELEIÇÃO NO PSB

Secretária-geral da comissão provisória do PSB da Paraíba, a deputada Cida Ramos disse que, por enquanto, ainda não existe uma definição quanto à eleição para a Executiva estadual do partido. Informação confirmada pela deputada Estela Bezerra, que informou que a legenda, nesse momento, está fazendo uma "autorreforma para o fortalecimento dos conceitos ideológicos do partido".

## "OPOSITOR FORTE"

Muitos acharam coincidência demais a liberação do bombeamento de água para a Paraíba, pelo Eixo Leste da Transposição, logo após a soltura do ex-presidente Lula. O presidente da ALPB, Adriano Galdino, tem uma explicação: "O governo tende a agilizar a sua resposta ao povo brasileiro, porque agora tem um opositor forte, que sabe fazer oposição", disse, referindo-se ao líder petista.

## NO FESTARUANDA

Até amanhã, videastas e publicitários podem inscrever vídeos de até 1 minuto que tratem do tema 'A prevenção e o combate à corrupção', no 14º FestAruanda do Audiovisual Brasileiro, festival de cinema que ocorrerá de 28 de novembro a 5 de dezembro, em João Pessoa. A temática é uma referência ao Dia Internacional de Combate à Corrupção, celebrado no próximo mês.

## SESSÃO ITINERANTE

E o projeto de sessão itinerante da ALPB terá continuidade no próximo dia 26, desta feita no município de Guarabira — já ocorreram sessões em Campina Grande, Patos e Alagoa Grande. Existe a possibilidade da realização de uma quinta sessão em Sapé, em data a ser conformada pela Mesa Diretora do Legislativo estadual.

## EMENDA IMPOSITIVA

E Adriano Galdino afirmou que o governador João Azevêdo (PSB) sinalizou positivamente para a adoção de emendas impositivas no Estado. "Esse assunto está vivo. Estamos vendo a forma jurídica para fazer isso, dentro da realidade do Estado, para que não prejudique os serviços essenciais e a folha de pagamento", explicou. De acordo com ele, as emendas seriam executadas em 2021.

## PP PASSARÁ A TER TRÊS DEPUTADOS NA ALPB

Na próxima terça-feira, será efetivada nova mudança na composição da ALPB: o deputado Tovar Correia Lima (PSDB) entra de licença — vai assumir a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Campina Grande — e assume o mandato o segundo suplente da coligação 'A Força da Esperança II', Cláudio Régis — a primeira é Jane Panta (PP), que está em lugar da licenciada Dra. Paula (PP). Com isso, o Progressista passará a ter três parlamentares no legislativo estadual — o outro é Galego de Souza — por 'obra e graça' das articulações do deputado federal Aginaldo Ribeiro.

## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Albige Léa Fernandes**  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC  
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Phelipe Caldas**  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509  
E-mail: circulaocaoauniao@gmail.com (Assinaturas)

OUIVODORIA: 99143-6762  
ASSINATURAS: Anual ..... R\$200,00 / Semestral ..... R\$100,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATOS: uniaoovpb@gmail.com

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



# “A existência da opressão é um chamado à resistência”

Ativista palestino visita a Paraíba, fala sobre a realidade do seu povo e traça paralelo com cenário brasileiro

**Maurício Melo e Gisele Ponciano**  
Especial para A União

Essa semana a Paraíba recebeu o palestino sociólogo e cientista político Baha Hilo. A estadia teve o objetivo de expor aos paraibanos o regime de apartheid imposto pelas forças sionistas do Estado de Israel ao povo palestino. O ativista deu duas palestras na UFPB, na última terça-feira, quando cerca de 250 pessoas se dividiram para assisti-lo.

Além disso, o visitante cumpriu atividades fechadas ao público em espaços que simbolizam e dialogam muito com as lutas encampadas na Palestina. Na capital, por exemplo, a ida na comunidade do Porto do Capim, berço da cidade de João Pessoa, Baha Hilo

pôde testemunhar a força de uma comunidade para manter seu território diante das constantes ameaças da especulação imobiliária e do poder público municipal. O local abriga, há cinco gerações, remanescentes quilombolas e indígenas, e ainda os ribeirinhos.

Em Sapé, o cientista político conheceu o Memorial das Ligas Camponesas (organização que antecedeu o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e a própria Pastoral da Terra). No local, Baha trocou experiências com os trabalhadores rurais.

A Casa Pequeno Davi, situada no bairro do Roger, também recebeu o palestino. Ele interagiu com as crianças e teve uma reunião com o setor pedagógico para conhecer a realidade de vulnerabilidade social

dos pequenos atendidos pela instituição.

Os três lugares são espaços de resistência, onde, cada um à sua maneira travava batalhas em prol de um objetivo caro à existência humana. São valores que se conectam ao pertencimento, à identidade e à formação digna de seres humanos.

Toda essa resistência faz parte do duro cotidiano na Palestina, sinal de que as lutas desse povo e do povo brasileiro estão intensamente conectadas. Especialmente diante da atual conjuntura política, na qual tanto local como nacionalmente, governos brasileiros têm profundas relações militares e de segurança com o regime israelense de ocupação na Palestina.

Atualmente, chegamos a importar tecnologias e

treinamentos “testados em campo” sobre os corpos palestinos, para reprimir movimentos sociais brasileiros e matar a população indígena, negra e pobre, para se ter ideia.

Um grupo de ativistas brasileiros que esteve na Palestina no início do ano voltou a se reunir e convidou o palestino para vir ao Brasil e ampliar o alcance de seu discurso. Uma campanha de financiamento coletivo foi iniciada e Baha chegou ao Brasil no início do mês. Ele já esteve em Recife antes de João Pessoa e daqui partiu para Aracaju. Ainda segue para palestras em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

**Quem é**

Baha é um graduado da Universidade Birzeit,

em Birzeit, onde obteve seu bacharelado em Sociologia. Ele trabalhou para a Agência de Obras e Recursos das Nações Unidas na Cisjordânia, como Coordenador do Conselho Nacional das ACMs no Sri Lanka, e trabalhou com jovens como conselheiro do acampamento na Associação da Baía de Prata em Nova Iorque.

Serviu por seis anos como Oficial de Campanhas da Iniciativa Conjunta de Advocacia da YMCA de Jerusalém Oriental e da YWCA da Palestina. Lá, supervisionou a Campanha da Oliveira, que permite que visitantes internacionais façam parcerias com fazendeiros palestinos cuja terra e meios de subsistência estão sob ameaça direta da ocupação israelense.

A campanha educa os visitantes sobre as realidades da vida na Palestina Ocupada, ajuda os agricultores a colher suas azeitonas, e também planta ou replanta terras onde as oliveiras foram destruídas e desenraizadas por colonos ou militares israelenses.

**Baha conheceu o Porto do Capim, o Memorial das Ligas Camponesas e a Casa Pequeno Davi, espaços de resistência, onde são travadas batalhas diárias pela sobrevivência**

Foto: Maurício Melo



Baha Hilo foi convidado a conhecer a Paraíba por um grupo de ativistas locais que visitou recentemente a Palestina. Antes de João Pessoa, ele proferiu palestras em Recife; daqui, segue para Aracaju, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília

**A entrevista**

**O que você veio fazer no Brasil?**

A razão de vir ao Brasil foi trazer uma voz palestina ao país e, pessoalmente, para me reconectar a amigos brasileiros que são ativistas e vieram e estiveram comigo na Palestina e para podermos crescer com nossas experiências. Então, é uma experiência multidimensional em que eu pude vir, aprender e me inspirar com diferentes exemplos de ativismo e atividades sociais que buscam justiça nesse país. Aprendi sobre diferentes lutas que o povo tem com suas bases, mas também para me reconectar com essas pessoas inspiradoras que estiveram na Palestina.

**Você viu alguma similaridade entre as questões palestinas e os problemas enfrentados aqui na Paraíba ou no Brasil até agora?**

Até aqui eu percebi que as lutas por sobrevivência, sociais, econômicas, de gênero e de opressão política tomam a mesma forma. Os poderes dominantes que existem no Brasil ou na Palestina são cruéis e desrespeitosos, racistas e se importam menos com a sagrada vida humana. Se você é um membro vulnerável da sociedade, você está sujeito a opressão e isso precisa ser questionado.

Eu vejo muitas similaridades no comportamento do poder dominante, tanto na Palestina como no Brasil.

Mas também vejo formas inspiradoras de resistência a essa opressão. De como se manter contra elas.

Vejo demolição de lares na Palestina, eu vejo demolição de lares aqui no Brasil. Eu vejo déficit de terras na Palestina, eu vejo déficit de terras no Brasil. Eu vejo eliminação de povos indígenas aqui e dos povos originários na Palestina... mas, a parte mais importante é a resistência. Como o povo se recusa a se submeter a um poder dominante e busca formas de acabar com a injustiça e a opressão.

Então, há similaridades entre os poderes de opressão e seus regimes, ambos, Palestina e Brasil, mas também há pessoas inspira-

doras que colocam suas vidas em risco para empoderar e ajudar aqueles que estão vulneráveis.

**E qual a sua opinião a respeito das relações existentes entre os governos do Brasil e Palestina, ou Brasil e Israel?**

Ok. Em termos de conexões políticas governamentais, não importa que tipo de conexão haja entre Brasil e Israel, porque o Estado de Israel é um governo de ideologia racista. Sendo assim, se aliar a esse regime é se aliar a um regime racista. Os governos têm suas próprias formas de pensar, o racismo tem sua forma de atuar e isso é algo visível. Como as pessoas se

relacionam é diferente. Nós, da Palestina, distinguimos as pessoas de seus governos. Sendo assim, o governo brasileiro não é a representação de seu povo. O povo brasileiro é representado por sua cultura, sua resiliência, sua sobrevivência, por sua existência. E assim como eu vejo palestinos resistindo e lutando por igualdade e justiça, vejo também brasileiros se insurgindo para garantir igualdade social e justiça social. E no fim do dia, há distinções em nossos regimes políticos e em como as pessoas sobrevivem a esses regimes.





O sociólogo Baha Hilo conheceu o Memorial das Ligas Camponesas, onde ficou sabendo da história de luta e resistência de líderes comunitários da Paraíba. Ele ainda visitou a comunidade do Porto do Capim e a Casa Pequeno Davi

# “Se lutar, você pode perder. Se não lutar, você já perdeu”

Baha Hilo afirma que combater os governantes fascistas que chegam ao poder é um dever de cada cidadão do mundo

**Maurício Melo  
e Gisele Ponciano**  
Especial para A União

**Que tipo de conselhos você pode dar para os nossos ativistas locais?**

Acredito que a troca de experiência. Acredito que nós palestinos aprendemos com lutas por justiça no Brasil são as ideias criativas. Essas ideias criativas são sempre baseadas na larga margem de liberdade que os ativistas do Brasil têm a mais que a margem de liberdade que nós temos sob a opressão de Israel. Essa margem de liberdade maior permite mais espaço para criatividade e possibilita mais manobras e reorganização frente às forças dominantes. Assim, nós aprendemos com essa criatividade dos ativistas.

Posso mencionar vários eventos em que nós aprendemos diferentes exemplos a partir do ativismo brasileiro. Um deles foi e de construção de abrigos feitos do zero. Que é algo feito de várias maneiras diferentes por aqui. E os motivos pelos quais nós construímos do zero, e vocês no Brasil constroem do zero são politicamente diferentes, mas o ambiente social e político é similar. Então, nós construímos com pneus. Nós aprendemos com a criatividade desses ativistas brasileiros, mas por outro lado o que eu espero ter trazido para os ativistas brasileiros é o exemplo de resiliência.

O nosso inimigo não é eleito a cada quatro anos. Nós não temos chance de ter um governo israelense que vá lutar por igualdade para o povo palestino. Nós não temos isso. Nos últimos 71 anos, a direita israelense nos



Em palestra na UFPB, Baha pediu ao governo brasileiro que feche a Embaixada de Israel e imponha sanções ao país

“Há 71 anos, a direita israelense nos governou, a esquerda israelense nos governou, o centro israelense nos governou. E todos procederam a eliminação do povo palestino”

governo, a esquerda israelense nos governou, o centro israelense nos governou. E todos procederam a eliminação do povo palestino. Então, o que nós temos é um inimigo que segue há 71 anos regravando a sociedade palestina e destruindo a vida dos palestinos.

Agora, a força do nosso inimigo, o poder do nosso inimigo é nos intimidar e não podemos permitir que eles completem sua missão. Mas nós reconhecemos o racismo do nosso inimigo e quanto mais nós reconhecemos isso, mais

nós resistimos e permanecemos firmes e mais nós os rejeitamos.

Então, quando temos um governo racista que chega ao poder no Brasil por quatro anos, não pode haver espaço para o povo se sentir derrotado. É uma oportunidade para a resistência e para se manter firme e forte ao lado da justiça social. Porque se nós não tivéssemos essa atitude, nós não teríamos sido derrotados há 4 anos, teríamos sido derrotados pelos sionistas em 1953, mas não podemos. Enquanto houver opressão, vai haver um chamado para a resistência. E essa resistência toma a forma de igualdade social, justiça social, proteção dos vulneráveis e dos pobres, proteção dos que estão sujeitos ao racismo. Quando você é negro, quando você é indígena, quando você é uma mulher, criança, ou pobre... a existência de opressão é um chamado para os ativistas responsáveis para se manterem firmes contra as injustiças.

Mais uma vez, eu sempre digo às pessoas, que se você lutar, pode perder. Mas se você não lutar, já perdeu. Entende? E precisamos nos recusar a sermos perdedores, porque se nós perdermos, os fascistas vão ter vencido. Esse é o outro lado da moeda. Combater os fascistas no poder é nosso dever, não um privilégio. É seu dever e responsabilidade enquanto sobrevivente, enquanto ativista responsável. É seu dever ficar contra a opressão. E como um rabino judeu disse uma vez, em uma situação de injustiça poucos são culpados, mas muitos são responsáveis.

Então, em uma situação de injustiça eu poderia dizer: você é culpado, você é culpado. Não. Você é culpado, mas eu tenho responsabilidade em consertar essa injustiça social que seu comportamento criminoso causou.

**Como os brasileiros podem ajudar com a questão palestina?**

O poder que o povo no Bra-

sil tem é além da imaginação. Porque o que nós precisamos é que o Estado de Israel não seja mais bem vindo em nenhum país. É um regime racista que tem se safado e implementando racismo institucional na Palestina. É um regime de apartheid que produz crimes, sobre crimes, sobre crimes... todos os dias tem um palestino vítima por causa dessa prática israelense. Através de assassinatos, através de terrorismo, prisões, confisco de terras, destruição de casas e tudo mais que Israel faz. E a forma como Israel se safou é a forma como outros países simplesmente reforçam esse comportamento israelense.

Assim, o que o Brasil pode fazer pelo povo palestino nessa luta por igualdade é fechar a embaixada israelense, impor sanções em todo o país. E isso não é uma ideia radical. Se isso é uma ideia radical, então é o que foi feito na África do Sul. Parece radical até que seja feito. Mas a realidade radical pela qual estamos passando é a da opressão. Opressão é mais radical que justiça. Racismo é mais radical que igualdade. Então, para nós, o primeiro passo para garantir justiça e igualdade na Palestina é assumindo que o regime israelense já provou ser incapaz de promover, garantir e proteger com igualdade e justiça o povo palestino. Esse regime precisa acabar. Não precisa ser reformado. Precisa acabar. Porque reformar o sionismo não o fará mais igualitário. Reformar o sionismo vai nos fazer mais confortáveis com a falta de igualdade.

Então a forma de ajudar é fechar a embaixada israelense. Não só no Brasil. Mas em qualquer país que tenha relações

com o Estado de Israel. No caso do Brasil, sob o mandato de Lula ou de Bolsonaro, promoveu economicamente, diplomaticamente e militarmente as conexões com o governo de Israel e, ao mesmo tempo, promoveu diplomacia e de ajuda humanitária com o povo palestino. Sendo assim, os dois governos, de Lula e Bolsonaro, ajudaram os dois lados do mesmo problema. E o único resultado de se ajudar os dois lados é manter o problema. E não importam as boas intenções de Lula ou as piores intenções de Bolsonaro. Não importa. O resultado é o mesmo.

Então o que precisamos é nos mantermos firmes e claros de que ter uma representação de Israel nesse país há 70 anos é suficiente. E pode ter certeza, Israel adora o Brasil pelos recursos naturais, pelas conexões mútuas, pelo comércio, pelos benefícios econômicos. A forma de combater Israel é fechar as portas para ele. Que pode até não se preocupar com esse comportamento, mas o Brasil será o primeiro e logo virão outros países que farão o mesmo. E com isso acreditamos que em 10 anos o regime de apartheid entrará em colapso. Mas precisamos que haja um primeiro.

E com a população socialmente preocupada, com a população eu tenho visto ao meu redor aqui no Brasil, eu estou esperançoso de que, com a necessária determinação a embaixada israelense nesse país será fechada. Isso não é um sonho radical. É uma coisa muito pragmática. Nós queremos igualdade entre palestinos e judeus e o único caminho para a igualdade é identificar quem nega essa igualdade e impor sanções a ele. E esse é o governo israelense.





# Quando a ancestralidade fala mais alto

Preconceito e bullying marcaram, por muito tempo, a vida da influenciadora digital Priscyla Tenório. Suas origens bateram mais forte e hoje ela tem vários canais nas redes sociais onde orienta as pessoas sobre como cuidar dos cachos

## Crespos, cacheados, ondulados, rastafari. Cada vez mais, mulheres exibem suas madeixas livres e bem soltas

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

Angélica Ferreira passou 20 anos usando os cabelos lisos. Relaxamento, alisamento, selagem e o uso da chapinha, quase que diário, faziam parte de uma rotina que teve início ainda na adolescência, aos 14 anos. “Prende essa bucha! Amarra esse cabelo de aripua! Prende esse cabelo de bombri!” As frases carregadas de preconceito ouvidas durante a infância foram decisivas na escolha pela mudança que perdurou por duas décadas.

Mas um belo dia a professora cansou e tomou uma decisão. “Cansei de viver de acordo com os padrões impostos pela sociedade, cansei de ser escrava daquilo”. Foi nesse momento, mais propriamente em 23 de maio de 2019 – data importante que ela faz questão de lembrar – que Angélica

tomou a decisão que mudaria não só a sua aparência mas toda a sua vida. O corte bem curto foi responsável por retirar a parte ainda modificada pela química, ficando apenas os cachos. “Até então eu não recordava como era o meu cabelo e quando o corte foi feito que eu me olhei no espelho vi quem de fato eu era com o meu cabelo natural, assumindo minhas raízes. Hoje eu me vejo como Angélica de verdade”, disse.

Libertada mas incompreendida. Assumir sua identidade trouxe também um certo sofrimento. Quando assumiu o black power, as críticas começaram. “Inclusive os parentes próximos e os amigos de décadas ficaram impactados”, relembra. Era comum ouvir com frequência: “Quero minha amiga de volta” e “Essa não é você”. Em alguns casos, Angélica lembra que os

comentários chegavam a ferir: “Alguns disseram que não sabiam que eu tinha cabelo ruim. E eu prontamente falava que meu cabelo não era ruim, e sim crespo”, enfatizou.

Por outro lado, ela também ouviu palavras de apoio e essas eram, e ainda são, fortalecedoras. “Muitos disseram que eu estava maravilhosa, linda, assumida, autêntica e empoderada”, contou.

Ainda hoje existem comentários que ferem, mas Angélica não se deixa abalar, conta que respeita a opinião das pessoas e adianta: “Eu não vou mudar, não vou deixar de ser quem eu sou. Durante muito tempo eu fui presa e hoje eu não me prendo mais, eu me libertei e independente da opinião das demais pessoas eu me amo da maneira que eu me vejo e isso independe da aceitação ou do que os outros dizem”, afirmou.



Foto: Arquivo Pessoal

Após 20 anos, Angélica Ferreira passou pela transição capilar e hoje assume com muito orgulho seus cabelos

## + Empoderamento acima de tudo

Aceitação é uma palavra que a cabeleireira Rita Black conhece e ouve com frequência, inclusive foi ela a responsável pelo corte que deu início à transição capilar – mudança do cabelo com química para o natural – da nossa entrevistada Angélica.

Trabalhando há 14 anos na área, Rita é uma das precursoras no tratamento dos cabelos étnicos aqui em João Pessoa. “São muitos os procedimentos específicos para os cabelos ondulados, crespos e cacheados”, explicou. Hidratação, coloração, corte. Rita adaptou técnicas, estudou, se especializou e

Foto: Evandro Pereira



Rita Black, com muito estilo, mantém um salão de beleza com foco em cabelos negros

hoje realça ao mesmo tempo em que trabalha a força e o empoderamento da beleza negra.

No Studio de Beleza Rita Black as referências africanas estão por toda parte, nas cores, nas fotos, nos quadros e também nos acessórios postos à venda. Turbantes, pentes específicos, bandanas de tecidos trazidos direto da África, além dos cortes e tratamentos a profissional faz questão de prestar uma espécie de assessoria para os clientes orientando sobre cortes, produtos, penteados entre outros cuidados.

E se no início o movimento no espaço de beleza era tímido, hoje a profissional tem uma clientela fiel e cada vez maior. Homens e mulheres que buscam nos cuidados com os cabelos muito mais que beleza.

Muitos clientes, muitas histórias. Rita conta que em muitos casos chega a se emocionar. Relatos sobre aceitação, transformação e orgulho, a maioria por quem passou pelo processo de transição capilar, talvez a mais importante e mais representativa das mudanças.

“A transição não é simplesmente uma transformação de um cabelo alisado para um natural. Eu vejo como um renascimento. Hoje, e a cada dia mais, esses cabelos são símbolos de resistência. É onde você diz sim a ancestralidade e aceita que você é um cidadão miscigenado honrando a dor de quem foi arrancado da África e veio para essas terras”.

## Mudança é para além dos cabelos

A psicóloga Durvalina Rodrigues, membro da Abayomi Coletivo de Mulheres Negras da Paraíba, da Rede de Mulheres Negras do Nordeste e da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras se manifestou sobre a importância de as mulheres negras se reconhecerem em suas identidades étnicas. Reconhecer e se afirmar como povo negro. Nesse caso, o cabelo é apenas um reflexo de uma mudança muito maior.

“É importante ter a consciência da ancestralidade que vai além do cacho, é saber porque está usando

esse cabelo. Para nós, mulheres negras, de movimento, a grande questão é que isso não fique só na estética”, colocou.

A estudiosa conta que a perda das referências, e consequentemente da identidade, começou quando o povo negro foi sequestrado da África sendo forçado a deixar família, língua e costumes. Além disso o fato de terem sido adjetivados negativamente só reforçou o processo e nesse contexto estão também as críticas aos cabelos. “O resultado foi o fato de pensar que é banco não sendo branco.

Tudo isso é parte de um processo arquitetado para tirar a identidade do povo negro”, destacou.

Para Durvalina o racismo, que é cotidiano, tem relação direta com os cabelos e é sentido fortemente quando se assume o crespo. Por isso é crucial que haja um entendimento profundo do significado e da relevância que esses fios possuem.

“É preciso haver uma compreensão do ser político negro com todas as contribuições e com toda a história de luta e conquistas desse povo”, afirmou.

## Influenciadora fala de sua experiência

Priscyla Tenório - que ilustra a foto principal desta matéria - sofreu muito com o preconceito. Aos 32 anos a digital creator está nas redes sociais (@prixtenorio/ prixtenorio.wordpress.com) onde passa várias dicas sobre como cuidar dos cachos. Quem vê o conteúdo produzido não imagina que ela chegou a passar por um procedimento para desfazê-los. O preconceito sofrido durante toda a infância estão vivos na memória.

“Eu passei a infância inteira ouvindo coisas desagradáveis, sofrendo bullying. Cheguei de ouvir de professores que meu ca-

belo chamava muita atenção, o que me fazia sentir excluída”, relembrou. A infância e a pré-adolescência cercadas de críticas destrutivas foram decisivas na vontade de mudar, tanto que quando teve a primeira oportunidade Priscyla de submeteu a uma escova progressiva.

“Foi em 2005 quando eu comecei a estagiar e tive uma liberdade financeira. Esse período foi mais tranquilo pra mim”, contou. A tranquilidade a que se refere diz respeito à aceitação por parte das pessoas. Alguns anos se passaram até ela entender que o cabelo natural

tinha a sua beleza.

“Em 2013 eu entrei em transição e aí eu vi que tinham grupos de aceitação que se mobilizavam na intenção de mostrar isso”. Priscyla se fortaleceu, buscou conhecimento e encaixou o processo de forma tranquila e desde então tem corrido atrás de se especializar no assunto. A publicitária já está estudando para se tornar uma profissional da beleza com foco em cabelos afros. “A gente sabe que esses padrões anulam muito a nossa personalidade e estar fortalecido faz toda a diferença. Sempre que eu puder apoiar uma decisão dessa, eu vou apoiar”, finalizou.



# Polícia intensifica operações com foco em carros clonados

Maioria dos veículos apreendidos e comprovadamente clonados é de luxo e oriunda de outros estados

**Cardoso Filho**  
josecardosofilho@gmail.com

A Secretaria da Segurança e Defesa Social da Paraíba, através da Polícia Civil da Paraíba, está intensificando operações e fiscalizações com o objetivo de apreender veículos roubados e furtados. Mas ultimamente, segundo o delegado Getúlio Machado, da Delegacia de Roubo e Furtos de Veículos e Cargas, vem crescendo a circulação de veículos clonados na Paraíba, principalmente procedentes de outros estados. Segundo ele, não é possível identificar o número de carros clonados apreendidos, pois eles estão nas estatísticas de veículos apreendidos pela Polícia Civil por diversos crimes.

No pátio da Central de Polícia estão carros de diversas marcas, inclusive de luxo, que chegam ao valor de, no mínimo, R\$ 200 mil. Um Camaro clonado, avaliado em R\$ 300 mil foi apreendido em setembro pela Polícia Militar. Várias ações estão sendo realizadas pela Polícia Civil da Paraíba, através da Delegacia de Roubo e Furtos de Veículos e Cargas.

O pátio da Central de Polícia tem centenas de veículos e vários desses carros foram identificados com placas duplicadas, ou seja, clonadas. Getúlio Machado disse que os agentes da especializada vêm intensificando o trabalho de identificar veículos furtados, roubados ou clonados.

Esse trabalho vem surtindo efeito, tanto em quantitativo para a Polícia Civil, como também para a sociedade.

“Quase que diariamente entregamos carros que foram furtados ou roubados. Estamos com o pátio cheio porque realizamos constantes operações para apreender veículos irregulares que estão circulando e com isso diminuindo o número desse tipo de crime no Estado”, comemorou.

## Orientações

No início deste mês os policiais da especializada apreenderam, durante operação, duas caminhonetes SW4 idênticas, com as placas QSD-4092, mais com uma diferença, um registro de João Pessoa (original) e outro com a placa de Recife (PE). “A clonagem foi muito bem feita, quase perfeita. Deu muito aos nossos policiais e peritos para identificar o crime”, disse Getúlio Machado.

Nessa operação os policiais da delegacia conseguiram apreender outros cinco veículos também clonados que estavam circulando na Paraíba. “Muita gente compra o veículo de boa-fé, em concessionárias regularmente registradas. Recomendamos que ao pensar em comprar um veículo pesquise sobre a sua procedência, se o preço está de acordo com o mercado e quem foi o seu último dono para não passar por vexames”, recomendou.



## Equipes dos órgãos se dedicam ao trabalho de investigação

Os policiais da Delegacia de Roubo e Furtos de Veículos e Cargas realizam um trabalho constante de investigação, principalmente após receberem denúncias, tanto na Paraíba como em outros estados. O trabalho é feito em parceria com Detrans e delegacias especializadas de outros estados. “Fazemos constantes contatos com o pessoal de outros estados”, disse Getúlio Machado.

O pessoal da especializada possui vasta experiência, alguns com mais de 20 anos em verificar a ilicitude e, através de todo o trabalho investigativo, é possível identificar e localizar o veículo. Essas investigações são realizadas em conjunto com peritos especializados do Instituto de Polícia Científica da Paraíba.

A maioria dos veículos apreendidos e, comprovadamente clonados, é de luxo, mesmo porque os “espertos” não querem mais clonar carros com mais de dez anos de uso porque é muito fácil a identificação de que é produto de crime, porque, segundo Getúlio, a falsificação do número do chassi é muito trabalhosa, é preciso raspar a numeração do motor e para isso o gasto é grande.

## Origem

O delegado revela que a procedência maior de veículos clonados apreendidos é do Piauí e, por conta disso, está programando viajar àquele Estado para manter contato com os responsáveis pela delegacia especializada e também com o Departamento Estadual de Trânsito do Piauí “para ver se descobrimos alguma coisa e desbaratar essa quadrilha que vem atuando nesse tipo de crime”, pontua.

Segundo Getúlio, qual-



Fotos: Evandro Pereira

No pátio da Central de Polícia estão carros de diversas marcas, inclusive de luxo, que chegam ao valor de, no mínimo, R\$ 200 mil



Delegado Getúlio Machado orienta os consumidores a ficarem atentos na hora de comprar veículos usados, verificando a procedência e a documentação

quer pessoa está sujeita a adquirir um carro de procedência ilícita. A documentação que está usando, às vezes é até original, expedida pelo próprio órgão de trânsito que eles pegam em outros estados.

“A bandidagem está atingindo um nível de profissionalismo muito grande, então tem que ter muito cuidado. Então aconselho para quando for comprar um carro veja a procedência, por quem passou, se ele comprou zero, procure numa agência e numa agência qualificada, que já tem muito anos no mercado e não aquela agência que abre hoje, com dois meses está fechando suas portas”, orientou. E diz que a maioria desses carros clonados é comprado pela internet.

## Neste ano, 300 veículos foram apreendidos

Foto: Evandro Pereira



Número de carros apreendidos com situações irregulares em 2019 já supera o registro do ano de 2018

A Polícia Rodoviária Federal tem realizado um trabalho de fiscalização com o mesmo objetivo, apreender veículos com restrições, inclusive clonados. Segundo o Núcleo de Comunicação do órgão federal (Nucom), cerca de 300 veículos já foram apreendidos neste ano de 2019.

“Os veículos que estão no nosso pátio são produtos de furtos, roubos e de outros crimes”, disse o policial Walter Mota, do Nucom. Segundo ele, quando é feita a informação do roubo ou furto, o caso vai para o sistema e as investigações são realizadas para que a apreensão seja feita.

Em dados fornecidos pelo Núcleo de Comunicação, muitos desses veículos estavam clonados, utilizando placas e demais itens de

identificação adulterados, com informações de veículos com as mesmas características mas sem registro de roubo ou furto.

O número de veículos recuperado este ano pela PRF, tanto em operações como também nas fiscalizações em rodovias na Paraíba já é superior a todo o ano de 2018, quando foram registrados 127.

De acordo com o Nucom, muitos desses veículos estavam clonados, utilizando placas e com outros itens de identificação também adulterados



# Medicamentos para tratar obesidade: vilões ou heróis?

Para emagrecer, muitas pessoas recorrem ao uso indiscriminado de remédios. Mas em alguns casos é necessário

**Rammom Monte**  
rammom511@hotmail.com

A obesidade é um dos grandes problemas mundiais atualmente. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), um em cada oito adultos em todo o planeta é obeso. Esta preocupação faz com que muitas pessoas passem a se preocupar mais com o seu peso. Porém, na ânsia de resolver a questão de maneira mais rápida, muitos acabam apelando para os famosos remédios para emagrecer. Mas será que isto é saudável? Em que casos o uso é indicado?

Para a médica endocrinologista e coordenadora do serviço de Endocrinologia do Hospital Universitária Lauro Wanderley, da Universidade Federal da Paraíba, Narriane Chaves, há casos em que o paciente precisa fazer uso do medicamento.

“A OMS e as principais sociedades de endocrinologia recomendam o tratamento com medicamento da obesidade para todo obeso com o IMC acima de 30 kg/m<sup>2</sup> e em aqueles casos em que o paciente não é obeso, tem sobrepeso, mas que este sobrepeso não tem tido sucesso no combate à obesidade com a modificação no estilo de vida”, explicou.

Porém, ela faz uma ressalva: apenas o medicamento não resolve o problema. “O tratamento para todo sobrepeso e obesidade, tem que ser através da modificação do estilo de vida, com terapia da alimentação e atividade física pelo menos três vezes por semana, em torno de uma hora por dia. Associado a isto, a gente indica o medicamento”, explicou.

Uma das pessoas que se enquadraram neste patamar foi a psicóloga Patrícia Diniz. Ela usou medicamentos por alguns períodos, mas há pelo menos 10 anos não faz uso. Ela afirma que foi uma indicação feita por um profissional e que até conseguiu os resultados esperados, mas os efeitos colaterais foram devastadores.

“Eu apresentava dificuldade para emagrecer, mesmo com dieta. Então para conseguir, dar um boom no processo de emagrecimento, comecei a me medicar. Foi indicação de um endocrinologista. Tentei várias vezes, mas é ilusório. A medicação dá a ilusão de que se está saciado e quando para de tomar, volta pior. Foram vários efeitos colaterais, como irritabilidade, insônia, dor de cabeça”, disse.

Porém, mesmo com a necessidade em alguns casos, há pessoas que não precisam dos medicamentos e ainda assim o utilizam, como é o caso da estudante Cláudia Cavalcante.

“Eu tomei até julho. Por uns dois meses. Tomei por conta própria, já que estava bem divulgado na cidade onde moro. Tem uma mulher que é amiga da minha mãe e ela falou sobre o remédio. Eu conheci algumas pessoas

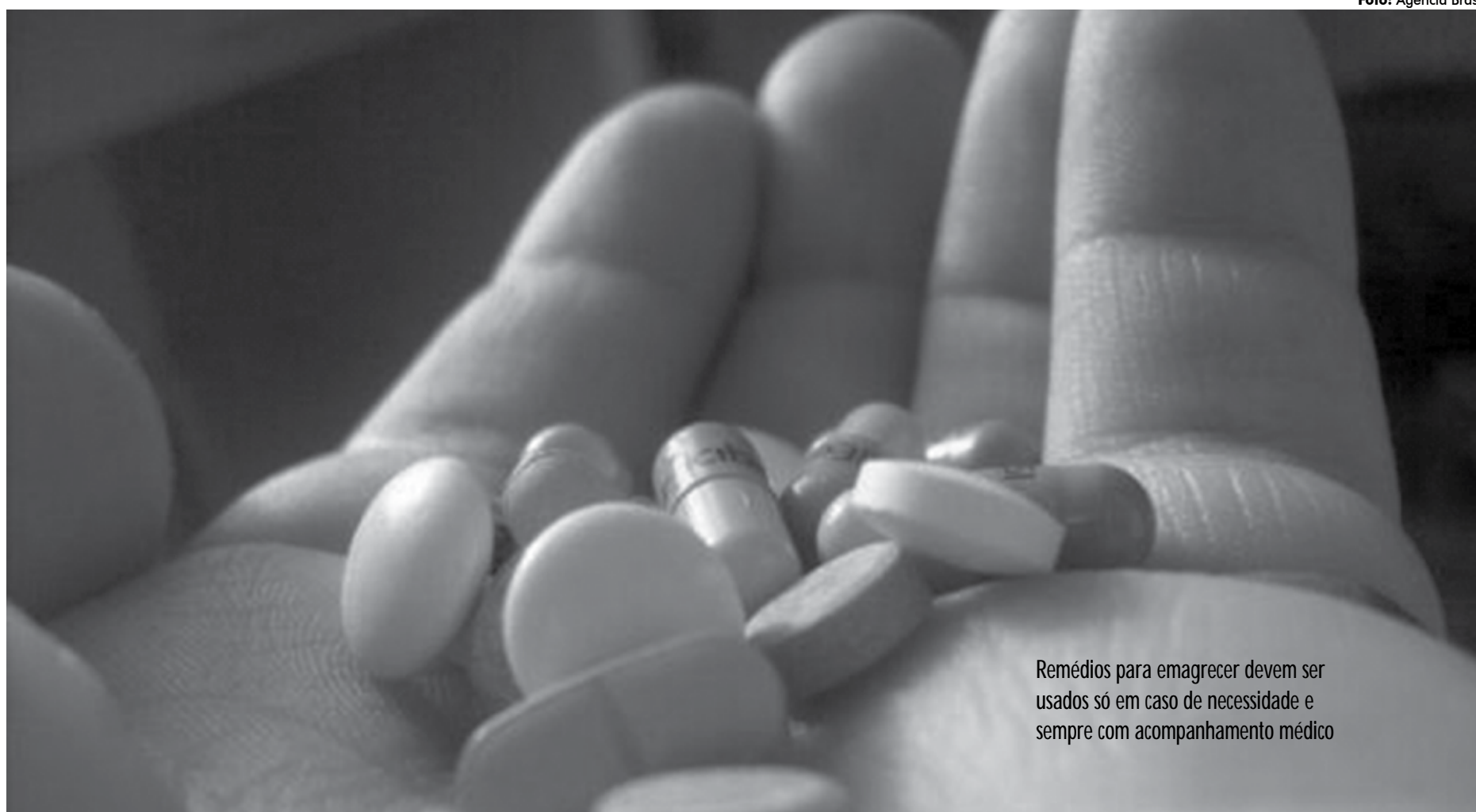


Foto: Agência Brasil

Remédios para emagrecer devem ser usados só em caso de necessidade e sempre com acompanhamento médico

que estavam tomando e tinham resultado”, disse.

No começo, Cláudia até percebeu diferença no peso, mas também sofreu com efeitos colaterais. “Tive muito retorno. Emagreci muito rápido e fiquei com medo de ganhar rápido também. Eu sentia enjôo e se eu tomasse sem me alimentar, doía o estômago. Parei de fazer exercício, não estava fazendo a dieta, aí para não ficar só tomando o remédio, decidi parar”, relatou.

A estudante adquiriu o medicamento na residência de uma pessoa. Segundo Narriane, é comum haver uma espécie de mercado clandestino de remédios deste tipo. Ela citou em especial a sibutramina, que já teve a venda proibida nos Estados Unidos e na Europa, por trazer possíveis riscos ligados a questões cardiovasculares.

“A sibutramina tem um mercado informal gigante. Para ser vendida de forma legal, precisa de prescrição e um termo assinado pelo paciente afirmando saber dos riscos, mas este pessoal vende sem prescrição, conseguem a droga e vendem, tem muita gente tomando. Há outras medicações que são efetivas no tratamento da obesidade aqui no Brasil e por serem seguras do ponto de vista cardiovascular, como o Saxenda, por exemplo, não precisam de receita. Aí as pessoas que têm mais condições financeiras, porque estes remédios são caros, compram e se medicam”, disse.

**Mesmo com a necessidade do uso em alguns casos, há pessoas que não precisam dos medicamentos e ainda assim o utilizam sem saber das consequências**

## + Tratamento precisa ser multidisciplinar

A endocrinologista Narriane Chaves alerta para os riscos da automedicação. “É um risco. Primeiro que o tratamento da obesidade não vai ter boa resposta só pela medicação, é multidisciplinar, com nutricionista, educador físico... e também que termina que a pessoa se expõe aos riscos”, explicou.

A médica bateu algumas vezes neste ponto de multidisciplinaridade. E em conversa com outros profissionais, como um nutricionista e um educador físico, ambos condenaram o uso do remédio (quando não é de fato necessário), em busca de um resultado imediato.

“Infelizmente o imediatismo é uma característica do ser humano. Buscar resultados rápidos por meio do uso de medicamentos é um grande e recorrente erro. Associar o uso de medicações que inibem o apetite, por exemplo, a dietas demasiadamente restritivas muito provavelmente trará uma perda de peso a curto prazo, seguida do reganho de peso. Isso acontece devido a desordem metabólica que é promovida. Dietas muito hipocalóricas tendem a reduzir o metabolismo,



Foto: Agência Brasil

Atividades físicas, relaxamento, alimentação equilibrada devem fazer parte da rotina

facilitando o ganho de peso futuro e, por muitas vezes, expõem o indivíduo à compulsão alimentar após esse período de privação”, explicou o nutricionista Darlan Chacon.

A ideia é compartilhada pelo educador físico André Chacon, que também condenou as fórmulas mágicas e a necessidade do imediatismo.

“Em relação ao uso de remédio, eu sempre sou contra na verdade. Quando chega algum aluno que não tem nenhuma indicação, apenas querem resultado,

a questão do imediatismo, quer resultado para ontem, sem pensar bem na saúde, no processo rebote que algumas medicações dão. Principalmente a sibutramina, que é um que é recorrente de pegar alguns alunos que usem. E aí usa por um período e quando da um tempo, o reganho de peso é ainda mais avassalador e aí volta mais aperreado. Sempre falo que dieta tem que ser algo bem programado, estruturado, não é algo que deve ser feito na correria e querendo ter resultado muito rápido”, disse.

## Negligência no tratamento da obesidade

Apesar dos efeitos colaterais e contra-indicações em alguns casos, em outros a presença do medicamento se faz mais do que necessária. Para Narriane, há ainda um certo preconceito e desconhecimento desta necessidade, o que causa muitos problemas no tratamento.

“Há uma epidemia e muito disto, além da questão de hábitos, tem a questão da negligência da comunidade médica em tratar da obesidade. A gente também tem que ter esta consciência que é uma doença e precisa ser tratada como tal. A obesidade é negligenciada e muito com a ideia de que o obeso é o culpado da doença dele. Ele não é culpado, ele realmente tem

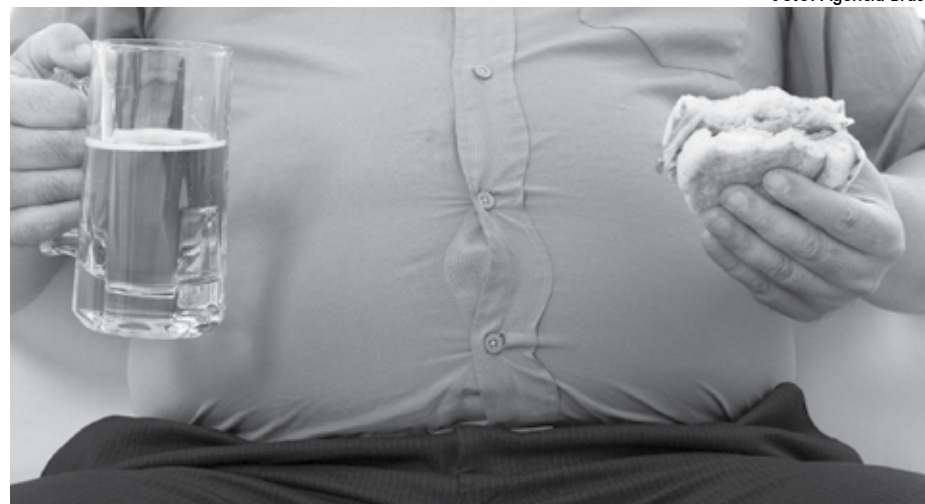


Foto: Agência Brasil

pequenos distúrbios e muitos médicos acham que é por falta de vergonha na cara, por não ter força suficiente, mas muitos tentam e não conseguem”, disse.

Segundo ela, não tem que

haver esta preocupação do medicamento. “Eu sou da verdade que todo paciente obeso tem que ser tratado. Nem que seja um tempo de medicamento para controlar a doença. Tem

que parar de ter medo de prescrever”, afirmou, acrescentando que todo tratamento precisa ser feito com um especialista e com todo acompanhamento necessário.

O problema não pode ser negligenciado e muitas vezes se costuma colocar a culpa no paciente



# Estudantes da UFPB criam startup de veículos elétricos

Entre os serviços, a KF3 estará habilitada a fazer a conversão de motores a combustão para elétrico e a construir veículos

**Márcia Demenshuk**  
Especial para A União



Três estudantes de graduação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) montam startup de soluções de mobilidade em veículos elétricos depois de participarem do projeto Fórmula-E UFPB. Eles aprenderam a mecânica e a elétrica de um veículo elétrico projetado para corridas e agora concretizam o próprio empreendimento. Entre os serviços, a empresa estará habilitada a fazer a conversão de motores a combustão para elétrico e construir veículos elétricos para diversas funções. No próximo ano, a KF3 – como é chamada a startup – lançará em João Pessoa uma pista de corrida de kart elétrico para recreação. Será a primeira no Norte e Nordeste e a segunda no Brasil.

Antônio Félix, da Engenharia Mecânica, foi o primeiro dos três estudantes a entrar no projeto Fórmula-E UFPB, em 2015. Esse projeto visa a construção de um carro elétrico de corrida pra competir na Fórmula SAE, competição realizada anualmente em São Paulo que desafia equipes de estudantes de graduação e pós-graduação de todo o mundo a projetar e fabricar um carro de corrida. O projeto iniciou na UFPB em 2014, coordenado pelo professor Euler Cássio

Tavares de Macêdo, vice-diretor do Centro de Energias Alternativas e Renováveis. Desde então, a cada ano, envolve cerca de 40 estudantes. Em 2016 Felipe Fauze (Engenharia Elétrica) se integrou ao projeto e no ano seguinte foi a vez de Renato Fonseca (da Mecânica).

O primeiro protótipo do carro de corrida elétrico Fórmula-E UFPB foi batizado de "Carcará". Foi o carro pioneiro de competição do Norte/Nordeste. Em 2016, a equipe ficou em 9º lugar geral na Fórmula SAE e na 2ª posição da categoria Estática, na qual que é necessário apresentar somente o projeto, sem o protótipo materializado. No ano de 2018 o novo protótipo, o "Corisco", conquistou o 3º lugar na prova Business. Esse "pequeno monstro" vai de 0 a 100km/h em apenas 4 segundos. "Temos que acrescentar mecanismos de segurança porque o veículo pode atingir uma velocidade muito alta", disse professor Euler Macêdo. A autonomia do projeto é para 50 km e a duração de carga é em torno de 6 a 7 horas. A carga completa é obtida em 7 horas.

**Primeiro protótipo do carro de corrida elétrico Fórmula-E UFPB foi batizado de "Carcará", pioneiro de competição do Norte/Nordeste**



Fotos: Divulgação

Em 2016, a equipe ficou em 9º lugar geral na Fórmula SAE e na 2ª posição da categoria Estática, na qual é necessário apresentar somente o projeto



## Parcerias e transferência de tecnologia

O Fórmula-E UFPB vai além da competição de velocidade; o projeto tem o potencial de alavancar empreendimentos. A equipe foi contratada pela distribuidora de energia elétrica do Ceará, a Enel Brasil, junto com outra empresa de energia elétrica, para desenvolver quatro veículos elétricos para serem doados às instituições de ensino do Ceará. "Nossos alunos foram para lá dar aulas. Foi um processo de transferência de tecnologia para os estudantes de lá", explica professor Euler Macêdo.

Antônio Félix, entre outros estudantes, levou sua experiência para os cearenses: "Os cursos foram de introdução a competição na Fórmula SAE, Solidworks básico, Solidworks avançado, Sistema de freio e Drivetrain, High Voltage e Low Voltage, suspensão e direção, chassi e segurança", fala Antônio, elencando categoricamente as atividades dominadas ao longo de quatro anos de graduação.

As possibilidades de ino-

var serviços e produtos para o mercado atraíram Antônio e seus colegas, Renato e Felipe. Não poluente, silencioso, um carro elétrico não tem aquela tremedeira comum nos veículos a gasolina, a diesel ou a gás natural veicular. Exige bem menos manutenção. É totalmente seguro, com sistemas que monitoram as atividades do veículo. E a diferença no bolso? Cerca de 60% mais barato andar em um carro elétrico.

Com essa perspectiva, os três colegas estão montando a KF3, uma startup com serviços no ni-

cho de mobilidade em veículos elétricos. "Estamos desenvolvendo vários projetos. O mais próximo de ser lançado é a pista de kart elétrico. É possível montar uma pista dessas em ambientes fechados como shoppings ou hipermercados, pois não traz nenhum risco como gases poluentes ou barulho", explica Antônio Félix.

Quando for lançada no ano que vem, como planejado pela KF3, será a primeira pista de kart elétrico do Norte/Nordeste. Até o momento, há apenas uma pista operando no Brasil, em Campinas (SP).



Equipe envolvida no projeto da startup formada por estudantes universitários. Trabalho desenvolvido chama atenção de empreendedores

## Fonte de energia não poluente é tendência

A fonte de energia renovável para veículos é uma tendência mundial. Vários países já incentivam através de políticas a troca de motores a combustão para elétrico, como a Noruega, França, Alemanha, Reino Unido, China... Entre as metas está a substituição da frota de carros particulares e, especialmente, a frota de transportes públicos. No Brasil o debate ainda não

adquiriu densidade ao ponto de chegar à agenda que define políticas públicas para acelerar a implementação da mobilidade elétrica, apesar das vantagens que o sistema proporciona.

Euler Macêdo destaca a viabilidade dessa transição, principalmente com relação ao transporte urbano: "No meu ponto de vista, o uso de ônibus urbanos elétricos já seria perfeitamente

viável hoje; é possível baratear o custo do serviço, porque o custo de manutenção de um veículo elétrico é muito menor. Já dominamos a tecnologia. Todas as montadoras, sem exceção, têm linhas de pesquisa em carro elétrico. Mas no Brasil persiste o modelo conservador de que essa tecnologia só estará acessível para a grande maioria daqui 20 anos. Não. Essa tecnologia já está acessível agora.", afirma Euler Macêdo.

Para o professor, está em tempo de elaborar-se políticas públicas que permitam viabilizar o desenvolvimento de veículos elétricos. "Que se tenha algum tipo de isenção que incentive os empresários a investir nesse tipo de equipamento no Brasil. Teremos um produto mais acessível e com maior abrangência."



É preciso elaborar políticas públicas que permitam viabilizar o desenvolvimento de veículos elétricos



Carros elétricos exigem mais tecnologias e mais recursos financeiros

## Investimento de alto custo

A produção de carros elétricos comerciais, para transporte de passageiros, como se sabe, requer um investimento alto. O carro comercial hoje exige alguns requisitos como o sistema de air bag, por exemplo, difíceis de produzir em carros.

"Mesmo não conseguindo competir economicamente para fazer um carro com essa característica", ressalta Euler Macêdo, "temos o potencial de fazer outros projetos como, por exemplo, carros usados em circuitos fechados, como condomínios, ou veículos para lazer, como kart, ou triciclos/quadríciclos; empilhadeiras, veículos de aeroportos para fazer o traslado de bagagens ou até de passageiros. São veículos de produção acessível que se inserem em nichos de mercado", analisa o professor.

Neste ano, por falta de recursos, a equipe da UFPB não participou da Fórmula SAE. A equipe trabalha para obter patrocínio, arrecadar fundos e está com uma campanha de crowdfunding no [www.vakinha.com.br/vaquinha/formula-e-ufpb](http://www.vakinha.com.br/vaquinha/formula-e-ufpb).

A startup KF3 também conta com investimentos externos para avançar na execução de seus projetos. Eles integram o programa StartPB, do Sebrae, pelo qual têm auxílio na formação da empresa e treinamento em gestão e negócios.





# “Pretendo continuar cantando até morrer”

Em entrevista ao Jornal A União, Genival Lacerda, 88, diz que está longe de se aposentar e fala da experiência de subir ao palco com uma orquestra

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

Conhecido em âmbito nacional como o ‘Rei da Munganga’ - cujo título é homônimo ao de um documentário sobre a vida e obra do artista paraibano dirigido pela carioca Carolina Paiva, de 2008, e do disco por ele lançado em 1964 - o cantor e compositor Genival Lacerda tem 88 anos de idade e continua na ativa. O seu último álbum, denominado Todas as Caras, por exemplo, foi lançado um ano antes do filme e não está em seus planos se aposentar. “Pretendo continuar cantando até morrer”, confessou ele para o Jornal A União.

Agora, o público terá oportunidade de assistir a mais um show na cidade de João Pessoa, que ele realizará acompanhado pelo seu filho, João Lacerda, e com a Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste no dia 22 deste mês de novembro, a partir das 20h, na Sala de Concertos Maestro José Siqueira do Espaço Cultural José Lins do Rego, localizado na cidade de João Pessoa. Os ingressos já estão à venda por R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), em ambos os casos, com mais um kg de alimento por meio do site da Sympla, ou nas lojas Furtacor (Shoppings Tambiá, Mag e Sul) e na loja Seu Patrício Boulangerie (Brisamar).

Durante a entrevista para A União, Genival Lacerda contabilizou pelo menos 10 grandes sucessos de sua carreira e foi desafiando um por um, a exemplo de ‘Radinho de Pilha’ (1999), ‘Rock do Jegue (De quem é esse jegue?)’, de 1979, ‘Galeguim do Zoi Azu’ (1988), ‘Caldinho de Mocotó’ (1985), ‘Fio Dental’ (1987) e ‘Mate o Véio’ (1999). Mas admitiu que sua longa carreira artística ficará marcada na memória dos fãs pela música ‘Severina Xique-Xique’ (1975), composta em parceria com João Gonçalves e cujo verso “ele tá de olho é na butique dela” chamou a atenção de todos. “O povo gostou e cheguei a vender cerca de 800 mil cópias. A música ainda hoje é lembrada e pedida. Por isso, não pode faltar nos meus shows”, comentou ele, justificando sua preferência pela canção.

O cantor e compositor antecipou que serão alguns desses seus maiores sucessos que estará cantando no show intitulado Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste encontra Genival Lacerda e João Lacerda. Na ocasião, o público ainda conhecerá um trabalho de preservação da música popular brasileira nordestina de qualidade - especialmente a de caráter regional, como o xote, o forró, o baião e o xaxado - desenvolvida pela orquestra, que foi criada pela Associação Cultural Balaio Nordeste, sediada na cidade de João Pessoa, desde 2011, quando o maestro Lucílio Souza assumiu a batuta.

“Essa Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste é ótima, é Classe A, porque tem um repertório que agrada e por ser um grupo que todo mundo quer escutar e ver”, comentou Genival Lacerda, que também se apresentou com a Orquestra Sinfônica da Paraíba, em julho, durante o Festival Jackson do Pandeiro. “É maravilhoso poder tocar com essas orquestras, porque é uma experiência ótima tocar o erudito com o popular, pois a música dá prazer. Enquanto estivermos agradando, vamos aceitando esses convites para apresentações”, acrescentou ele, em tom bem humorado.

## Forró de plástico

Genival Lacerda não vê com bons olhos o forró que se tornou costumeiro classificar como sendo de “plástico”, preferindo o autêntico. “O forró tradicional não cai. Pode cair para aquele que é imbecil e não sabe o que é o forró tradicional. A música de forró tradicional, regional está em primeiro lugar. O povo gosta de ouvir os sons da sanfona, da zabumba e do pandeiro”, disse ele.

O cantor e compositor ainda garantiu que vai permanecer em atividade na carreira artística. E, questionado sobre qual o segredo para essa longevidade, Genival Lacerda respondeu: “Jesus é quem manda a força e a vontade para eu continuar”.

E ainda fez questão de garantir que pretende seguir cantando até morrer. “Não vai ter outro em meu lugar, só o meu filho, João Gonçalves. É muito bom fazer esse show ao lado do meu filho, que está sempre ao meu lado todos os dias. João cuida da produção do meu trabalho, compõe e canta muito bem. É uma voz a serviço da renovação do autêntico forró. Ele é um artista de primeira linha, com 30 anos de carreira e 10 CDs lançados”, disse o artista, que nasceu na cidade de Campina Grande, em 1931, e já gravou 70 discos.



Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e veja uma performance recente de ‘Severina Xique Xique’, com Genival e João Lacerda

## SERVIÇO

■ Orquestra Sanfônica Balaio Nordeste encontra Genival Lacerda e João Lacerda  
■ Data: Sexta, 22 de novembro  
■ Hora: 20h  
■ Local: Espaço Cultural, em João Pessoa  
■ Preço: R\$ 20 (meia) + 1 kg de alimento; R\$ 40 (inteira) + 1 kg de alimento; vendas pelo site Sympla, ou nas lojas Furtacor (Shoppings Tambiá, Mag e Sul) e na loja Seu Patrício Boulangerie (Brisamar)  
■ Classificação Indicativa: Livre



## Artigo Estevam Dedalus

Sociólogo

## Brinquedos e brincadeiras

Na época da minha infância, o bairro onde moro e certos lugares nele considerados importantes, que hoje são para mim tão perto uns dos outros – como a praça, a escola, o campo de futebol, o rio, a caixa d'água e a padaria – pareciam estar separados por grandes léguas de distância. Os limites territoriais do mundo eram bem definidos, o que não se podia dizer o mesmo sobre a imaginação.

Para as crianças da minha rua a “outra rua” era o lugar mágico. Lá meninos e meninas do quarteirão se reuniam dia e noite. Brincavam de futebol, bola de gude, pião, empinar pipa, bozó, esconde-esconde, barra-bandeira, barra-dupla, bicicross, tampa-cross, garrafão, subir em árvores, sete pecados, cuscuz, polícia e ladrão, pau na lata – um jogo que lembra ligeiramente o críquete. Acontecia com muita frequência que uma dessas brincadeiras entrasse na moda e arrebatesse todas as atenções; até que, sem ninguém perceber, o interesse dissolvia no ar e se deslocava para outra novidade num ciclo místico e interminável de diversão.

Se fosse tempo de pipa, por exemplo, víamos nascer uma busca frenética por matéria-prima, capaz de pôr inveja na mais ávida corrida do ouro. Todo mundo queria lâmpadas queimadas para fazer cerol e palhas de coqueiros para construir as armações dos papagaios. Comprava-se linha dez, urso, ou náilon e papel seda nos armazinhos. Discutia-se entre os amigos mais próximos os detalhes de engenharia: cor e dimensão do brinquedo.

Depois, ato contínuo, se seguia um espetáculo colorido no céu, de manobras aéreas e combates militares, isto é, disputas para ver quem conseguia derrubar a pipa do outro. A plateia assistia tudo com indescritível aflição, como espectadores de touradas e do antigo coliseu romano. Quando isso acontecia, no auge da disputa, uma turba desenfreada de crianças corria para pegar o papagaio como se aquilo representasse a última esperança de vida – num front destruído por bombardeios inimigos. Bárbara, totalmente contrária ao princípio de propriedade, a regra era bem clara: quem conseguisse pegar o papagaio se tornaria o novo dono do brinquedo.

Nessa época muitos brinquedos eram criados pelas próprias crianças, havia ainda uma interação mais pró-



Fotos: Divulgação

xima entre as pessoas. As regras dos jogos, geralmente, dependiam das negociações entre as crianças e a tradição. A depender da região do bairro, os campinhos de pelada possuíam normas próprias, já naturalizadas por seus participantes. E isto valia também para outros jogos.

Esses tipos de brincadeiras, contudo, vêm se enfraquecendo com o avanço e a disseminação dos computadores e jogos eletrônicos, aliado à crescente sensação de insegurança e violência tão comuns aos grandes centros urbanos brasileiros. Cada vez mais as crianças estão recolhidas em casa, frente a frente com os computadores, ligadas a milhares de pessoas em rede – produzindo um espetáculo de paradoxal solidão.

Outra questão que mereceria maior destaque é o fato de que estamos formando analfabetos motores. Lembrome de uma entrevista do pesquisador da USP Luiz Roberto Rigolin, em que alerta a sociedade para esse fenômeno. Muitas crianças, hoje em dia, estariam impossibilitadas de praticar exercícios e desenvolver habilidades motoras indispensáveis para uma vida saudável devido à reclusão urbana. O que, afinal, é mais um bom argumento para repensarmos aspectos importantes da cultura e da educação dos nossos filhos.

## Crônica

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## The cow

O escritor Wills Leal me contou que, no século passado, uma vaca entrou em sua casa. Nessa época ele ainda morava na Praia de Manaíra. A mimosa subiu para o primeiro andar e ninguém viu. Não seria uma vaquinha, Wills?, indaguei.

Foi preciso chamar os bombeiros para tirar o ruminante dali. A casa de WL não tinha muro, onde ele passava o dia ouvindo “The Wall”. Aliás, não foi Wills quem me recomendou o disco da Pink Floyd “Atom Heart Mother”, que tem uma vaca na capa, o quinto da banda, de 1970.

Enfiei a cabeça na sala do cinema e vi que tinha pouca gente. Fui assistir “Parasitas”, de Bong Jooan-ho. O filme mostra que não existem planos para manutenção de um nível saudável de felicidade. Nem A, nem B. Na hora me lembrei da vaca de Wills. O experimento de chegar em casa e, ao invés de um ladrão, a pessoa dar de cara com uma vaca, não tem comparação. Se pelo menos fosse uma cabra...

De todas as maneiras de ser um bezerro gritando mamãe, sonhei duas vezes com a vaca entrando na casa de Wills, que nesse dia hospedava duas americanas lindas de Minnesota, que faziam topless na piscina, enquanto Wills distante, no Recife, assistia a série “Wills de A a Z”, de Jomard Muniz de Brito, no Teatro Santa Isabel.

Imagine uma cornucópia de mulheres na piscina do amigo Leal e ele jogando leite em pó na cara dos caretos do bairro? Ah, não sei do que eu seria capaz: se chamava o síndico, ou escreveria um ensaio bem ordenado. Resolvi tiburgar na piscina. Sim, my cow produces a lot of milk every day. Quer saber: deixei Wills na



portaria do prédio João Marques de Almeida onde Petrônio Souto o esperava para uma sessão da tarde. Antes, ainda no carro, Wills recebeu uma ligação “Diga, aqui quem fala é Wilssss. A vaca? Ela começou comendo a grama da rampinha de minha casa e chegando ao topo, onde tinha umas flores de plástico, tombou direto pra piscina”, falava ele a Folha de Pernambuco.

Corri para ver Caetano Veloso falando no Supremo. Que supremacia! Ainda hoje vejo algumas vacas com seus cônjuges pastando no final da Avenida Beira Rio e no telão o pessoal da pesada dos rodeios de Barretos. Afinal, se eu fosse prefeito daria um jeito na cidade. Será que a vaca no Google tem como assistente outra vaca, para conversar com a Siri.

Quer saber? Abri o Spotify e fui ouvir a canção “Negror dos Tempos” que Caetano Veloso fez para Maria Bethânia gravar no disco “Drama - Anjo Exterminado”, de 1972. Caetano contou a história dessa canção na

tribuna do Supremo, dizendo que a censura retirou da letra os olhos tristes da vaca.

Vejamos a letra: “Quando eu vejo você. Com seus olhos de vaca. Sua vaca, com seus grandes olhos de vaca. Sua grande vaca. Com seus olhos de vaca triste. Menina triste do meu amor”.

Quando eu era pequeno, meu pai me levava para conhecer o Brejo das Freiras, na região de Cajazeiras, mas a vaca de Wills ainda não tinha ido para o brejo. Estou triste. A vaca é um animal sagrado? Seria Adriana o grande amor de Marguerite Yourcenar?

Vamos imaginar que a vaca é gentil, além de seu delicioso filé a parmegiana, o patinho, a alcatra, a chã de dentro e de fora, na crueldade dessa vida de gado. E a vacation?

Deixe a vaca pra lá: eu li que o STF manteve prisão de um homem que furtou um rádio de 70 reais. Quero ver quem vai cobrar pedágios da cow de Wills.

## Kapetadas

1 – Olha, muita gente tá achando que os bandidos serão soltos e o Brasil vai entrar em colapso. Calma, gente, não é bem assim. Muitos nem presos estão.

2 – Às vezes acho que vou ficar louco, mas aí as vozes na minha cabeça me dizem que não. Tá craude brô. - Você e tu. - Lhe amo!

3 - Atenção cadáveres: quem não alcançar em vida o tempo de se aposentar terá direito ao benefício após a exumação.

3 – Som na caixa: “É que o urubu tá querendo comer, mas o boi não quer morrer, não tem alimentação”, Baianos e os Novos Caetanos.

## ‘Ford vs. Ferrari’: Bale mira em outro Oscar

Folhapress

Christian Bale é um vira-casaca. Desde 2015, o ganhador do Oscar de melhor ator por *O Vencedor*, de 2010, estava comprometido a protagonizar o filme sobre a vida de Enzo Ferrari, o fundador da montadora de carros de luxo.

Ele começou a aprender o dialeto de Modena, utilizado por Ferrari quando estava ao lado de concorrentes italianos, bebeu o lambrusco preferido do dono da escuderia, jantou no restaurante onde costumava fazer suas refeições e ganhou peso.

Três anos atrás, no entanto, Bale abandonou o projeto que seria dirigido por Michael Mann e teria gente como Tom Cruise e Brad Pitt no elenco. Agora, aparece em *Ford vs. Ferrari*, em cartaz nos cinemas desde quinta-feira, mas no papel do adversário Ken Miles, piloto contratado pela americana Ford para derrotar a italiana Ferrari na prova 24 Horas de Le Mans, em 1966.

“Era um roteiro fantástico, mas comecei a sentir que teria um ataque cardíaco ao engordar. Meu corpo estava gritando: ‘Você não pode fazer isso agora’. Precisei parar e perder peso”, conta Bale à Folha.

Matt Damon, que faz o papel de Carroll Shelby, ex-piloto e engenheiro contratado por Henry Ford 2º (Tracy Letts) para construir o carro capaz de superar a Ferrari no circuito francês, se antecipa à reportagem ao questionar a presença de um Bale gordo em *Vice*, biografia do ex-vice-presidente americano Dick Cheney, lançada ano passado.

“Falei que não ia fazer o filme, mas encontrei uma nutricionista que prometeu me engordar sem parecer que eu estava morrendo. Basicamente, comi apenas arroz e ovos. Gostaria de retornar ao papel. Quem sabe não vivo Enzo Ferrari encontrando Ken Miles”, brinca o ator, que volta a emagrecer em *Ford vs. Ferrari* e já ganha força para o Oscar.

Na verdade, o longa de James Mangold (*Logan*) é um daqueles filmaços raros no atual cinema americano, sem super-heróis ou temas que ganham forças nas redes sociais adolescentes. Outro exemplar seria *O Irlandês*, de Martin Scorsese, mas esse é produzido pela gigante do streaming Netflix.

“É até estranho receber uma oferta de uma história original”, revela Damon. “Não há possibilidade de franquia. É um filme e pronto.”

Por isso mesmo, a batalha para dar vida à produção vem desde 2010. Nenhum executivo queria arriscar investir US\$ 100 milhões em um filme original sobre pilotos de corridas dos anos 1960. Depois do sucesso de “Logan”, Mangold ganhou o sinal verde da Fox. Tudo parecia encaminhado e as filmagens seguiam fortes.

Então, no meio do processo, o estúdio foi comprado pela rival Disney. Com dezenas de adiamentos e cancelamentos de outros longas, o futuro da obra parecia incerto até os novos executivos perceberem seu potencial para o Oscar.

A chegada da Disney pode ser comparada ao tema do filme. A Ford, uma montadora gigantesca, deseja humilhar a Ferrari depois de um acordo frustrado, e decide criar uma equipe de corridas. Mas o time de marketing e a diretoria têm dificuldades em aceitar o brilhante porém rebelde Ken Miles, um piloto veterano da Segunda Guerra.

“Conversamos sobre isso enquanto estávamos filmando, inclusive com os executivos. E claro que existe uma correlação que torna difícil não perceber (a ironia)”, confirma Damon. “Há o paralelo com a arte de fazer cinema, algo que fez eu me identificar com o personagem. Não dou a mínima para carros, mas sei como alguém se sente tentando fazer algo com um grupo de chefões bancados por uma grande corporação.”

Bale, por sua vez, diz que sua atração foi pelo Miles paternal. “Ele tinha obviamente uma paixão eterna pelas corridas, mas agora era pai. Será que ele conseguiria seguir esse sonho tão perigoso?”, explica o astro, que, mesmo adorando motociclismo, não conhecia a história do piloto britânico que interpreta. “É um grande herói desconhecido.”

Parte disso vem da famosa prova de 1966 em Le Mans, recriada com perfeição por Mangold. Miles chega como um dos pilotos da Ford e com duas importantes vitórias no mesmo ano. “O que acontece depois que Miles cruza a linha de chegada renderia outro filme de seis horas”, exalta Christian Bale.

“Você tem o homem e a máquina, que ele controla como ninguém. De repente, surgem as burocracias, regras e federações gritando palavras de ordem contra ele. Ao entrar no carro, estava no seu território. O problema era quando ele saía dele.”



Christian Bale vive piloto contratado pela Ford para derrotar a Ferrari



## Cinema

**Alex Santos**  
Cineasta e professor da UFPB

# De rebento em rebento, cinema paraibano segue de “pacarrete”

Não fora a existência de um refulgente arco-íris de estrelas que temos, o cinema paraibano, na época atual, jamais teria a representatividade que está tendo, dentro e fora do estado. Marcélia, Zezita, Lucy, Soia, Ingrid... (apenas, para citar as mais recentes, desde os tempos de Nau-tília, Margarida...) já são nomes que hoje despontam numa constelação poucas vezes registrada na história do nosso cinema. Fadários sensíveis e não menos sujeitos à própria mudança que vem passando a arte-do-filme em seu “sens élvé” mais formal, representativo.

Alguns longas que ora despontam lá fora, a rigor, não são inteiramente paraibanos, a não ser pelos nossos atores e atrizes. Mas trazem, de algum modo, a marca indelével de nossas produções, nesse mais de meio século de história. Um cinema, é verdade, agora travestido de uma sofisticação tecno-narrativa mais incisiva, buscando recursos que os tempos eletrônicos de hoje oferecem e que, outrora, não tínhamos.

Não que tais artifícios simulem algum demérito à obra em si. Não seria realmente o caso, mas tem facilitado na execução e amplitude das narrativas, propondo uma nova visualização – quando não, sob exageros. Inova-



Foto: Divulgação

Atriz paraibana Marcélia Cartaxo é a “Pacarrete”

ções às quais está a se reder o cinema meramente artesanal praticado nos tempos idos. E isso, por existirem as atuais facilidades do sistema digital de imagem.

É com satisfação que vimos presenciando o sucesso de uma simplória “Pacarrete” do interior, numa “mise en scène” simbólica, ao mostrar com uma simples vassoura seu devaneio em querer ser uma bailarina. O que nos faz lembrar, embora sob um outro contexto narrativo,

um grande musical da Broadway com Gene Kelly, “Cantando na Chuva”. Só que, naqueles tempos, um bailado feito com um mero guarda-chuva e não com uma vassoura, até porque as “bruxas de Salem”, convenhamos, ainda não tinham sido propostas como mito cinematográfico. O que daria no mesmo, em sendo visões de sonhos; de amores e desejos aspirados por uma simples pacarrete...

Se é verdade que “Pacarrete” é uma personagem intensa, caricata, dotada de uma mescla de loucura e irreverência, deve ser vista também na sua mais firme essência: “forte como um mandacaru”. Aliás, o que terá sido uma “fala” (monólogo) de desabafo da própria personagem no filme. O que justificaria a tese de que, “todo artista tem um pouco de loucura”. E o que seria a obra de arte senão o produto de uma mente rigorosamente diferenciada, espontânea, criativa...?

Pois bem, que sejam dados os cumprimentos à grande estrela paraibana do momento. A nossa Marcélia (Pacarrete) Cartaxo, pelo domínio espontâneo e desenvoltura de uma figura que torna simbólica a sua atuação no cinema. Mesmo sem levarmos em conta se, hoje, estaríamos festejando a mais uma “hora da estrela”. – Mais “coisas de cinema”, acesse: [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br).



## Cinema como estratégia na educação

Meritória deve ser considerada a iniciativa da Fundação Casa de José Américo, com o lançamento do projeto “Cinema e Escola: a sétima arte como estratégia educativa”. Objeto de uma parceria com a Secretaria de Estado da Educação e Escola Sesquicentenário.

O projeto foi aberto na quarta-feira passada, à tarde, pelas professoras Janete Lins Rodrigues e Lúcia Guerra, que falaram sobre Museus e Arquivos, dando ênfase aos seus conteúdos para formação também nas escolas. Nessa ocasião, foi exibido “Saneamento Básico” de Jorge Furtado. A presidência da Academia Paraibana de Cinema, através desta nota, aplaude a iniciativa

## Em cartaz

### ESTREIAS DA SEMANA

**As Panteras** (Charlie's Angel. EUA. Dir.: Elizabeth Banks. Ação. 14 Anos). Quando um jovem engenheiro de sistemas soa o alarme a respeito de uma perigosa tecnologia, as Panteras são chamadas à ação e colocam suas vidas em risco para proteger a todos. Novo reboot inspirado na série de 1976. **MAG 4** (dub.): 16h, 16h30, 19h; **MAG 4** (leg.): 21h30. **Manaira 9 Macro XE** (dub.): 13h30 (sáb. e dom.), 18h30h; **Manaira 9 Macro XE** (leg.): 16h, 21h. **Mangabeira 5** (dub.): 13h30, 16h, 18h45, 21h30. **Tambá 6** (dub.): 14h10, 16h25, 18h40, 20h55.

**Azougue Nazaré** (Brasil. Dir.: Tiago Melo. Drama. 14 anos). Em uma casa isolada em um imenso canal, moram o casal Caita e Irmã Darlene. Caita esconde que participa do Maracatu. Darlene é fiel da Igreja do Pastor Baracchini, um antigo mestre de maracatu convertido à religião evangélica, que se vê na missão de expulsar o demônio do Maracatu, evangelizando toda a cidade. Em meio ao canal, um Pai de Santo pratica um ritual religioso com cinco cabodós de lã. Os cabodós ganham poderes, incorporam entidades e desaparecem. A cidade de Nazaré da Mata testemunha acontecimentos misteriosos. **Cine Bangüê**: Qui (14/11): 17h; Dom (17/11), 18h; Qua (20/11), 20h30.

**Diz a Ela Que Me Viu Chorar** (Brasil. Dir.: Maira Bühler. Documentário. 16 anos). O cotidiano de moradores de um hotel no centro de São Paulo, que participam de um programa municipal prestes a ser extinto, de redução de danos causados pelo uso abusivo de crack. **Cine Bangüê**: Qui (14/11): 19h; Ter (19/11), 19h.

**Ford vs Ferrari** (Ford v. Ferrari. EUA. Dir.: James Mangold. Drama. 12 Anos). O designer de carros americano Carroll Shelby (Matt Damon) e o motorista Ken Miles (Christian Bale) lutam contra a interferência corporativa, as leis da física e seus próprios demônios pessoais para construir um carro de corrida revolucionário para a Ford e desafiá-la Ferrari nas 24 horas de Le Mans em 1966. **MAG 1** (leg.): 21h; **MAG 2** (dub.): 14h. **Manaira 6** (leg.): 15h, 21h15; **Manaira 6** (dub.): 12h (sáb. e dom.), 18h15; **Manaira 10 VIP** (leg.): 14h, 17h30, 20h45.

**Invasão ao Serviço Secreto** (Angel has fallen. EUA. Dir.: Ric Roman Waugh. Ação. 14 Anos). Mike Banning (Gerard Butler) é acusado de tentar matar o presidente (Morgan Freeman) e deve fugir da sua própria agência e do FBI enquanto tenta descobrir a verdade por trás do atentado. Sequência de “Invasão a Casa Branca” (2013) e “Invasão a Londres” (2016). **Manaira 7** (dub.): 13h45 (sáb. e dom.), 16h30h, 19h30. **Mangabeira 2** (dub.): 19h45, 22h15. **Tambá 2** (dub.): 16h15, 18h30, 20h45.

**Os Parças 2** (Brasil. Dir.: Cris D'Amato. Comédia. 12 Anos). Tonho (Tom Cavalcante), Ray Van (Whindersson Nunes) e Piôra (Tirulipa), três dos nossos Parças, gostam à larga num hotel de luxo. Tudo parece ir muito bem, mas a visita de Romeu (Bruno de Lacerda) muda as coisas, e os Parças precisam fazer funcionar uma decadente colônia de férias para adolescentes para conseguir dinheiro. **MAG 1**: 16h30, 18h45; **MAG 2**: 21h45. **Manaira 5**: 13h (sáb. e dom.), 15h20, 17h45, 20h15; **Manaira 8**: 14h (exceto sáb. e dom.), 16h45, 19h15 (sáb. e dom.), 22h; **Mangabeira 1**: 14h30, 17h, 19h30, 22h. **Tambá 4**: 14h50, 16h50, 18h50, 20h50.

**Pré-estreia**  
**A Vida Invisível** (Brasil. Dir.: Karim Ainouz. Drama). Rio de Janeiro, 1950. Eurídice, 18, e Guida, 20, são duas irmãs inseparáveis que sonham, uma, em se tornar uma pianista profissional; a outra, encontrar o amor verdadeiro. As duas são separadas pelo pai e forçadas a viver distantes. Sazonhas, elas irão tomar os destinos dos seus destinos, enquanto lutam para se reencontrar. Filme escolhido para representar o Brasil no Oscar. **Manaira 1**: 20h30 (sex. e sáb.).

**Medo Profundo - O Segundo Ataque** (47 Meters Down: Uncaged. Reino Unido/EUA. Dir.: Johannes Roberts. Suspense). Quatro jovens garotas encontram uma

cidade submersa enquanto mergulham, mas não demoram a descobrir que estão presas em um labirinto de cavernas submersas, onde esperto uma das espécies mais mortais de tubarão. Continuação de “Medo Profundo” (2017). **Mangabeira 3** (dub.): 21h (somente qua.).

**Midway - Batalha em Alto Mar** (Midway. China/EUA. Dir.: Roland Emmerich. Ação/História). A verdadeira história por trás da batalha mais importante da Guerra do Pacífico, que foi crucial para a vitória dos Aliados na 2ª Guerra Mundial. Um relato de amizade, sacrifício e coragem dos homens que, contra todas as previsões, triunfaram diante de um poderoso adversário: a força naval japonesa. Refilmagem de “A Batalha de Midway” (1976). **Manaira 11 VIP** (leg.): 22h30 (somente qua.).

**CONTINUAÇÃO**  
**A Família Addams** (Addams Family. EUA. Dir.: Greg Tiarman, Conrad Vernon. Animação. Livre). A Família Addams está de volta às telonas na primeira animação de comédia sobre o dia mais excêntrico do pedego. Engraçado, estranho e completamente icônico, a Família Addams redefine o que significa ser um bom vizinho. **Manaira 1** (dub.): 13h10\* (sáb. e dom.), 15h30, 18h. **Mangabeira 3** (dub.): 14h\*, 16h15\*, 18h30\* (exceto seg.). **Tambá 1** (dub.): 14h45, 16h45, 18h45.

**Ambiente Familiar** (Brasil. Dir.: Torquato Joel. Drama. 12 anos). A vida fez com que Alex (Alex Oliveira), Fagner (Fagner Costa) e Diógenes (Diógenes Duque) vivêssem situações que fizeram com que eles se unissem, como uma família. Nesta produção paraibana, passado e presente se misturam para mostrar como cada um lidou com as adversidades da vida. **Cine Bangüê**: Sáb (16/11): 16h; Qua (20/11), 18h30.

**Bacurau** (Brasil, França. Dir.: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Ação, Faroeste, Suspense. 16 anos). Num futuro recente, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, some misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinatos inexplicáveis começam a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável? **Cine Bangüê**: Dom (17/11), 15h; Ter (19/11), 16h30.

**Cadê Você, Bernadette?** (Where'd you go, Bernadette? EUA. Dir.: Richard Linklater. Comédia/Drama. 16 anos). Antes de viajar com sua família para a Antártica, uma arquiteta que sofre de agorofobia - o medo de estar em lugares abertos ou em meio à multidões - some sem deixar pistas. Sua filha, através de e-mails, sessões com sua psicóloga, cartas e outros documentos, tenta descobrir para onde sua mãe foi. **Manaira 11 VIP** (leg.): 14h30.

**Coringa** (Joker. EUA, Canadá. Dir.: Todd Phillips. Drama). Arthur Fleck (Joaquim Phoenix) trabalha como palhaço para uma agência de talentos e, toda semana, precisa comparecer a uma agente social, devido aos seus conhecidos problemas mentais. Após ser demitido, Fleck reage mal à gozação de três homens em pleno metrô e os mata. Os assassinatos iniciam um movimento popular contra a elite de Gotham City, da qual Thomas Wayne (Brett Cullen) é seu maior representante. **Manaira 4** (dub.): 20h. **Mangabeira 2** (dub.): 20h30\* (exceto seg.); **Tambá 3** (dub.): 21h.

**Doutor Sono** (Doctor Sleep. EUA. Dir.: Mike Flanagan. Terror. 16 Anos). Ainda extremamente marcado pelo trauma que sofreu quando criança no Hotel Overlook, há 40 anos, Dan Torrance lutou para encontrar alguma paz. O que acaba quando ele encontra Abra, uma adolescente corajosa com um dom extra-sensorial, conhecido como “Brilho”. Continuação de “O Iluminado” (1980). **Manaira 3** (leg.): 15h45, 21h45. **Mangabeira 3** (dub.): 21h (exceto seg. e qua.). **Tambá 1** (dub.): 20h45.

**Dora e a Cidade Perdida** (Dora and the Lost City of Gold. EUA. Dir.: James Bobin. Aventura. 10 Anos). As aventuras de Dora junto com o seu macaco Botas e a sua mochila

folante. Os anos se passaram e novas responsabilidades surgiram na vida de Dora. Live action inspirado na animação Dora. A Aventureira. **MAG 1** (dub.): 14h15; **MAG 2** (dub.): 17h15, 19h30. **Manaira 3** (dub.): 12h (somente sáb. e dom.), 15h10, 17h15. **Mangabeira 2** (dub.): 12h45 (somente sex. sáb. e dom.), 15h, 17h30. **Tambá 5** (dub.): 14h30, 16h30, 18h30.

**Link Perdido** (Missing link. EUA. Dir.: Chris Butler. Animação. 10 Anos). O Sr. Link recruta o explorador Sir Lionel Frost para ajudar a encontrar seus parentes, há muito perdidos no lendário vale de Shangri-La. Junto com o aventureiro Adelina Quinzena, este trio de exploradores viaja pelo mundo para ajudar seu novo amigo. **Tambá 2** (dub.): 14h.

**Malévola - Dona do Mal** (Maleficent: Mistress of Evil. EUA. Dir.: Joachim Runnig. Aventura, Fantasia. 10 anos). Nesta sequência do sucesso de 2014, Malévola e sua afilhada, Aurora, começam a questionar os complexos laços familiares que as prendem à medida que são puxadas em direções diferentes por casamentos, aliados inesperados e novas forças sombrias em jogo. O iminente casamento de Aurora com o príncipe Phillip é motivo de comemoração no reino de Ulstead e no reino dos Moors, pois o casamento servirá para unir fadas e humanos. Quando um encontro inesperado introduz uma nova e poderosa aliança, Malévola e Aurora são separadas para lados opostos em uma Grande Guerra, testando sua lealdade e fazendo com que elas questionem se podem ser verdadeiramente familiares. **Manaira 2** (dub.): 13h20 (sáb. e dom.), 16h, 19h. **Mangabeira 3** (dub.): 13h\*, 18h15\* (exceto seg.). **Tambá 3** (dub.): 16h15, 18h30, 20h45.

**O Exterminador do Futuro - Destino Sombrio** (Terminator: Dark Fate. EUA, China. Dir.: Tim Miller. Ação/Ficção Científica. 14 Anos). Sarah Connor está de volta. Ela e um ciborgue híbrido humano devem proteger uma garotinha de um novo Exterminador, que vem do futuro para exterminá-la. **Manaira 1** (dub.): 20h30 (exceto sex. e sáb.); **Manaira 3** (leg.): 12h45 (sáb. e dom.), 18h45. **Mangabeira 3** (dub.): 15h30 (exceto seg.). **Tambá 5** (dub.): 16h15, 18h30, 20h45.

**Papicha** (Papicha. Argélia, França, Bélgica, Qatar. Dir.: Mounia Meddour. Drama. 16 anos). Argélia, anos 1990. Nedjima, uma estudante de 18 anos apaixonada por design de moda, se recusa a deixar que os trágicos acontecimentos da Guerra Civil da Argélia a impeçam de experimentar uma vida normal e sair à noite com sua amiga Wassila. À medida que o clima social se torna mais conservador, ela rejeita as novas proibições impostas pelos radicais e decide lutar por sua liberdade e independência apresentando um desfile de moda. Indicado da Argélia ao Oscar de Filme Internacional. **Cine Bangüê**: Sáb (16/11): 18h; Seg (18/11), 19h.

**Parasita** (Parasite. Coreia do Sul. Dir.: Bong Joon-ho. Drama/Suspense. 16 anos). Todos os quatro membros da família Ki-tek estão desempregados, porém uma obra do acaso faz com que o filho adolescente comece a dar aulas privadas de inglês à rica família Park. Fascinado com o estilo de vida luxuoso, os quatro bolam um plano para se infiltrar nos afazeres da casa burguesa. É o início de uma série de acontecimentos incontroláveis dos quais ninguém sairá ileso. **Manaira 11 VIP** (leg.): 22h30 (exceto qua.).

**Rainha de Copas** (Drammingen. Dinamarca. Dir.: May el-Toukhy. Drama. 18 anos). Anne é uma advogada do direito das crianças e dos adolescentes. Acostumada com lidar com jovens complicados, ela não tem muitas dificuldades para estreitar laços com seu enteado Gustav, filho do primeiro casamento de seu marido, Peter, que acaba de se mudar para sua casa. No entanto, a relação que deveria ser maternal se torna uma relação romântica, envolvendo Anne em uma situação complexa, arriscando a estabilidade tanto de sua vida pessoal quanto profissional. **Manaira 8** (leg.): 14h (sáb), 19h15 (qui, sex, seg, ter, qua.).

# Letra Lúdica

**Hildeberto Barbosa Filho**  
[hildebertobarbosa@bol.com.br](mailto:hildebertobarbosa@bol.com.br)

## O meu Roland Barthes

A revista Cult traz dossiê acerca de Roland Barthes, por ocasião do centenário de seu nascimento. Nada mais merecido. Barthes é um desses pensadores seminais, principalmente para aqueles que se interessam, em primeira mão, pelas letras e pelas artes, sem descurar, é óbvio, o interesse mais geral pelos caminhos e descaminhos dos atores humanos.

Jovem, estudante de letras, na UFPB, me vi às voltas com o ensaísta francês, através das aulas do professor Ivaldo Bittencourt, recém-chegado de Paris, orgulhoso do “Tré bien”, na viva voz do mestre, após defesa de tese na Sorbonne. Mas o Barthes que o saudoso professor me apresentou, no rigor técnico de sua terminologia estruturalista, no mais das vezes cifrada e esotérica, foi o Barthes semiólogo. Dizem, o primeiro Barthes, aquele cioso de um conhecimento científico do universo textual, em particular da prosa narrativa, investigada no âmbito de suas funções internas, catálises, actantes e outras categorias que impactavam a ignara cabeça do neófito em teoria literária.

Só mais tarde, depuradas as peripécias de um leitor confuso, em meio ao obscurantismo de doutrinas mal assimiladas que aportavam aqui como verdades novas e absolutas, foi que me aproximei, e desta feita, definitivamente, do Barthes que aprendi a amar, apesar das distorções impostas pela semiótica de certos mestres. Mestres que, aparentando um domínio acadêmico sobre os fechados procedimentos metodológicos, faziam falar as teorias, ao mesmo tempo em que silenciavam a voz aberta dos textos.

Falam, assim, de um segundo Barthes, um Barthes traquinas e rebelde perante à geometria dos conceitos e das classificações, extremamente livre no diálogo que estabelece, enquanto leitor, com os interstícios e as entrelinhas do texto, na busca intensa e lúdica do plural de sentidos que circula em suas malhas e que gira, ad infinitum, na esfera distendida da significação, ou melhor, da significância e da escritura.

É o Barthes de “O prazer do texto”, dos “Fragmentos de um discurso amoroso”, de “A câmera clara”, de “Roland Barthes por Roland Barthes” e, sobretudo, de “Aula”. Este, por sua vez, espécie de sùmula de seu pensamento estético e de sua concepção mais fecunda acerca da linguagem e do saber.

É este o Barthes que amo e que me surpreende na aventura renovada de cada releitura. Um Barthes que mistura a límpida lógica de uma razão sensível, intelectual e criativa ao mesmo tempo, com os perdidos secretos do corpo, e que, como um poeta da crítica, desvela as clareiras invisíveis e instigantes no arquivo das palavras, proclamando o pulsar das vozes do outro.

Este é o Barthes estético, portanto, ético. O Barthes pedagógico por excelência. O Barthes da maternagem, socrático, cético. Aquele que não concebe a aprendizagem sem prazer, a leitura sem a fruição. Aquele que vai além do ensino e que ultrapassa as fronteiras da pesquisa, para se entregar, inteiro e livre, à aprendizagem do desaprender. Enfim, o que, ao conhecimento prefere a sapiência, ou, como ele mesmo afirma, no final de sua célebre aula no Colégio de França: “(...) nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível”.

## Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] □ Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Eudaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]



# Apoiado em diários, livro traz retrato íntimo de Celso Furtado

Organizado pela viúva do economista, 'Celso Furtado: Diários Intermitentes 1937 - 2002' será lançado nesta segunda

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

Celso Furtado: Diários Intermitentes 1937 - 2002 é o título do livro que a viúva do economista, a escritora Rosa Freire D'Águilar, lançará nesta segunda-feira, a partir das 18h30, na sede da Academia Paraibana de Letras, em João Pessoa. Na ocasião, a obra - publicada pela Companhia das Letras, que resgata, dos arquivos pessoais do saudoso paraibano (1920 - 2004), anotações, inclusive de cunho mais íntimo, totalmente inéditas deixadas por ele, ao longo de 65 anos de sua vida - será tema de debate com as participações da própria autora e dos escritores Damião Ramos Cavalcanti, que é o presidente da APL e secretário de Estado da Cultura, José Otávio de Arruda Melo, Juarez Farias e Rômulo Polari.

"O sentimento que eu tenho, como viúva de Celso, de lançar o livro na Paraíba, é muito profundo porque, na verdade, os diários começam na Praia de Tambaú, em João Pessoa. As primeiras anotações são feitas quando ele é um jovem que está estudando no Liceu Paraibano e vai passar alguns dias, durante o verão, numa casinha de pescadores muito pobres, que a avó dele alugava em Tambaú", confessou para o Jornal A União a escritora Rosa Freire, que fez a organização e assina a apresentação e as notas da obra. "Eu acho que, nas entrelinhas desse diário, existe um perfil muito profundo de quem foi Celso e o que ele pensou, o que ele agiu. Então, eu acho que esse livro, de certa forma, complementa a obra autobiográfica de Celso, que é formada por três volumes", disse ela.

A autora ainda ressaltou que foi naquela época de jovem, em João Pessoa, que Celso Furtado registrou seu dese-



"Eu acho que, nas entrelinhas desse diário, existe um perfil muito profundo de quem foi Celso (em foto de 2002) e o que ele pensou", afirma Rosa

jo de, futuramente, vir a lançar uma obra. "Foi ali, na Praia de Tambaú, que ele diz que quer escrever a história da civilização brasileira. E, de fato, foi o que ele acabou escrevendo com o livro Formação Econômica do Brasil. Então, acho que esses diários também vão ser muito próximos dos paraibanos, porque conta muito a vida dos jovens e que estudaram no Liceu Paraibano, o nome das pessoas e o ambiente da cidade de João Pessoa no final dos anos 1930. Depois, a volta de Celso ao Brasil, após dez anos de exílio, e quando retorna, volta ao Nordeste e vai à Paraíba. Eu acho que (esse material) tem muita ligação com a Paraíba e, evidentemente, para mim é um prazer poder apresentar esses momentos da

vida de Celso tão ligados ao Estado", disse ela.

"Eu creio que esse livro vai revelar uma faceta mais íntima de Celso. Celso é um sertanejo de Pombal que sempre foi uma pessoa muito reservada, de não entrar muito em problemas pessoais, nem dele nem dos outros. Este livro não é de maledicência, não é livro de fofocas, não é nada disso. São notas importantes que ele tomou vida a fora, um pouco para refletir sobre ele mesmo, um pouco situações complicadas e delicadas que ele enfrentou", antecipou a escritora.

Rosa Freire garantiu que o conteúdo do livro é totalmente inédito. "Eu nunca tinha publicado esses diários e, na verdade, eu conhecia um só caderno em que Celso tinha escrito os seus diários quando ele foi para a guerra com um contingente da FEB (Força Expedicionária Brasileira) em 1944 e voltou em 1945. Quando ele foi, le-

vou um caderno onde escreveu correspondências de diários de guerra, que eu já conhecia, mas o resto, tudo mais é inédito. Eu acho que é um material muito rico para quem pesquisa a obra dele, ou quer apenas conhecê-lo um pouco melhor, o que ele foi para o mundo a fora, como primeiro superintendente da Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste); depois ministro do Planejamento do Governo João Goulart; depois os 20 anos de exílio e depois a volta, com a luta pela redemocratização do país; o Ministério da Cultura; as dezenas de comissões internacionais das quais Celso participou, tudo isso está muito presente no livro, que traz revelações curiosas e muito importantes", afirmou ela.

Segundo a escritora, Celso foi ora ator, ora observador de momentos decisivos do século 20. "Quase sempre ele esteve nos dois papéis, simultaneamente", afirma. "O que eu des-

tacaria é que nesses diários têm muitos perfis bons e bem feitos por ele de pessoas que cruzou pela vida a fora, como Ulysses Guimarães, Henry Kissinger, Fernando Henrique Cardoso, Tancredo Neves, Roberto Campos, Fernand Braudel, um dos grandes historiadores do século 20... Enfim, todos esses registros são muito saborosos, feitos no tom um pouco confessional. Eu acho que, com a distância, eles ganham uma inegável dimensão histórica", observou Rosa Freire.

## Centenário em 2020

O próximo ano vai marcar, entre outros eventos, o centenário de nascimento de Celso Furtado. Nesse sentido, a viúva do economista antecipadamente agradeceu as instituições que pretendam comemorar o transcurso dessa data na Paraíba. "Eu só tenho que agradecer muito, muito o empenho do pessoal que está fazendo, imaginando colóquios, prêmio

Celso Furtado, Medalha Celso Furtado, reuniões acadêmicas e seminários sobre Celso", confessou ela.

"Eu acho que Celso é muito mais do que um pensador só da Paraíba. Ele foi o pensador do Nordeste e, mais do que do Nordeste, ele foi o pensador do Brasil. E diria que, mais do que do Brasil, ele foi o pensador do mundo em que lhe coube viver. Ele viveu muitos anos fora do país e, no Brasil, sempre pensando permanentemente o Nordeste como uma vertente do país. Ele tratava os problemas do Nordeste como sendo do Brasil, e não do Nordeste. Esse legado todo de Celso vai ter grande oportunidade de ser mostrado aos paraibanos como ele foi, o que ele escreveu, sobre o que ele pensou, ele refletiu e o que hoje em dia se pode detectar na obra dele, na vida dele que pode trazê-lo para a atualidade, que está merecendo novas reflexões e novos pensamentos", concluiu Rosa Freire.

Fotos: Giuseppe Bizzari/Folhapress-divulgação



## Peça baseada no legado de Paulo Freire chega hoje a JP

**Cairé Andrade**  
caireandrade@gmail.com

Em circulação nacional, Paulo Freire, o Andarilho da Utopia passa por João Pessoa neste domingo. Com duas apresentações gratuitas, o espetáculo será apresentado hoje, às 16h, na Praça da Independência, e terça-feira (19), às 20h, no Anfiteatro do Centro Cultural da Casa da Pólvora (Ladeira São Francisco, 152 - Centro). A classificação indicativa é de 12 anos.

O diretor, Luiz Antônio Rocha, teve a ideia inicial do espetáculo há nove anos, após assistir a uma entrevista de Paulo Freire. O ator carioca Richard Rigueti explica que a primeira providência dos dois foi visitar Nita Freire, viúva do educador, morto em 1997. "Passamos uma tarde com ela conversando sobre a vida dele e fomos recebidos com muito carinho. Uma de suas frases

mais significativas foi 'façam um espetáculo à altura de Paulo'. Agora que estreamos e estamos com 75 apresentações, acredito que conseguimos nos aproximar ao seu pedido", explica o ator, satisfeito com o resultado. Richard decidiu, então, retomar o contato sobre o projeto com Luiz Antônio Rocha no ano passado. A ideia da peça consiste, além de uma homenagem ao educador e filósofo, uma comemoração aos 40 anos de vida artística de Richard.

Para o diretor, Luiz Antônio Rocha, Paulo Freire representa "um homem que acreditou com profunda sabedoria na beleza da vida, do encontro, da natureza, da gente, dos animais. Um homem que sabia, como poucos, fazer com que todos se sentissem importantes para o mundo, participantes desse mundo".

O espetáculo, sem recurso de edital, estreou dia 28 de

março deste ano e passou, durante esta semana, por Nova Iguaçu, Parati, Rio de Janeiro e Campina Grande. Após João Pessoa, o grupo seguirá para Mataraca, retorna ao Rio de Janeiro e volta novamente ao Nordeste para três cidades do interior do Rio Grande do Norte.

Com dramaturgia de Junio Santos, a preparação do material para o espetáculo foi a partir de leituras de textos que cada um da equipe achava interessante e, então, o grupo começou a "costurar essa dramaturgia de textos dele e dos que dialogam com ele".

Depois disso, foram incluídas brincadeiras de palhaço e canções, além de fatos atuais sobre cultura, política, arte e esporte, de acordo com Richard. Para o ator, Paulo Freire dialoga constantemente com os diferentes.

"Ele distribuía empatia por onde passava, propu-



'Paulo Freire, O Andarilho da Utopia' será apresentado hoje na Praça da Independência, e terça na Casa da Pólvora

nha um apreço pelo diálogo, pela democracia, com afeto. Acredito que ele seja um dos grandes nomes brasileiros, junto com o antropólogo Darcy Ribeiro e o sociólogo Betinho. São pessoas como eles que contribuem para que nos tornemos uma nação democrática, soberana e amorosa", conclui.

A história se passa no in-

terior de Pernambuco onde, à sombra de uma mangueira, um menino com um graveto na mão inicia o seu processo de leitura do mundo. Com a crise de 1929, é submetido à fome, assim como grande parte da população brasileira. Com intuito de minimizá-la, percorreu quintais alheios - jaqueiras, mangueiras, cajueiros, pitangueiras.

Na infância da juventude, uma outra fome ocupa o seu tempo: as palavras. Movido pelo desejo de liberdade de si e dos outros, sonha com a justiça, com a equidade, com a superação dos obstáculos impostos por uma sociedade opressora e propaga nos homens e nas mulheres mais simples a vocação para o "ser mais".

Foto: divulgação

### SERVIÇO

- Lançamento: Paulo Freire, o andarilho da utopia
- Data: Hoje.
- Horário: 16h.
- Local: Praça da Independência - João Pessoa/PB.
- Entrada: Gratuita





# Dez deputados da ALPB vão tentar prefeituras já em 2020

Nesta relação há vários tipos de pré-candidatos, de olho em diferentes cidades da Paraíba. Muitos poderão se licenciar

**Ademilson José**  
ademilson2019jose@gmail.com

Pelo menos dez dos atuais 36 deputados estaduais poderão se afastar da Assembleia Legislativa para disputar um mandato de prefeitos nas eleições do próximo ano, alguns deles em cidades da região metropolitana de João Pessoa e outros em municípios do interior do Estado.

A relação engloba vários tipos de pré-candidatos, especialmente aqueles que dizem que tudo depende do povo ou mesmo dos seus respectivos partidos, exceção para Eduardo Carneiro, do PSDC, que nem gosta de usar os termos pré e, nem muito menos, depende.

"Sou candidato a prefeito de João Pessoa e isso não depende de partido nem de ninguém", afirma o deputado, ao observar que isso também não significa dizer que esteja rejeitando votos de ninguém e nem muito menos apoios de lideranças políticas com atuação na política da capital.

Eduardo se diz preparado e com desejo de servir à população de João Pessoa porque gosta da cidade e porque esse sempre foi um sonho que alimenta desde o começo de sua carreira política como vereador. Explica que, por causa disso, independentemente de partidos e correntes políticas, está de fato decidido a concorrer, esperando que ao longo dos meses possa contar com apoio de lideranças políticas e, sobretudo, da população da capital.

Entre essas lideranças, ele destaca o próprio prefeito Luciano Cartaxo (PV) cuja gestão, na opinião de Eduardo Carneiro, deverá exercer influência muito positiva nos resultados do pleito do próximo ano. "Mas é como disse: sou candidato com ou sem o apoio do prefeito", resume o parlamentar, ao rechaçar, desde já, qualquer tipo de insinuação dando conta de que essa sua decisão represente um abandono do mandato de deputado estadual conquistado em 2018.

"Pelo contrário: sou deputado com votos conquistados em vários municípios, mas, como sempre digo e como todos sabem, meu foco principal sempre foi a capital. E se me disponho a deixar de ser deputado para tentar ser prefeito dessa cidade é porque, por ela, desejo trabalhar muito mais", justifica.

Eduardo Carneiro é tão candidato, mas tão candidato que, até mesmo quando brinca com essa condição, brinca sério. Tanto que, na hora da entrevista, previu até com quem deve concorrer. "Com ele aí, óh!", disse ele, apontando para o deputado Walber Virgolino (Patriotas) que, ao lado dele, conversava com um grupo de jornalistas no plenário da Assembleia.



Foto: Nil Pereira



Foto: Nil Pereira



Foto: Nil Pereira

Eduardo Carneiro (PSDC) pensa em João Pessoa; o sertanejo Walber Virgolino (Patriota), também está de olho na capital; Felipe Leitão (Democratas) não esconde. Tem o mesmo desejo

## + Bolsonarismo e PTB estão prontos, têm três nomes

Entre os pré-candidatos que são deputados estaduais e que integram o bolsonarismo na Paraíba, Walber Virgolino (Patriota) realmente é um dos mais cotados para disputar a Prefeitura da capital, e, provocado sobre o assunto, ele refuta o termo "cotado" e se diz candidato com certeza:

"Só Deus empata", resume Virgolino, mesmo sabendo que no seu bloco político existem dois outros nomes, um deles, dentro da própria Assembleia Legislativa. O deputado Cabo Gilberto (PSL) chega aqui como terceiro da lista e como postulante que pode disputar até mesmo por outro partido, pois, como já disse,

deve deixar o PSL se o presidente Bolsonaro deixar.

E tem outros motivos para isso. O presidente do seu partido, o deputado federal Julian Lemos, representa duas pedras no seu caminho. Uma porque também admite disputar a Prefeitura de João Pessoa, outra porque, de vez em quando, Julian Lemos desagrada setores dos correligionários e apoiadores do nome de Cabo Gilberto quando fica citando o nome do radialista Nilvan Ferreira como seu candidato predileto nas eleições do ano que vem.

E saindo do bloco bolsonarista, tem mais gente, no plenário da Assembleia Legislativa, de olho ou

sendo citado como pré-candidato à Prefeitura de João Pessoa. Trata-se do presidente da Comissão de Orçamento da Casa, o deputado estadual Wilson Filho que, além de não descartar totalmente essa possibilidade, é frequentemente citado pelo pai Wilson Santiago, atual presidente estadual do PTB e deputado federal.

Estratégico, Wilson Filho pondera: "Isso vai depender da conjuntura do momento e das conversações que vamos manter a partir de janeiro do próximo ano". Wilson Filho lembra que o PTB tem outras opções e que, somente lá para o mês de março ou abril, através de pesquisa interna, é que o partido vai tomar uma posição.



Foto: Nil Pereira



Foto: Nil Pereira



Foto: Nil Pereira

Wilson Filho (PTB) é cauteloso e espera por pesquisas; Tovar Cunha Lima (PSDB) espera uma sinalização; deputada doutora Paula (PP) tem foco no Sertão

## Candidatos inusitados estão no páreo

Entre os deputados estaduais, há tantos candidatos a prefeito que acaba proporcionando a existência de alguns que são, no mínimo, inusitados demais. Um porque tem vontade de concorrer, mas lhe falta apoio traçado, e outro porque está decidido, mas ainda não tem certeza se será em Cabedelo ou se será na capital.

O primeiro é o secretário de Articulação Política do Governo do Estado, o deputado João Gonçalves. Ele não esconde que gostaria de concorrer, só que o nome mais forte (Ricardo Coutinho) e a maior quantidade de nomes estão justamente no seu partido, o PSB. Além disso, em crise, o partido deu uma

trégua no assunto e ainda não se sabe quando voltará a falar.

Já o deputado que admite disputar mas que ainda não tem certeza sobre a prefeitura é Felipe Leitão. Ele foi um dos primeiros a se colocar como candidato a prefeito, mas, recentemente, desviou a prefeitura da capital para a prefeitura de Cabedelo. Isso se deu depois que o prefeito daquele município, Victor Hugo, ingressou no seu partido e deixou Felipe incomodado.

"O partido é pequeno demais para nós dois", afirma Leitão. Ele explica que o prefeito da cidade portuária não chega a ser um inimigo pessoal porque não tem ini-

migo pessoal nem na política nem fora dela, mas que Victor Hugo é um desafeto político que prefere "enfrentar a convivência".

Saindo da Grande João Pessoa sem se distanciar tanto do Litoral, outro deputado que pode deixar a Assembleia Legislativa para disputar uma prefeitura é o líder da oposição, o deputado Raniery Paulino (MDB). E além de vários correligionários, como se fosse conselhos, as citações do seu nome partem justamente do seu próprio pai, o ex-governador Roberto Paulino.

Provocado a falar sobre o assunto, Raniery é cauteloso: "Sou muito grato pela lembrança do meu nome

e isso realmente acontece bastante na minha cidade de Guarabira, mas somente a partir do congresso estadual que o nosso partido vai fazer agora no final de novembro, é que vamos começar a delinear os nomes dos nossos futuros candidatos, inclusive o daqui da capital", afirma Raniery.

Um porque tem vontade de concorrer, mas lhe falta apoio traçado, e outro porque está decidido, mas ainda não tem certeza se será

## Postulantes em CG e no Sertão

De Campina Grande para o Sertão do Estado, os deputados estaduais que pretendem deixar a Assembleia para disputar uma prefeitura no próximo ano até que são mais claros e objetivos nas suas pretensões, a começar pelo tucano Tovar Cunha Lima que, para assumir de vez essa condição, só precisaria mesmo que o atual prefeito Romero Rodrigues sinalizasse o seu apoio desde já.

"Pretendo mesmo disputar, mas, como já disse, pelo grupo e com o apoio do bloco que faço parte", afirma ele, referindo-se, no caso, ao clã Cunha Lima que tem como principais estrelas o atual prefeito da cidade, Romero Rodrigues e o ex-senador Cássio Cunha Lima.

Cientes das pretensões de Tovar e sobretudo da vaga que ele pode abrir na Assembleia para um suplente que integra o grupo comandado pelo deputado federal Aginaldo Ribeiro (PP), setores de oposição já chegaram a sinalizar apoio ao seu nome, mas Tovar cuidou imediatamente de rechaçar. Assegura que só se afastaria do atual mandato se fosse pra beneficiar suplente do bloco de aliados.

Mas é justamente entre os aliados onde está o grande choque da pré-candidatura de Tovar. O ex-deputado estadual Bruno Cunha Lima também se diz pré-candidato o que, para Tovar, não deixa de ser um problema menor porque também concorda em se colocar com o nome do escolhido se dando em pesquisa interna. "Aquele que estiver melhor, será o candidato de consenso", sugere e concorda o parlamentar.

Tão decidida quanto Tovar, mas possivelmente com bem menos problemas do que ele para se candidatar em 2020 está a deputada estadual Dra. Paula, que é do PP e mulher do atual prefeito de Cajazeiras, o ex-deputado José Aldemir. Mas o desejo dela não é Cajazeiras até porque, lá, o marido deve disputar a reeleição.



# PEC de Bolsonaro desobriga governo de construir escolas

Equipe quer ampliar participação do ensino privado no país; medida faz parte da PEC do Pacto Federativo

**Bernardo Caram**  
Da Folhapress

Proposta apresentada pelo governo Jair Bolsonaro desobriga o poder público de expandir sua rede de escolas em regiões com carência de vagas para alunos. Com a mudança, a equipe econômica quer ampliar a participação do ensino privado no país.

Em outro ponto do texto levado ao Senado na semana passada, é revogado um trecho da Constituição que estabelece como função do Orçamento a redução das desigualdades regionais.

Esse objetivo é mantido na Constituição como "fundamental", mas é retirado o instrumento que trata especificamente do direcionamento de recursos públicos para essa finalidade.

As duas alterações foram incorporadas à PEC (Proposta de Emenda à Constituição) do Pacto Federativo. O texto trata da reestruturação do Estado e da redistribuição de recursos entre União, estados e municípios e é visto como fundamental para corrigir distorções e equilibrar as contas públicas.

Hoje, a Constituição diz que o governo é obrigado a investir prioritariamente na expansão de sua rede de ensino quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública em uma localidade. Se a proposta de Guedes for aprovada pelo Congresso, esse trecho será excluído da Constituição.

A advogada tributarista Ana Cláudia Utumi, sócia do Utumi Advogados, afirma que o ensino é uma obrigação do poder público e que a retirada do trecho pode passar a impressão de que o aluno que está sem vaga terá de buscar uma solução por conta própria.

"Existindo essa obrigação constitucional hoje, os entes já são muito lentos para cumpri-la. Se não tiver essa obrigação, pode ser algo que acomoda ainda mais o poder público."

Não são raros os casos de ações na Justiça que obrigam gestores públicos a oferecer vagas no sistema de ensino depois que pais buscam ajuda da Defensoria Pública. Entre os argumentos usados está a determinação da Constituição de que educação é um direito social do cidadão.

Técnicos da Economia que atuaram na elaboração da proposta reconhecem que a medida desobriga a expansão de escolas que é condicionada pelo dispositivo.

O ministério afirma que o acesso à educação não será precarizado, pelo contrário. Isso porque a ideia é permitir que os alunos acessem o ensino privado por meio de bolsas de estudo que seriam bancadas pelo governo. A medida dependerá de futura regulamentação via projeto de lei.

A equipe de Guedes sustenta que, em muitos casos, o governo gastaria menos ao pagar bolsas para instituições privadas do que se optasse por construir e manter novas escolas públicas.

**Hoje, a Constituição diz que o governo é obrigado a investir na expansão de sua rede de ensino quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública**



Foto: Agência Brasil

Bolsonaro enviou esta semana a proposta de emenda à Constituição ao Senado, onde seguirá todo o processo de tramitação até a sua aprovação

## + Aluno pode optar por colégio público ou privado

O governo argumenta ainda que o estudante teria autonomia para optar entre uma escola pública ou privada, onde isso for possível. Nas palavras de um dos técnicos da economia, a estrutura estatal não pode ser um fim em si mesma e é importante a participação do setor privado.

De acordo com interlocutores de Guedes, a ideia inicial de alterar esse artigo não partiu do ministério, mas sim de um projeto que já circulava no Congresso. Guedes e sua equipe gostaram da proposta e decidiram incluir no texto do Pacto Federativo.

Como o governo seguiria bancando a educação nesses casos por meio do pagamento de bolsas de estudo, o argumento usado na pasta é que o investimento público na área não

seria reduzido e a eficiência do atendimento à população seria ampliada.

Além de aumentar as opções dos alunos, o governo diz acreditar que poderá alocar melhor os recursos. A pasta espera reverter para outras ações em educação a economia gerada com o pagamento de bolsas onde seria necessário construir uma escola.

O mesmo trecho da PEC também inclui uma série de critérios para a concessão de bolsas de estudo pelo governo. Hoje, o texto diz apenas que as bolsas serão concedidas para aqueles que demonstrarem insuficiência de recursos. A proposta inclui a exigência de inscrição e seleção e condiciona essa possibilidade à existência de instituições cadas-

tradas. De acordo com os técnicos da pasta, a mudança é necessária para respeitar regras de acesso das instituições privadas e ensino.

Em outro artigo, o governo revoga parágrafo que estabelece que o Orçamento terá, entre suas funções, a de reduzir desigualdades regionais, segundo critério populacional.

Para Utumi, a medida pode ser uma tentativa do governo de retirar amarras do Orçamento, em linha com a orientação de Guedes.

Ela pondera que a mudança pode ser prejudicial. "Na medida em que você tira o princípio de privilegiar no Orçamento as regiões menos desenvolvidas, corre-se o risco de essas regiões receberem menos que o necessário", disse a advogada.

## Prisão em segunda instância

# Veja o que é falso e quem foi beneficiado após decisão do STF

Da Folhapress

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que é necessário esperar o julgamento de todos os recursos (o trânsito em julgado) para que um condenado comece a cumprir pena. Anteriormente, o entendimento que vigorava é que bastava a condenação em segunda instância para que uma pessoa pudesse ser presa.

A decisão beneficiou presos célebres como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que ficou 580 dias detido na Superintendência da Polícia Federal de Curitiba.

O petista foi solto na última sexta-feira (8) e vai aguardar em liberdade o fim do processo do triplex de Guarujá (SP), pelo qual foi condenado a oito anos e dez meses de prisão. O caso está no STJ (Superior Tribunal de Justiça), após a defesa de Lula ter apresentado recursos à condenação do petista.

Apesar de boatos que circularam nas redes sociais,

presos perigosos não devem ser beneficiados pela nova jurisprudência. Isso porque a lei prevê a possibilidade de prisão preventiva quando um acusado pode oferecer risco à sociedade.

Esse tipo de prisão não tem prazo definido. Cerca de 40% dos presos no Brasil são provisórios, ou seja, nunca foram condenados.

Abaixo, veja quem de fato deixou a cadeia e o que é mito no debate sobre prisão após segunda instância.

### Beneficiados

Segundo o CNJ (Conselho Nacional de Justiça), 4.895 pessoas podem ser impactadas pela decisão do Supremo, pois foram presas logo após terem sido condenadas em segunda instância.

A libertação não é automática após o encerramento do julgamento no Supremo, e a saída da cadeia depende de pedidos de cada defesa ou de solicitações do Ministério Público aos juízes de execução

penal, que administram o dia a dia das penas.

É possível que os juízes de primeira instância determinem a soltura sem serem provocados pelas partes. O juiz de 1º grau pode ainda negar pedido de libertação argumentando que o acórdão com a decisão do STF ainda não foi publicado, mas esse posicionamento tende a ser derrubado nas cortes superiores.

### Presos perigosos

A lei prevê a possibilidade de prisão preventiva para casos em que o acusado ou suspeito de um crime representa risco à ordem pública ou às investigações em curso. É possível que a Justiça decida manter preso alguém que, em razão da decisão do Supremo, poderia ter direito a aguardar o fim do processo em liberdade.

### Alexandre Nardoni

Em seu voto, o ministro Luiz Fux sugeriu que criminosos como Alexandre Nardoni,

condenado por matar a filha Isabela, e Elize Matsunaga, condenada por matar o marido, não teriam sido presos se o entendimento pela espera do trânsito em julgado já estivesse vigorando.

Apesar da fala de Fux, eles foram presos preventivamente, e não em razão de condenação em segunda instância. Na verdade, já estavam na cadeia quando o julgamento teve início.

Tanto Nardoni quanto Matsunaga iniciaram o cumprimento da pena em regime fechado e já progrediram para o semiaberto. Eles cumprem o restante da pena (30 e 16 anos, respectivamente) em unidade penitenciária em Tremembé (SP).

### Champinha

Apesar de também ter sido citado por Fux, a situação Roberto Aparecido Alves Cardoso, conhecido como Champinha, é um pouco diferente.

Champinha foi preso ainda com 16 anos após liderar

um grupo que estupro e matou a estudante Liana Friedenbach, 16, depois de ter matado o namorado dela, Felipe Silva Caffé, 19, em Embu Guaçu, na região metropolitana de São Paulo, onde o casal acampava. O crime aconteceu em 2003.

Como era menor de idade na época do crime, Champinha ficou internado na Fundação Casa.

Entretanto laudo médico atestou que ele tem transtorno de personalidade antisocial e pode oferecer riscos à sociedade. Ao completar 21 anos, em vez de ser posto em liberdade, foi recolhido a uma unidade especial para tratamento psiquiátrico, e lá está até hoje. A decisão do Supremo, portanto, não tem nenhum impacto sobre o caso de Champinha.

### Alvos da Lava Jato

Um dos nomes mais mencionados na discussão foi o do ex-deputado Eduardo Cunha, que está preso há mais de três anos. Cunha cumpre pena por

condenação em segundo grau, mas também tem ordem de prisão preventiva em vigor, o que impede que deixe a cadeia com base no novo entendimento do STF.

A mesma situação ocorre com o ex-governador do Rio Sérgio Cabral, um dos mais conhecidos presos da Lava Jato. Também já condenado em segunda instância, no Tribunal Regional Federal da 4ª Região, ele recebeu ainda ordens de prisão preventiva no Rio. Após sua 12ª sentença em outubro, ele passou a somar penas de 267 anos de prisão.

Na Lava Jato do Paraná, presos que tiveram condenação confirmada em segundo grau, como Lula, também conseguiram sair da cadeia nos últimos dias.

Além do ex-presidente, conseguiram o benefício o ex-ministro José Dirceu, o empresário Fernando Moura, que também havia sido condenado em processo com Dirceu, e o ex-sócio da empreiteira Engvix Gerson Almada.



# Imigrantes irregulares são hoje menos de 1% na Europa

Metade dessas pessoas está na Alemanha e no Reino Unido, segundo estudo realizado por centro de pesquisa

**Flávia Mantovani**  
Folhapress

A Europa tem entre 3,9 e 4,8 milhões de imigrantes em situação irregular, revela o primeiro estudo a estimar esse dado em uma década. O levantamento, divulgado nesta quarta-feira (13), é do Pew Research Center, centro de pesquisa baseado nos EUA. Foram analisadas informações de 2014 a 2017 nos 28 países da União Europeia e em mais quatro da Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA): Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça.

O número principal, que diz respeito a 2017, é maior que o de 2014 -entre 3 e 3,7 milhões, menor que o de 2016 -de 4,1 a 5,3 milhões- e corresponde a menos de 1% da população total desse grupo de países, que é de mais de 500 milhões. O estudo mostra também que há quatro vezes mais imigrantes regulares do que irregulares na Europa.

Na análise por país, a proporção de imigrantes sem documentos em relação à população é maior na Áustria, no Chipre, em Malta, na Eslovênia e no Reino Unido: 2%. Em outros cinco países, corresponde a 1%. Nos outros 22 do grupo, fica na média de menos de 1%.

"A estimativa vem em um momento em que a opinião pública na Europa expressa sentimentos conflitantes sobre o lugar dos imigrantes em suas sociedades", diz o relatório. Uma pesquisa de 2018 do próprio Pew, feita em vários países europeus, revelou que a maioria da população apóia a deportação de imigrantes vivendo ilegalmente em seu país, mas acha que refugiados que fogem de guerras e violência devem ser aceitos.

A pesquisa leva em conta as pessoas que entraram na Europa sem visto nenhum, as que ficaram mais tempo do que o permitido pelo documento e também as que pediram refúgio



Foto: Pixabay

Estudo indica que maioria dos imigrantes que estão de forma ilegal na Alemanha são da própria Europa, do Oriente Médio ou do Norte da África

e aguardam, com uma autorização temporária, uma resposta definitiva sobre seu caso -que, caso positiva, os tiraria da situação de irregularidade.

Foi esse último grupo o responsável pelo aumento detectado entre 2014 e 2016, dizem os pesquisadores. Sem levar em conta esses estrangeiros com autorização temporária, que correspondem a um quarto da amostra, a estimativa total de irregulares na Europa baixa para 2,9 a 3,8 milhões. Para chegar a esses números, os pesquisadores usaram quatro métodos diferentes. O principal, adotado há vários anos nos EUA, é a subtração do número de imigrantes legalizados do total de não cidadãos da UE e da EFTA. Também foram feitos cálculos demográficos com base na última estimativa confiável disponível (de 2008) e no número de imigrantes sem documentos que se regularizaram

nos últimos anos.

De acordo com a pesquisa, metade dos imigrantes irregulares na Europa estão na Alemanha e no Reino Unido. Em seguida vêm Itália e França, e, juntos, os quatro países concentram mais de dois terços desses estrangeiros (70%).

O perfil desses imigrantes varia de país para país. Enquanto na Alemanha a maioria é do sexo masculino (60%) e chegou há menos de cinco anos (66%), na Inglaterra a divisão de gênero é mais equilibrada (48% de homens e 52% de mulheres) e a predominância é de pessoas que vivem no país há mais tempo -57% chegaram há mais de cinco anos; mais de um terço (36%) está lá há mais de dez anos.

A origem desses estrangeiros também varia de país para país. No Reino Unido, 52% vieram da Ásia e do Pacífico. Na Alemanha, 32% são da própria

Europa e 30%, do Oriente Médio ou do Norte da África.

Levando em conta todos os países, a região de origem mais comum é a Ásia e Pacífico (30%), seguida por países europeus de fora da UE e da EFTA (23%).

O Pew Research Center, que já faz há anos estudos semelhantes nos Estados Unidos, fez uma comparação entre as duas regiões -que estão entre os destinos preferidos de imigrantes do mundo todo.

A conclusão é que os EUA têm mais do que o dobro de imigrantes irregulares do que a Europa (entre 10,3 e 10,7 milhões em 2017), a maioria pessoas vindas da América Latina, particularmente do México, que entraram no país há mais de uma década. Lá, eles são proporcionalmente uma parte maior da população: 3% dos 325 milhões de habitantes do país.

Porém, enquanto na Europa

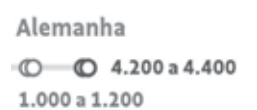
essa população cresceu nos últimos anos -principalmente por causa dos solicitantes de refúgio vindos de países como a Síria, em guerra em 2015-, nos EUA o número vem se reduzindo. É a primeira estimativa do centro sobre o tema e a primeira que é feita do número de imigrantes irregulares na Europa desde 2008, quando um projeto financiado pela União Europeia estimou o número em 1,9 milhão a 3,8 milhões, sem incluir os solicitantes de refúgio com casos pendentes.

Os Estados Unidos têm mais do que o dobro de imigrantes em situação irregular do que a Europa; a maioria, de países da América Latina

## Imigrantes irregulares na Europa

Quantos são

Em milhares  
● Irregulares ● Regulares



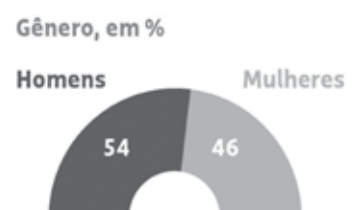
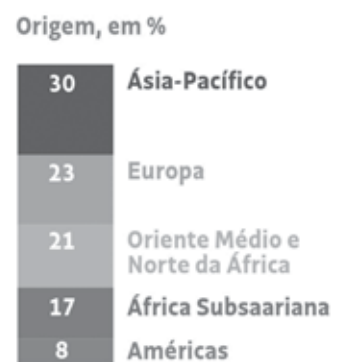
Proporção de imigrantes irregulares em relação à população total



## Menos de 1%

Bélgica, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Hungria, Islândia, Itália, Letônia, Liechtenstein, Lituânia, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Polónia, Portugal, Romênia, Eslováquia, Espanha e Suécia

## Perfil dos imigrantes irregulares



Fonte: Pew Research Center (dados de 2017)

## Hindus x muçulmanos

# Veredito estimula confrontos na Índia

**Daniel Avelar**  
Folhapress

Passou praticamente despercebido na imprensa brasileira, mas a Índia assistiu na semana passada ao desfecho de uma disputa histórica entre hindus e muçulmanos, confirmando tendências preocupantes no tratamento dispensado às minorias religiosas nesta que é a maior democracia do mundo.

A Suprema Corte indiana autorizou a construção de um templo hindu no local onde ficava uma mesquita destruída por uma multidão de fanáticos há quase três décadas.

A decisão, há muito aguardada, foi amplamente interpretada como uma vitória para os partidários do nacionalismo hindu, movimento liderado pelo primeiro-ministro Narendra Modi.

Para entender o veredito, é preciso revisitar o dia 6 de dezembro de 1992, quando uma turba de nacionalistas hindus, instigada por líderes políticos e religiosos, atacou a mesquita Babri, na cidade de Aiódia, no norte do país. O local de culto islâmico, construído no século 16, veio abaixo em poucas horas, dando sequência a confrontos sectários em todo o país que deixaram mais de 2.000 mortos, em sua maioria muçulmanos.

### LOCAL DISPUTADO

Os seguidores do hinduísmo, que compõem 80% do 1,3 bilhão de habitantes da Índia, acreditam que o terreno em que a mesquita Babri foi erguida no século 16 é também o local de nascimento de Ram, uma das principais divindades hindus. Nacionalistas hindus buscavam

construir um templo ali e poderão fazê-lo após a decisão da Suprema Corte.

O premiê Modi descreveu o veredito como "um novo alvorecer" para a Índia. Sua agremiação, o BJP (Partido do Povo Indiano, na sigla em hindi), lidera desde os anos 1980 a campanha pela transformação da mesquita Babri em um templo hindu.

A sentença, unânime, também estabeleceu que a demolição foi ilegal, determinando que uma nova mesquita seja erguida em outro terreno em Aiódia. Críticos apontam que a decisão acaba por premiar a atitude violenta dos nacionalistas hindus e oferece certa legitimidade a atos de perseguição contra minorias religiosas.

"O país está se encaminhando para virar uma nação hindu", disse o parlamentar opositorista

Asaduddin Owaisi, que é muçulmano, de acordo com a agência de notícias Reuters. A Constituição indiana estabelece que o país é uma democracia secular, sem uma religião oficial.

### DIREITOS EM XEQUE

A vitalidade de uma democracia se mede pela capacidade de fazer valer a vontade da maioria, mas também pelo tratamento dispensado às minorias, que devem ter seus direitos assegurados. O governo de Modi, no poder desde 2014, já vinha adotando medidas que põem em xeque os direitos das minorias religiosas.

Em agosto, o premiê decretou o fim da autonomia de Jammu e Caxemira, única região de maioria muçulmana no país -desde então, os moradores dali vivem sob estado de sítio

e sem poder se comunicar com pessoas de fora.

"Os muçulmanos na Índia temem que isto seja de fato o começo de uma reimaginação da Índia em que muçulmanos sejam cidadãos de segunda classe, conforme preconizam os supremacistas de direita", escreveu a jornalista indiana Ranna Ayyub, que é muçulmana, sobre o veredito da disputa de Aiódia em artigo de opinião para o Washington Post.

Sua família fugiu da Índia em 1993, após a onda de ataques desencadeada pela demolição da mesquita Babri.

"Uma mensagem contundente foi enviada aos mais de 200 milhões de muçulmanos no país, de que eles devem aguentar toda humilhação e injustiça com o silêncio esperado de cidadãos inferiores", acrescentou Ayyub.



# Estudo revela que lítio reverte males de radiação no cérebro

Elemento químico pode ser usado para tratar crianças que se submeteram a radioterapia e desenvolveram déficits de memória

## Da Agência Brasil

Cientistas concluíram, em uma experiência com ratos, que o lítio pode reverter os malefícios da radiação no cérebro, podendo o seu uso ser promissor para tratar crianças que foram sujeitas a radioterapia e desenvolveram posteriormente déficits de memória e aprendizagem.

Os autores do estudo, publicado na revista da especialidade Molecular Psychiatry, não esclarecem se os animais testados eram saudáveis ou tinham tumores na cabeça, tal como as crianças submetidas a radioterapia, e se desenvolveram esses déficits.

De acordo com os pesquisadores do Instituto Karolinska, da Suécia, citados em comunicado pela instituição, a capacidade de memória e aprendizagem dos roedores melhorou quando foram tratados com lítio (metal) após, numa fase inicial da vida, o seu cérebro ter sido submetido a doses de radiação não especificadas.

A equipe verificou au-

mento da formação de novos neurônios (células) em área do cérebro (hipocampo) que é importante para a memória, durante o período em que os ratos receberam lítio, na fase de crescimento até se tornarem quase adultos.

O comunicado ressalva, no entanto, que a maturação dos neurônios em células nervosas completas só ocorreu quando o tratamento com lítio foi interrompido.

Ainda assim, a autora principal do estudo, Giulia Zanni, considera que o lítio, "dado segundo as diretrizes do modelo" testado em ratos, "pode ajudar a curar as lesões causadas pela radioterapia, mesmo ao fim de muito tempo".

O estudo concluiu ainda que apenas as células sujeitas a radiação são afetadas pela ação do lítio.

O grupo de investigação, que pretende avançar para ensaios clínicos, já tinha sugerido anteriormente que o lítio protege o cérebro contra lesões se for administrado juntamente com a radioterapia.



Foto: Agência Brasil

Cientistas fizeram experiência com ratos para chegar ao resultado do estudo

## China quer os EUA fora de Hong Kong

### Da Agência Brasil

Enquanto tramita no Congresso americano um projeto de lei de apoio a direitos humanos e à democracia em Hong Kong, a China recomendou aos Estados Unidos que ajam com cautela e disse que a matéria coloca em risco as relações bilaterais.

Congressistas americanos afirmaram que o objetivo do projeto de lei é assegurar a autonomia de Hong Kong, em conformidade com o princípio de "Um País e Dois sistemas", do governo chinês.

Se entrar em vigor, o projeto dará ao governo dos Estados Unidos a capacidade de impor sanções a autoridades chinesas que sejam consideradas responsáveis por minar liberdades básicas no território Hong Kong.

Para entrar em vigor, o

projeto de lei, que foi aprovado no mês passado por unanimidade na Câmara precisa passar agora pelo Senado e ser sancionado pelo presidente americano Donald Trump.

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Geng Shuang afirmou que os Estados Unidos deveriam cessar imediatamente a tramitação da matéria e parar de apoiar "a atuação ilegal dos desordeiros de Hong Kong". Além disso, ele pediu que os Estados Unidos deixem de usar a questão do território semiautônomo como recurso para interferir em assuntos internos da China.

O projeto de lei segue em tramitação em um momento no qual os dois países procuram resolver a disputa comercial que vem afetando mercados globais.

Novo item de série:  
massagem relaxante pra você.



As poltronas com Sistema de Massageamento\* já estão disponíveis. Tudo isso para aumentar o seu prazer de viajar no novo Galaxy, o Double Decker da Guanabara.



**G** GUANABARA

\*consulte disponibilidade





# Reforma da Previdência terá impacto negativo na economia

## Segundo o presidente do Sintrafi-PB, se a renda do povo cai, a consequência inevitável é a redução do consumo

**Alexandre Nunes**  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

A reforma da Previdência terá um enorme impacto negativo na economia. É o que afirma o presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Ramo Financeiro na Paraíba (Sintrafi-PB), Lindonjehonson Almeida de Araújo. Ele é do entendimento que se a renda do povo cai, a consequência inevitável disso é o arrefecimento da economia devido à redução do consumo que gera uma reação em cadeia.

“Menos consumo gera redução de receitas nos setores de comércio e serviços, o que provoca falências e desemprego nesses setores. Com as vendas reduzidas no comércio, a indústria é a próxima que entra em crise e também gera desemprego. O desemprego gerado pela redução do consumo reduz ainda mais o consumo e gera ainda mais desemprego. E assim sucessivamente”, analisa.

Na opinião de Lindonjehonson Araújo, a economia brasileira só não sofreria tanto impacto com a reforma da Previdência se fosse baseada essencialmente em exportações, o que não é o caso, ela depende do mercado interno que é fortemente abalado pelas mudanças na Previdência. “Podemos citar como exemplo desse abalo os pequenos municípios, cujas economias giram em torno da renda dos aposentados. Tais municípios reduzirão ainda mais a oferta de empregos, o que aumentará a pobreza e tende a iniciar novos ciclos de migração das populações locais para grandes centros, aumentando assim as populações faveladas e os problemas sociais”, prevê.

Para Lindonjehonson, a justificativa do governo de que a reforma da Previdência seria



Foto: Agência Brasil

Aumento da idade mínima para aposentadoria, bem como do tempo de contribuição, vão provocar redução dos valores

o caminho para ajustar as contas governamentais não se sustenta. “A principal justificativa é a necessidade de promover equilíbrio fiscal, ou seja, voltar a gastar menos do que arrecada. O problema é que dizem que essa reforma é a única alternativa, o que é uma grande mentira. O governo e a maioria dos congressistas decidiram que a conta do déficit fiscal será paga pelos mais pobres, ou seja, pela classe trabalhadora. Por isso optaram por mudanças na Previdência, quando há várias outras opções viáveis, mas que mexem no bolso dos poderosos”, argumenta.

Ele cita como exemplo o combate efetivo à sonegação fiscal, já que auditores fiscais da Receita Federal estimam que no período entre 1º de janeiro e 5 de novembro de 2019, quase R\$ 530 bilhões em impostos tenham sido sonegados. “O governo queria economizar R\$ 1 trilhão em 10 anos com a reforma da Previdência, mas perdemos mais do que isso em apenas 2 anos de sonegação fiscal; o que nos leva a uma pergunta simples: o problema da nossa economia é a aposentadoria do povo, ou a sonegação de impostos?”, questiona.

Outro exemplo apresenta-

do por Lindonjehonson são as operações compromissadas do Banco Central. Os juros cobrados no Brasil são altíssimos. “Alguém em sã consciência sacaria o seu limite de cheque especial, sem necessidade, apenas para deixar o dinheiro guardado em casa e ficar pagando juros para o banco? Óbvio que não. Mas o governo faz isso rotineiramente. Com a desculpa de controlar a inflação, o Banco Central do Brasil recebe as sobras de caixa dos bancos (o dinheiro que os bancos não emprestaram), com o compromisso (daí vem o nome de operações compromissadas) de devolver aquele dinheiro em um prazo médio de apenas 4 dias, devidamente acrescido de juros (Selic)”, detalha.

E continua Lindonjehonson: “Ocorre que o Banco Central mantém um saldo devedor médio dessas operações de R\$ 1 trilhão, pagando juros sobre esse montante, e como as operações são de curtíssimo prazo, o dinheiro recebido dos bancos não é utilizado para nada, fica guardado na caixa do Banco Central. 25% da dívida pública federal é composta por essas operações que servem apenas para remunerar os bancos, pelas quais paga-

mos de juros, nos últimos 10 anos, de valor equivalente a toda a economia prevista com a reforma da Previdência”.

Para o equilíbrio fiscal, segundo explica Lindonjehonson bastaria mexer na tributação sobre lucros e dividendos. “O Brasil não cobra imposto de renda de pessoas físicas sobre lucros e dividendos. Além de nós, a Estônia é o único país do mundo que oferece esse privilégio para seus empresários. Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) estima que tal imposto poderia aumentar a arrecadação de até R\$ 39 bilhões por ano. Infelizmente somos um país no qual os mais pobres pagam, proporcionalmente, mais impostos do que os mais ricos”, lamenta.

Enfim, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Ramo Financeiro na Paraíba explica que há diversas formas possíveis e viáveis para resolver o problema fiscal do país, mas o povo brasileiro, infelizmente, insiste em eleger uma maioria de representantes das elites, que em momentos de crise, sempre cobram a conta da classe trabalhadora e mantêm os privilégios dos poderosos.

## + Aumento da desigualdade

Lindonjehonson acrescenta que o aumento da idade mínima para a aposentadoria, bem como o tempo de contribuição para aposentadoria integral, e ainda o fato de não mais descartar os períodos de menor renda para o cálculo do valor do benefício, irão promover a redução dos valores das aposentadorias e, em muitos casos, farão com que muitos morram antes da aposentadoria.

“O aumento da expectativa de vida dos brasileiros para uma média de 75 anos, como o próprio termo ‘média’ sugere, não é para todos. A população mais pobre e mais sofrida do nosso país vive bem menos que isso; o que fará com que muitos não consigam aposentar. Além disso, com a redução dos valores médios dos benefícios, teremos o poder de compra da população reduzido, o que é muito ruim também para a economia do país”, reitera.

Na opinião do sindicalista, a nova Previdência dá um tratamento igual para pessoas muito desiguais, o que acaba, na prática, beneficiando os já privilegiados e prejudicando os mais sofridos, aumentando assim a desigualdade já tão forte em nosso país. E ao contrário do que afirma a propaganda do governo, a reforma não combate privilégios como as aposentadorias e pensões para filhas “solteiras” de militares, por exemplo.

Questionado sobre se as regras de transição da reforma da Previdência são viáveis, Lindonjehonson deixa claro que todas as mudanças são injustas para o povo. “A transição não poderia ser diferente. A regra do pedágio, por exemplo, só beneficia quem já está muito próximo da aposentadoria pelas regras atuais (faltando até 2 anos). Quem precisa esperar 2 anos e 1 dia para se aposentar já fica totalmente de fora da regra. Não é coerente. Não é proporcional”, critica.

## Essas coisas

**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com

# A Bíblia e a astrologia nunca foram incompatíveis

De um livro de Raymond Bernard (“As mansões secretas da Rosacruz”), retiro, como reforço de várias noções ocultistas, um trecho luminoso:

“Há leis universais que nosso primeiro dever é respeitar, pois elas visam à evolução da Humanidade. Ora, entre essas leis, há o que se chama o carma, tão mal compreendido pela maioria. A Humanidade, assim como o indivíduo, deve aprender pelo carma, que não é, de modo algum, uma punição. O carma tem sua origem na humanidade e nela encontra o seu resultado. A guerra é uma manifestação de carma coletivo. Resulta da ações, bem como dos pensamentos dos homens”.

Como esclarecimento, repasso a informação da existência do Alto Conselho, uma espécie de “governo oculto do mundo”, formado por 12 pessoas que conhecem o último ponto que a Terra atingirá em sua evolução. E todas as suas etapas. O papel do Alto Conselho é cuidar para que cada etapa esteja concluída no tempo determinado e apressar ou retardar isso, segundo o caso.

Em maio de 1964, em Londres, um personagem ligado ao Alto Conselho revelou a Raymond Bernard que “na



maioria das vezes, o Alto Conselho deve trabalhar para apressar”. Que seus membros reúnem-se em colégios quatro vezes por ano, em períodos fixos. Que quando a política perturba a evolução mundial, “nós entrevistamos, mas por meios que nada têm a ver com a política”.

Acho que a astrologia começa na própria Bíblia, nas citações permitidas pelo Vaticano, como está no capítulo I do Gênesis: “Disse também Deus: façamos luzeiros no firmamento do céu, e

separem o dia da noite, e sirvam para sinais, e para (distinguir) os tempos, os dias e os anos...” Está bastante claro, não? “E sirvam para sinais...”

É o Gênesis iniciando a astrologia como ciência da natureza

E a Igreja Católica a negar o que ela própria publica e tem como origem. Por que qualquer personagem da Igreja Católica, na Paraíba,

ou fora daqui, nunca provou que existe incompatibilidade entre a astrologia e a Bíblia, a astrologia e o Cristo, a astrologia e as leis autônomas e sábias da natureza?

Cabe dizer que no início da ciência não havia astrologia e astronomia. A ciência dos astros sempre foi única. A divisão surgiu quando o homem deixou de viver segundo a ciência natural para viver segundo o orgulho de ser cientista e impor dogmas que provocaram in-

quisições, torturas, assassinatos, repressões, suicídios. Desde que a Igreja Católica traiu seu próprio grande Mestre - Jesus - e passou a viver pelos interesses imediatistas de poder. A ponto de gerar um Clemente V. De criar um sistema de controle financeiro segundo as frias leis do capitalismo, afastando-se do que está, por exemplo, nos Evangelhos.

São Mateus: “Não queirais entesourar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça consome, e onde os ladrões desenterram e roubam, mas entesourai para vós tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem a traça consome, e onde os ladrões não desenterram nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração”.

As influências dos astros não impedem o livre arbítrio humano. É parte do livre arbítrio escolher entre conhecer ou não conhecer as influências, a elas estar mais ou menos submetido. Quem conhece as influências, dela sabe tirar proveito.

Nada melhor do que tudo é reler o dito por Jesus no Sermão da Montanha, conforme São Mateus: “Enquanto não passar o céu e a terra, não desaparecerá da lei um só jota ou um só apice, sem que tudo seja cumprido”.



# Aumento de transtornos mentais entre os adolescentes preocupa

Internações hospitalares de jovens por causa de doenças psicológicas e comportamentais aumentaram 107% nos últimos dez anos

As internações hospitalares de adolescentes com idade de dez a 14 anos motivadas por doenças mentais e comportamentais aumentaram 107% nos últimos dez anos no Sistema Único de Saúde (SUS), registrando quase 25 mil casos no período. Na faixa etária de 15 a 19 anos, foram mais de 130 mil internações em uma década.

Segundo levantamento da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), elaborado com base em dados do Ministério da Saúde, o aumento das hospitalizações – muitas delas motivadas por quadros graves de transtorno de humor, estresse e outras doenças – pode estar relacionado a um aumento da prevalência da chamada doença do século XXI: a depressão. No entanto, os pediatras não descartam a possibilidade também de maior procura pela assistência ou aperfeiçoamento das notificações.

Para a presidente da SBP, dra. Luciana Rodrigues Silva, trata-se de um tema urgente, que exige dos pediatras uma ação proativa. “Para encarar a nova realidade, em que doenças mais comuns em adultos passaram a se tornar mais frequentes em crianças e adolescentes, os pediatras precisam se atualizar e aprender a enxergar problemas que antes eram mais raros em sua rotina”, pontuou a pediatra, que entre os dias 8 e 12 de outubro conduz um dos maiores eventos da especialidade no mundo, o 39º Congresso Brasileiro de Pediatria, em Porto Alegre (RS), onde o tema também

será discutido. Também se destacam os registros de transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de substância psicoativa, tais como medicamentos ansiolíticos e sedativos, maconha e canabinoides sintéticos, alucinógenos, inalantes ou solventes, estimulantes, tabaco e outros. Em dez anos, esse grupo de causas passou de 510 internações para 717, um salto de 41%.

“Esse é um grande desafio da nossa profissão. O pediatra tem um papel fundamental neste processo, pois é um profissional privilegiado pela possibilidade de, ao acompanhar o paciente ao longo de seu desenvolvimento, poder compreender a criança e o adolescente para além da dimensão clínica, ou seja, abarcando fatos mais significativos do seu cotidiano”, destacou. Segundo a dra. Luciana, o aumento do número de hospitalizações deve ser analisado com cautela e prioridade também pelas autoridades brasileiras, a fim de que sejam incentivadas ações e políticas públicas de prevenção e cuidado.

De acordo com os números analisados pela SBP, além do expressivo aumento relativo do número de casos envolvendo adolescentes com idades que vão de dez a 14 anos, também é significativa a quantidade de internações na faixa de 15 a 19 anos. Foram quase 131 mil internações em hospitais da rede pública em dez anos, sendo 14,5 mil somente no ano passado (maior número registrado no período).



Foto: Pixabay

Além do aumento de casos envolvendo adolescentes com idade de 10 a 14 anos, também é significativa a quantidade de internações na faixa de 15 a 19 anos

## + Depressão é foco de estudos internacionais

A depressão na infância e adolescência tem sido foco de estudos internacionais devido ao aumento de sua prevalência nos últimos anos. Além disso, pesquisas relacionam à depressão na vida adulta com fatores de risco que podem ser identificados desde a infância. O tema foi abordado em documento científico produzido pelo Departamento Científico de Desenvolvimento e Comportamento da SBP, recentemente lançado.

Dentre os fatores de risco para a depressão em pediatria pode-se citar problemas emocionais graves durante a gestação; história familiar de depressão ou transtornos psiquiátricos; tentativa de suicídio em parente próximo; depressão materna; estresse tóxico na infância, incluindo agressões físicas, morais e verbais; excesso de cobrança, abuso sexual; entre outros.

Membros do Grupo de Trabalho de Saúde Mental SBP também

lançaram neste ano a 2ª edição do livro “Saúde Mental da Criança e do Adolescente”, publicação científica destinada principalmente aos pediatras, entre outros profissionais de saúde. O livro traz uma visão contextualizada dos temas mais relevantes para o cuidado da criança e adolescente, considerando este quadro contemporâneo de aumento da prevalência de doenças crônicas, entre estas, as relacionadas aos transtornos mentais e comportamentais.

## Toca do Leão

Fábio Mozart

## Uma crônica “severina”

Eu não sou um contador de histórias, mas, essa que me contaram em papo de bar merece ir adiante. Começa como começam histórias semelhantes no Nordeste, no sítio distante de tudo, um lugar despovoado, sem quase nenhum rapaz disposto a pegar na enxada e cortar a terra sem futuro. A vendinha com a placa da Itapemirim é onde se compra passagem para “uma vida melhor” ou a desgraça da cidade grande. “Faz pena o nortista, tão forte e tão bravo, viver como escravo no Norte e no Sul”, cantava o poeta Patativa do Assaré, narrando a realidade do seu Ceará dos anos 60. A rota vicinal do êxodo ainda está aberta neste Nordeste naufragado na miséria conveniente para os “industriais” da seca e do atraso.

Severino se pôs homem, criou bigode e vendeu as vacas para viajar ao Rio de Janeiro. Saiu num dia de São João, os olhos marejando e o “toca fita” rodando a música de Luiz Gonzaga, a “Triste partida”, uma espécie de hino dos imigrantes. No Rio, foi viver com um tio que era porteiro de prédio. É, porque no Sudeste eles se aproveitaram de nossa força de trabalho e de

nossa maior riqueza: o caráter. Paraibano tem fama de honesto, corajoso e fiel.

Foi, pois, com muito orgulho que Severino passou a trabalhar como motorista de um português idoso e sua esposa, também dobrando o cabo da boa esperança. Durante vários anos, Severino mostrou ser um motorista discreto, trabalhador, responsável e educado. O português veio ao Brasil em missão de escarafunchar novos investimentos para seus milhões. Era um homem rico, a fim de ganhar mais dinheiro na ex-colônia, que português ainda vê o Brasil como uma terra boa para explorar pau-brasil e acunhar o pau nas indiazinhas.

Deu-se que o empresário patrício caiu doente, e mais enfermo ficou quando sua esposa foi para o andar de cima. Sozinho em terra alheia, já não cobiçava multiplicar sua fortuna. Só queria sobreviver da melhor forma possível. Encontrou no Severino o amigo, enfermeiro e motorista, um anjo da guarda. O velho português pedia para Severino ler com sua leitura de semianalfabeto: “Quando partiu rumo às índias, Cabral tinha o conhecimento de que aportaria em terras não indicadas nos

mapas. Só não imaginava que em vez de fama e riqueza, o destino o jogaria num mar tenebroso, atirando-o contra recifes de desventuras e esquecimento”. Dessa forma se via o português, em leito de enfermo terminal, fim de um sonho lusitano de dominar a colônia e mamar em suas tetas generosas.

Morto o magnata lusitano, Severino procurou o advogado para acertar as contas e voltar para sua cidadezinha, retornar ao sítiozinho na zona rural, comprar umas vaquinhas. “Para compensar tantos sacrifícios desse rapaz tão bondoso, que foi meu filho e meu companheiro no final de minha vida, deixo um terço dos meus bens para Severino”, dizia o testamento do patrão. O protegido da sorte estava rico. Sua parte na herança chegava a dois milhões de reais. A emoção foi de quem ganhasse um paraíso terrestre. Moço ainda, Severino se viu milionário do dia pra noite.

Pegou o “asa dura” e viajou à Paraíba. Encontrou pela proa a briga da política. Época de eleição na Paraíba é uma espécie de festa popular, feira de votos onde se dá a verdadeira distribuição de renda. Quem tem dinheiro

se candidata, compra os votos suficientes e depois vai mamar nos peitos gordos das prefeitas. O novo rico Severino se viu achegado aos prazeres do poder. Resolveu se candidatar a vereador e, quem sabe mais tarde, seria o prefeito. Mudou o nome para Tobi e mandou fazer faixas onde se lia: “Vote em Tobi de Tau-matá e viva Portugal”.

Está candidato. Percorre todos os dias os casebres de sua região montado em uma pick-up 4x4, chapéu de vaqueiro americano e os bolsos cheios de notas de cinco reais que vai distribuindo com desenvoltura, sem a manha do político profissional. Investe pesado para ter um mandato de vereador, espécie de título de nobreza daquelas brenhas. Diz-se disposto a gastar um milhão de reais, orçamento digno de candidato a prefeito. Homem de bom coração, Severino “Tobi” distribui com os seus conterrâneos pobres a grana do velho português. “Quando for vereador, darei o nome do meu ex-patrão a uma rua”, promete. Talvez se eleja, se antes não comerem sua herança “pelo pé”, que aqui a pobreza é feito cupim de ferro e eleitor também não é fácil.



# Startup desenvolve teste para o diagnóstico da esporotricose

Metodologia será capaz de detectar a espécie mais prevalente e virulenta do fungo causador de esporotricose

**Elton Alisson**  
Agência Fapesp

A startup BioInsumos e Diagnósticos (BiDiagnosics) vem trabalhando, com apoio do Programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (Pipe) da Fapesp, no desenvolvimento de um novo teste para diagnóstico da esporotricose – doença de pele causada por fungos do gênero *Sporothrix sp* e considerada uma zoonose.

Um aumento exponencial no número de casos tem sido observado nos últimos anos, principalmente em gatos domésticos, mas também em cães e em humanos. O fungo, naturalmente encontrado no solo, infecta a pele de felinos por meio de feridas. Pode causar lesões graves, que se disseminam por todo o corpo e afetam órgãos internos. O quadro pode tornar-se fatal se não for tratado a tempo.

Já em humanos, normalmente infectados por meio da arranhadura ou mordeduras de gatos contaminados, o patógeno costuma provocar lesões nos braços e na face, geralmente não tão severas como as dos felinos.

Embora raramente represente um risco à vida humana, a esporotricose é muito confundida com infecções semelhantes – principalmente a leishmaniose cutânea –, o que dificulta o diagnóstico e retarda o tratamento, aumentando os custos para os sistemas de saúde público e privado.

“Nos últimos cinco anos, foram registrados casos da doença tanto em animais como em humanos em todas as regiões do país, com um aumento de até 600% no número de pacientes notificados”, disse a microbiologista Leila Maria Lopes Bezerra, fundadora da BiDiagnosics.



Foto: Pixabay

Aumento exponencial no número de casos da esporotricose tem sido observado nos últimos anos, principalmente em gatos

Com base em estudos feitos nos últimos 20 anos sobre os efeitos e a evolução do fungo *Sporothrix sp*, a pesquisadora identificou um antígeno específico para o diagnóstico sorológico da esporotricose humana causada pela espécie *S. schenckii*.

A partir da caracterização do antígeno específico, foi desenvolvido um teste rápido para o diagnóstico de todas as formas clínicas da infecção a partir da detecção de anticorpos no soro de pacientes. O método foi validado clinicamente em pacientes atendidos no hospital da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

“O teste permite agilizar o diagnóstico e fazer o acompanhamento do tratamento dos pacientes infectados, que leva no mínimo três meses. Além disso, permite diminuir os custos com internação

pela demora ou diagnósticos errôneos”, contou Lopes Bezerra.

Agora, com o apoio do Pipe-Fapesp, a empresa incubada no Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec) instalado na cidade Universitária em São Paulo, pretende desenvolver um teste de diagnóstico da esporotricose causada pela espécie *S. brasiliensis* a partir de outro antígeno específico.

Essa espécie de fungo, descoberta em 2007, é mais prevalente e virulenta do que a *S. schenckii* e causa graves manifestações clínicas até então consideradas raras, como infecção nas mucosas, endocardite (infecção no revestimento interno do coração) e meningite.

Durante o projeto, os pesquisadores pretendem validar o teste usando os dois antígenos que caracte-

rizaram, a fim de verificar seu grau de sensibilidade e especificidade em amostras de soro de pacientes com esporotricose causada pelo *S. brasiliensis*.

Além disso, querem testar a potencial aplicação do teste no diagnóstico diferencial de esporotricose e leishmaniose cutânea.

“Até o momento, não existe nenhum produto semelhante no mercado e, por esse motivo, o teste que desenvolvemos para diagnosticar a esporotricose causada pelo *S. schenckii* é o único recomendado na literatura médica”, afirmou Lopes Bezerra.

“Apesar de as metodologias usadas hoje serem muito válidas, elas não permitem fazer um grande número de análises e o resultado demora, no mínimo, 15 dias”, comparou.

**Lúri**  
**Moreira**

[iurimoreira.imprensa@gmail.com](mailto:iurimoreira.imprensa@gmail.com)

## Motorola no emalo da nostalgia



Lembra do V3? Pois a Motorola anunciou a evolução do RAZR, o celular que marcou toda uma geração. O novo Motorola razr é o primeiro smartphone em formato flip com tela flexível que dobra completamente ao meio, proporcionando ao consumidor uma experiência única e, ao mesmo tempo, familiar. Até chegar ao produto final, a empresa desenvolveu estudos para entender como as telas flexíveis poderiam melhorar e reinventar a forma como as pessoas usam seus smartphones. Para isso, a Motorola desenvolveu e testou vários formatos dobráveis, utilizando mais de 20 protótipos durante as fases iniciais de pesquisa com os consumidores. E o design flip, que todos conhecem e amam, acabou sendo a solução perfeita. Ele resolve o principal problema real do consumidor: o de possuir um aparelho realmente compacto, sem comprometer a experiência de uma tela grande que os usuários valorizam tanto.

O Motorola razr traz elegância e design totalmente exclusivos. Ao utilizar aço inoxidável premium e Gorilla Glass 3D, a parte externa do aparelho fica mais protegida e se encaixa confortavelmente na mão. Como o original, o novo Motorola razr é fino e compacto, sem contrastes de cores e materiais, destacando ainda mais seu design inigualável. Durante o desenvolvimento do Motorola razr, surgiram vários desafios em função das limitações tecnológicas, que desafiaram a encontrar novas soluções de engenharia. Foi patenteado o primeiro sistema de fechamento com “zero gap”, que permite que ambos os lados da tela flexível se fechem perfeitamente, protegendo-a da sujeira e poeira.

A antena foi redesenhada para caber em um espaço com metade do tamanho dos smartphones atuais; e o aparelho foi revestido com uma camada protetora que oferece resistência a respingos d’água acidentais. Enquanto o tamanho dos smartphones cresce cada vez mais, o Motorola razr é compacto e oferece o melhor dos dois mundos. Quando aberto, ele garante uma experiência mais imersiva, com a tela dobrável Flex View de 6.2” e proporção 21:9. Na hora que precisar, simplesmente feche o aparelho e curta seu design inovador, que cabe de forma confortável no seu bolso. Quando fechado, a tela interativa Quick View permite acessar informações importantes de forma prática e fácil. Você pode fazer chamadas, responder mensagens, fazer pagamentos, controlar suas músicas, tirar selfies incríveis e utilizar o Google Assistant. Tudo isso sem abrir seu aparelho, que chega ao mercado brasileiro a partir de janeiro.

### Parceria

A Intelbras fechou no último trimestre parceria com a norte-americana Honeywell com contrato exclusivo de venda no Brasil dos produtos de detecção de incêndio da linha Morley. A parceria traz inicialmente uma linha com 40 equipamentos de prevenção de incêndio certificados para o Brasil, que são ideais para grandes projetos como aeroportos, shoppings, condomínios, hospitais, hotéis e indústrias, trazendo assim um expressivo crescimento para ambas empresas parceiras.

“O mercado de prevenção e combate a incêndios está muito aquecido e existe uma grande demanda por produtos certificados internacionalmente. Identificamos essa oportunidade de mercado junto aos nossos distribuidores e concluímos a parceria com a Honeywell com contrato exclusivo de vendas de produtos da linha Morley”, explica Bruno Machado Teixeira, gerente de Iluminação e Incêndio da Intelbras. “Para algumas empresas brasileiras, a certificação dos equipamentos de prevenção a incêndio é um requisito adicional que integra o projeto. É para esta gama mais exigente de clientes que esta parceria foi desenhada”, complementa o executivo.

### Crescimento

A Positivo Tecnologia registrou lucro líquido de R\$ 9,1 milhões no terceiro trimestre deste ano. No acumulado de 2019, obteve lucro líquido de R\$ 15,6 milhões, alta superior a 607% em comparação com meses equivalentes de 2018. O resultado foi impulsionado principalmente pelo desempenho das vendas de computadores e celulares nos segmentos de varejo, governo e corporativo, além de receitas em novos negócios. A empresa registrou crescimento de 282% da receita líquida de servidores Accept, marca voltada a clientes corporativos que integra o portfólio da Positivo Tecnologia desde dezembro de 2018. Outro negócio que contribuiu para os resultados da companhia foi a “Positivo As a Service”. A unidade dedicada à locação de equipamentos de informática para empresas teve alta de 94,3% em faturamento nos primeiros nove meses de 2019 em comparação com o mesmo período no ano passado.



## Nove consultas até encontrar um especialista

No plano de negócios inicial da empresa, o teste de diagnóstico estava voltado preferencialmente para o mercado veterinário. Ao participar do 12º Treinamento Pipe em Empreendedorismo de Alta Tecnologia, oferecido pela Fapesp, e realizar 105 entrevistas com potenciais interessados na tecnologia, os pesquisadores constataram que teriam de mudar o foco de mercado.

“Embora o teste seja aceito como uma ferramenta de diagnóstico pelos médicos veterinários, eles manifestaram receio de ter que manipular felinos para extrair a amostra de sangue necessária para fazer o teste”, explicou Lopes Bezerra.

“No entanto, constatamos nas entrevistas com médicos de saúde humana que o teste seria uma ferramenta importante para o acompanhamento de pacientes. Acabamos direcionando nosso plano de negócios

“Hoje, nos estados em que a notificação da esporotricose é compulsória, como no Rio de Janeiro, tem sido registrado, praticamente, um caso de infecção humana para cada notificação de animal infectado”

para esse segmento”, afirmou.

Os pesquisadores constataram que a maior parte dos pacientes passa, em média, por entre quatro e nove consultas médicas no sistema público de saúde até serem encaminhados para um especialista, geralmente após tomarem antibióticos ou terem sido submetidos a uma terapia que não surtiu efeito.

“Hoje, nos estados em que a notificação da esporotricose

é compulsória, como no Rio de Janeiro, tem sido registrado, praticamente, um caso de infecção humana para cada notificação de animal infectado”, disse a pesquisadora.

Segundo dados da Vigilância Sanitária do município do Rio, onde tem sido registrada uma epidemia de esporotricose desde 1998, apenas em 2015 foram diagnosticados 3.800 gatos, 120 cães e 4.000 pacientes infectados. Já em 2016, verificou-se um aumento de 400% no número de animais diagnosticados.

“Já há relatos de casos da doença também em outros países vizinhos do Brasil, o que levou a OPAS [Organização Pan-Americana da Saúde] a emitir um alerta, no final de agosto. Dessa forma, um novo teste com o antígeno do *Sporothrix brasiliensis* suprirá uma demanda não apenas do país”, avaliou Lopes Bezerra.



O professor Silvano Alves Bezerra foi professor do Curso de Educação Artística e Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba, é mestre em Ciências da Informação pela Universidade Federal da Paraíba e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, no Rio Grande do Sul. É um grande estudioso da obra do pintor paraibano Pedro Américo, e participou da republicação dos livros A ciência e os sistemas: questões de história e de filosofia natural e Considerações filosóficas sobre as belas-artes entre os antigos, e fez a organização, estudo introdutório e notas da recém republicada biografia do maior pintor do Império brasileiro, Pedro Américo, de Luiz Guimarães Júnior.

### Para você, quem foi Pedro Américo?

- Eu tenho uma percepção muito especial sobre este artista e intelectual paraibano do século XIX. Percebo Pedro Américo como um virtuoso que sentiu, como poucos, as cobranças de seu tempo, e a elas respondeu com o melhor que as suas energias e capacidades de homem culto permitiram. Éramos um país cuja economia dependia da produção agrícola, tocada por um exército de escravos, dispúnhamos de poucas escolas e tínhamos uma população com 80% de analfabetos. Na minha percepção, Pedro Américo sentiu profundamente tais apelos, e lançou-se à difícil jornada de transformar-se num dos grandes do Império. Pedro Américo dispôs-se a ser uma espécie de símbolo brasileiro no exterior, onde desenvolveu as suas mais significativas obras, e onde conquistou fama e prestígio.

### O que mais o impressiona na vida dele, que começou a ter destaque tão cedo?



Foto: Divulgação

- Além de seus espetaculares dotes de artista plástico, é a sua ambição enciclopédica. Ele se esforçou para ser uma espécie de renascentista dos trópicos, algo que não passou despercebido a muitos intelectuais, a exemplo de Agripino Grieco, que se referiu a ele como “um renascentista desterrado”. Havia, em Pedro Américo, a aspiração pelo domínio, chamemos completo, das capacidades intelectuais, e por isso se envolveu em diversas atividades. Ele foi professor universitário no Brasil e na Bélgica, caricaturista, ensaísta, romancista, orador, líder trabalhista, envolveu-se com a filosofia e a ciência, e foi deputado federal pela Paraíba, na Primeira Constituinte da República.

### Qual a importância da pintura histórica a que ele se dedicou, e o que significa hoje?

- A pintura histórica foi o mais importante gênero das artes plásticas ao longo do século XIX, e poucos, certamente, se viram aptos a enfrentar os pesados desafios desta modalidade artística. Há, é claro, neste gênero das artes plásticas preocupação em manter certa fidelidade

quanto aos episódios retratados, porém fidelidade relativa. O que a pintura histórica faz é recriar um acontecimento, que pela inteligência, talento, técnica e estilo do artista. No Grito do Ipiranga, que gerou polêmicas, acusam o paraibano de haver pintado uma obra que não corresponde ao que se passou no 7 de setembro de 1822. A passagem executada por Pedro Américo seria, assim, uma mentira pictórica. Sabe-se que o príncipe D. Pedro I e boa parte de sua comitiva não cavalgavam em alazões, mas burros. Ocorre que Pedro Américo pintou, isso sim, uma alegoria sobre a história, e não propriamente uma passagem histórica. O pintor procurou dar ao acontecimento histórico brilho, pompa.

### Quais as pinturas mais importantes dele?

- São A Batalha de Campo Grande, A Batalha do Avaí, A fala do trono, Tiradentes esquartejado, Joana d’Arc, A rabequista árabe. Além de pintor ele foi também cientista, romancista, filósofo, político. Avançou sobre diversas áreas, sem, contudo, firmar-se nelas, salvo as artes plásticas. Envolveu-se com a ciência e a filosofia numa quadra de sua caminhada intelectual, e chegou a produzir e publicar livros e ensaios. Romancista, publicou 4 obras, no período de 18anos. Político, integrou a Primeira Constituinte da República.

### A Paraíba tem um pintor da dimensão de Pedro Américo, mas parece que desconhece seu valor...

- De fato. Ele foi uma das estrelas radiantes das artes nacionais, um dos mais celebrados pintores do Segundo Império. Ninguém poderá falar das artes do período imperial se não tocar no nome de Pedro Américo. E estranho o fato de

que a Paraíba parece virar as costas a um de seus mais ilustres filhos. Apenas na cidade de Areia, berço do artista, é que há preocupação em preservar a sua memória, através do Museu Casa de Pedro Américo e do Museu Regional. Recentemente, ao lançar, em Areia, a reedição do segundo romance de Pedro Américo, Amor de esposo – narrativa histórica, chamei a atenção que, de fato, a Paraíba não sabe explorar, para o bem coletivo, a figura de Pedro Américo. É necessário criar políticas públicas de valorização do nome do grande artista e intelectual paraibano, a fim de atrair as atenções de centenas de turistas que visitam Areia e a Paraíba. Cito apenas duas possibilidades: a realização anual do Congresso Internacional de Artes Plásticas Pedro Américo, ou do Festival Pedro Américo de Artes Plásticas, que traria congressistas e artistas do mundo todo para a cidade de Areia.

### O senhor conhece o bisneto de Pedro Américo, que mora em Florença, e que tem objetos do pintor que poderiam vir para a Paraíba. Conte-nos essa história.

- Sim, estive com Geanpaolo de Figueiredo no ano de 1999, em seu apartamento, em Florença, Itália, portanto já temos aí transcorridos uns bons anos. Na visita que lhe fiz, ele me apresentou uma série de documentos (cartas, em especial, ativas e passivas) de Pedro Américo, assim como 2 ou 3 telas executadas pelo artista. Manuseei algumas dessas correspondências e documentos, todos importantíssimos para a memória do pintor. O bisneto de Pedro Américo tinha (deve ter ainda) interesse em vender esses documentos. Quando voltei ao Brasil, procurei contatar algumas autoridades, para ver se se adquiria este acervo, que poderia integrar um museu Pedro Américo.

## Na APL

Nesta segunda-feira, 18, às 18h30, tem evento de peso na Academia Paraibana de Letras: lançamento do livro “Diários Intermitentes. 1937 – 2002” do economista Celso Furtado, com organização e notas de Rosa Freire D’Águia, que estará presente. Os textos de Celso, resgatados de seus arquivos pessoais, registram momentos marcantes de sua vida, impressões de viagens e diálogos com intelectuais e políticos. Sem dúvida, um livro precioso de um dos grandes pensadores do Brasil. Haverá debate com os acadêmicos José Octávio de Arruda Mello e Damião Ramos Cavalcanti e com o economista Rômulo Polari.



Por Rosa Aguiar  
rosacdaguiar@gmail.com

## Notarial

Estão abertas, até as 12h desta terça-feira, as inscrições para os magistrados do Judiciário estadual participarem do Curso ‘Direito Notarial e Registral: Atualização e Aspectos Práticos’, que será realizado na Escola Superior da Magistratura (Esm) em João Pessoa, nos dias 5 e 6 de dezembro, das 8h às 12h30 e das 14h às 18h30. O curso é promovido pela instituição de ensino e está disponibilizando 50 vagas. As aulas, no módulo presencial, serão ministradas pelo professor Sérgio Paulo Ribeiro da Silva, com carga de 20 horas/aula.

### QUEM VEM

Quem vai estar em Campina Grande, dia 12 de dezembro, é a presidente da Comissão de Combate à Violência Contra a Mulher do Grupo Nacional dos Direitos Humanos e promotora de Justiça da Bahia, Sara Sampaio. Ela faz a conferência de abertura do “I Seminário Integrador Feminicídio em Foco”, promovido pelo Observatório do Feminicídio da Universidade Estadual da Paraíba. Será dia 11 de dezembro, no Centro de Convenções Raymundo Asfora. O tema da conferência de Sara Sampaio será “Feminicídio, uma marca cruel da violência de gênero”.

### PAULO FREIRE

A história de vida de Paulo Freire, o patrono da educação no Brasil, será contada neste domingo, 17, na Praça da Independência, numa peça de teatro que já rodou o país. É o espetáculo ‘Paulo Freire, o andarilho da utopia’, às 16h. O espetáculo já foi assistido por mais de 10 mil pessoas e é encenado pelo ator Richard Riguetti com dramaturgia de Junio Santos. Depois da peça tem roda de conversa sobre a importância de Paulo Freire e suas ideias.



Foto: Rosa Aguiar

Os irmãos Vitor e Vanina Castro, ela concluindo curso de Medicina

## Fepac

Um dos maiores encontros de corais do país acontece em João Pessoa, e começa dia 25 próximo. Nada menos do que sessenta e dois corais de diversos estados participam do 17º Festival Paraibano de Coros, que vai até dia 30, na Sala de Concertos Maestro José Siqueira da Fundação Espaço Cultural, a partir das 18h. E tem mais dois encontros paralelos dentro do festival: o 7º Encontro de Corais da Associação dos Docentes da UFPB reunindo seis corais da Paraíba, Pará, Paraná, Pernambuco e São Paulo, e o 1º Encontro da Usina Cultural Energisa, com mais cinco grupos dos Estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia. Parabéns para o coordenador maestro Eduardo Nóbrega.



Foto: Messina Palmeira

Escritora Maria José Lopes com a estilista Celene Sitônio



## Parabéns

Alberto Emmanoel Loureiro, Elane Leal Martins, Giovana Carneiro Pires Ferreira, João Batista Fernandes, Lenira da Costa Nóbrega Madruga, Martinho Moreira Franco Filho, Rosa Lúcia Mendes, Saulo Raniery e Verangela Lacerda Wanderley.

Foto: Osmar Santos

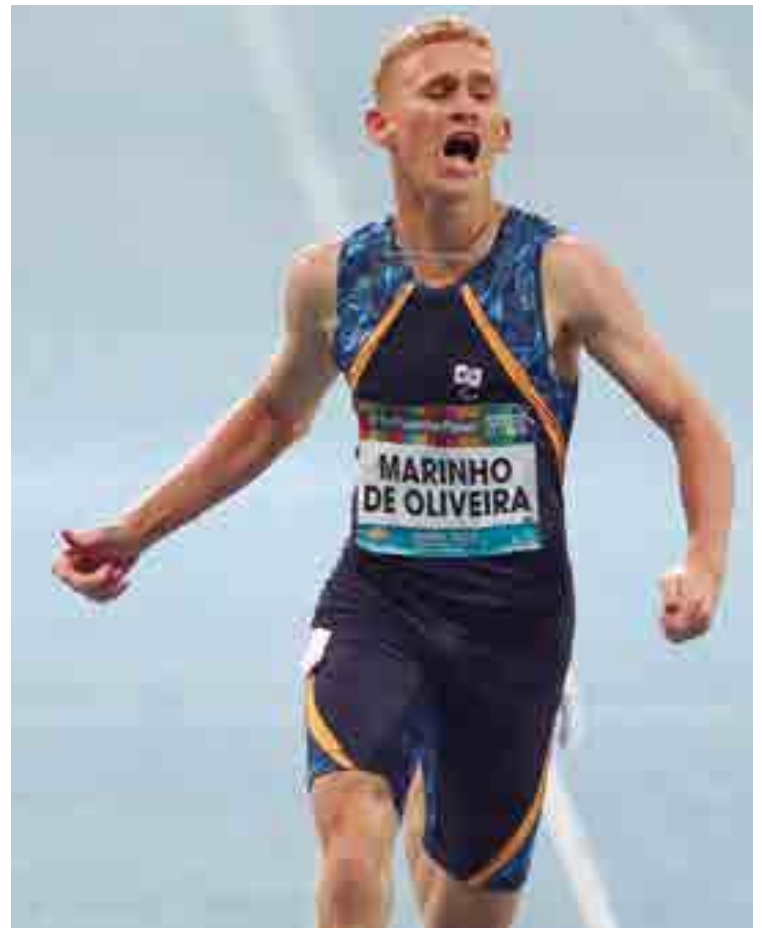


Patrícia Sales, especial para este domingo

## INCLUSÃO

O Tribunal do Trabalho promove o “1º Encontro Regional e Audiência Pública – Acessibilidade e Inclusão”, no próximo dia 22, no auditório do Fórum Maximiano Figueiredo, em João Pessoa. Serão realizadas as palestras “Contextualizando a deficiência: da segregação à inclusão”, com Suzi Belarmino, presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência e “Acessibilidade e Deficiência Física”, ministrada por Hellosman de Oliveira Silva, vice-presidente do Conselho Estadual das Pessoas com Deficiências. Ainda pela manhã, outras duas palestras serão apresentadas: “Autismo e Acessibilidade”, com Erika Patrícia de Oliveira Gonçalves, coordenadora do Setor de Autismo de Funad e “A Inclusão Social e a Pessoa Surda”, com Elizângela de Lima Araújo, que é reabilitadora da Funad. O período da tarde está reservado à vivência de como tratar uma pessoa com deficiência.





Petrúcio Ferreira é o paralímpico mais rápido do mundo com 10s42 na prova dos 100m, Cícero Valdiran é o novo recordista mundial no lançamento de dardos e Joeferson Marinho se consolida como revelação do paratletismo

# Equipe de paratletismo da UFPB faz história no Mundial do Catar

Petrúcio, Cícero Valdiran e Joeferson, sob o comando de Pedrinho Almeida, conquistaram quatro medalhas

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

A verdade é que não existe sorte no esporte, os resultados surgem a partir de esforço e muito trabalho. Um símbolo disso surge a partir do complexo de atletismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) de onde Petrúcio Ferreira, Cícero Valdiran e Joeferson Marinho partiram, sob a supervisão de Pedrinho Almeida, para fazer história no Mundial de Paratletismo no Catar.

Na competição encerrada na última sexta-feira, juntos, os atletas paraibanos da UFPB obtiveram quatro medalhas, três de ouro e uma de prata, além de dois recordes mundiais e o título de paratleta mais rápido do mundo. Todo esse trabalho é coordenado por Pedrinho Almeida que treina, lapida e constrói vencedores a mais de 30 anos em João Pessoa.

O projeto responsável por esse sucesso foi criado no Departamento de Educação Física da UFPB entre 1986 e 1987, desde então vários nomes do atletismo paraibano passaram por lá, contudo, foi a partir dos anos 2000 que a ideia inicial de formar atletas olímpicos passou a focar nos atletas paralímpicos.

Para Pedrinho, que conversou com nossa reportagem direto de Doha no Catar, esse é um momento de satisfação e comprovação do trabalho desenvolvido com o suporte da UFPB.

“A minha satisfação com esses resultados é imensurável, pois não é só chegar aqui e voltar com medalhas, é saber que isso foi construído ao longo desses anos e que foi feito todo um planejamento para dar certo. Estamos muito felizes por termos conseguido bater todas as nossas metas e gratos por todo o suporte para que pudéssemos chegar aqui”

Até onde pôde conduzir, Pedrinho faz sua parte, contu-



Da direita para a esquerda, Pedrinho Almeida é o primeiro entre os Técnicos do Comitê Paralímpico Brasileiro

do, é dentro das pistas que os atletas assumem seu destino. Assim têm sido ao longo dos últimos anos para Petrúcio Ferreira (22), hoje, seguramente o paratleta de maior reconhecimento no Brasil e não é para menos, já campeão olímpico em 2016 e colecionador de títulos no Parapan, agora ele chegou à quarta medalha dourada em mundiais e a superação da última barreira que lhe faltava, pois com 10s42 na prova dos 100m, o paraibano de São José do Brejo do Cruz, sagrou-se como paratleta mais rápido do mundo.

Na última quinta-feira foi a vez de Cícero Valdiran fazer história. Com marcas crescentes e grande evolução nas últimas competições, ele que já havia sido campeão

Pan-Americano este ano, entrou como um dos favoritos para o Mundial, porém para conquistar o ouro, precisou vencer o até então recordista mundial, Amanolah Papi, do Irã. E foi isso que fez o paratleta de 27 anos, natural de Igaraci, ao lançar o dardo à 49m26 de distância da origem para ficar com a medalha de ouro e cravar o novo recorde mundial. O atleta relatou o esforço para chegar na vitória.

“Quem tem sonhos e quer realizar precisa ir à luta. Em 2016 fiquei na quarta colocação nas Olimpíadas, no Mundial de 2017 também não foi possível, mas dessa vez chegou o momento. É uma sensação indescritível, vencer o Mundial é sensacio-

nal”, afirmou após a prova.

O terceiro e mais jovem componente da equipe é natural de Santa Rita e corre a prova dos 100m T12 (para deficientes visuais). Joeferson Marinho (20) passou a treinar na UFPB a cerca de dois anos, após ser descoberto em competições juvenis. Nesse mundial ele fez sua estreia e já no debate, subiu ao pódio garantindo a prata para o Brasil e a Paraíba.

No ano que vem, nas Olimpíadas de Tóquio, a expectativa é que o quarteto possa voltar a brilhar e assim, a Paraíba, mais uma vez receba de presente medalhas, e se deleite com alegria e orgulho a partir do trabalho desempenhado por Pedrinho e seus comandados.

## Brasil na segunda posição

Maior potência paralímpica das Américas, o Brasil mais uma vez mostrou sua força no Mundial de Paratletismo em Doha, no Catar. A competição disputada entre os dias 7 e 15 deste mês viu o crescimento do desempenho brasileiro que garantiu a segunda posição geral na disputa, atrás apenas da China e à frente de países como a Grã-Bretanha, Estados Unidos e Alemanha.

A delegação brasileira contou com 43 atletas entre os mais de 1.400 participantes da disputa, totalizando a presença de 120 países.



Nos 100 metros T47, Brasil obteve todos os lugares do pódio



# Auto Esporte precisa vencer o Mixto para se classificar à final

Atletas do Clube do Povo empataram com o Botafogo-PB e chegaram aos 25 pontos, um a menos que o Mixto

Foto: Ascom-Auto Esporte

**Cardoso Filho**  
josecardosofilho@gmail.com

A equipe feminina do Botafogo-PB pode ficar fora da final do campeonato paraibano da categoria e, conseqüentemente a próxima temporada do Campeonato Brasileiro A2. Hoje, 17, Mixto e Auto Esporte jogam no CT Ivan Thomaz, quando será conhecida a segunda equipe que irá disputar o título da competição. Na rodada realizada na quinta-feira, 13, as meninas do Belo não conseguiram passar pelo time do Povo e apenas empatou em 0 a 0, perdendo a liderança para o Mixto, que venceu o São Paulo Crystal por 13 a 1.

A 14ª rodada, última da primeira fase do Campeonato Paraibano de Futebol Feminino, programa para hoje, às 15h, os jogos Treze e Kashima, no estádio Presidente Vargas, e Guará e São Paulo Crystal, no CT Ivan Thomas. Às 18h acontece o jogo, envolvendo Mixto e Auto Esporte, também no CT Ivan Thomas. O Botafogo-PB, que folga na rodada, vai torcer pelo Mixto, pois um empate classifica a equipe automobilista.

No primeiro turno, as duas equipes empataram em 2 a 2, no jogo realizado no estádio Mangabeirão, em Mangabeira. Naquela oportunidade, Auto Esporte e Mixto já mostravam que iriam lutar até o fim da competição em condições de igualdade em busca da classificação à final e, conseqüentemente a conquista do título, que somente pode envolver os dois times, em caso de vitória automobilista. Um empate classifica o Botafogo-PB.



A torcida compareceu ao estádio Maganbeirão para incentivar a equipe automobilista que conseguiu um importante empate com as meninas do Botafogo-PB e depende de uma vitória, hoje

## + Jogadoras alvirrubras empataram em 0 a 0 com o Botafogo-PB

**Cardoso Filho**  
josecardosofilho@gmail.com

O jogo mais importante da 13ª rodada, realizado na quinta-feira, aconteceu no estádio Mangabeirão, em Mangabeira. Auto Esporte e Botafogo-PB empataram em 0 a 0. Cada equipe comandou um período, inclusive o Botafogo ainda teve uma bola na trave, no segundo tempo. Com o empate, a equipe comandada por Gleide Costa vai ter que torcer por um empate no jogo do Auto

Esporte com o Mixto, que jogam hoje.

Gleide lamentou as chances perdidas por sua equipe e reconheceu que o primeiro tempo foi péssimo e somente na segunda etapa foi que melhorou mais não transformou em gols a superioridade. "Hoje não foi o nosso dia", reconheceu.

O técnico das meninas do Auto considerou o resultado bom para as pretensões de sua equipe, no entanto, reconhece que tem que vencer para se

classificar à final. "Com esse resultado, a gente se mantém vivo na competição e ir com tudo para cima do Mixto".

Como era de se esperar, no outro jogo da 13ª rodada, o Mixto confirmou o favoritismo contra a fraca equipe do São Paulo Crystal que sofreu mais uma goleada, perdendo por 13 a 1. Com o resultado, a equipe de Cruz do Espírito Santo somou 112 gols sofridos e marcou apenas 11, com um saldo negativo de 101 e ainda joga hoje contra

o Guará, no CT Ivan Thomas, às 15h.

O Auto Esporte começou o jogo com: Maria Lúcia, Gabriela, Emily, Alice e Raissa; Monicleya, Maria Augusta, Deborah e Sofia; Letícia e Jessica.

O Botafogo utilizou: Gaby, Debora, Zaira, Jane e Eica; Pintinho, Niede, Kath e Regi; Nadine e Willy.

O árbitro da partida foi Diego Roberto, com Rafael Guedes e Flavia Renally, nas bandeiras e Guilherme Fonseca como árbitro reserva.

## Copa NE Sub-20

# CSP enfrenta o CSA, em Maceió, e já pode se classificar

**Cardoso Filho**  
josecardosofilho@gmail.com

O CSP pode garantir a classificação para as semifinais da Copa Nordeste Sub-20. Hoje, a equipe paraibana joga contra o CSA, no estádio Rei Pelé, em Maceió, em jogo marcado para as 17h. A equipe comandada por Josivaldo Alves não tem nenhuma baixa para essa partida e está na capital alagoana desde ontem, 16. No jogo realizado em João Pessoa, no dia 26 de outubro, venceu o time alagoano por 3 a 0.

A equipe paraibana é a líder do Grupo D da competição, com 10 pontos, três à frente do Porto, que joga contra o Santa Cruz, na terça-feira, 19, na Arena Pernambuco,

precisando vencer e torcer para que o CSP não vença o seu jogo. A última rodada da primeira fase acontece no próximo dia 23, com Porto e CSA, e em João Pessoa, CSP e Santa Cruz (PE).

O CSP assumiu a liderança após vencer o Porto por 3 a 0, no jogo realizado na última terça-feira, 12, no estádio Almeidão, com gols de Ronald 16' (1ªT), Luiz 5' (2ªT) e Igor 34' (2ªT).

O representante da Paraíba no Grupo D da competição iniciou sua participação vencendo o Santa Cruz-PE por 2 a 0, no dia 22 do mês passado, na Arena Pernambuco, com gols de Ronald, aos 25 minutos do segundo tempo, e dez minutos depois Paulo decretou a vitória.

Na segunda rodada, em jogo realizado no estádio Almeidão, o CSP venceu o seu adversário de hoje, o CSA por 3 a 0. A terceira partida na Copa do Nordeste Sub-20 empatou com o Porto, em 1 a 1, no jogo realizado no estádio Lacerdão, em Caruaru. As duas equipes voltaram a se enfrentar em João Pessoa, no Almeidão, por 3 a 0.

Josivaldo Alves acredita numa vitória de sua equipe para alcançar a classificação. Sem qualquer problema para esse jogo, ele espera colocar em campo o mesmo time que venceu o Porto. Depois vamos acompanhar terça-feira o jogo do Porto com o Santa Cruz para saber se chegamos na última rodada já com a clas-

sificação", projeta o presidente/treinador.

A equipe comandada por Josivaldo Alves venceu o Porto de Caruaru na tarde dessa terça-feira e se isolou de vez na liderança do Grupo D da Copa do Nordeste de Sub-20. Na partida realizada no Almeidão, em João Pessoa, e válida pela rodada 4 da competição regional, o Tigre fez 3 a 0, abriu três pontos de vantagem e agora está a uma vitória de garantir a classificação antecipada para as semifinais.

A arbitragem terá Helder Brasileiro de Aquino, como árbitro central, que terá como auxiliares Lennon McCartney Farias Paes e Brigida Cirilo Ferreira. O quarto árbitro será José Reinaldo Fi-

gueiredo da Silva Filho e Flavio Feijo de Omena o analista de campo.

### Outro paraibano

O Botafogo-PB, outra equipe paraibana na Copa Nordeste Sub20, entra em campo somente na próxima terça-feira, 19, às 15h, na Ilha do Retiro contra o Sport-Recife. O Belo ocupa a terceira colocação do Grupo E com seis pontos e vai enfrentar o Leão da Ilha já sabendo o resultado do outro jogo do grupo - Horizonte e América-RN que se enfrentaram na sexta-feira, 15.

Na última rodada, o Belo venceu a equipe do Rio Grande do Norte por 2 a 0, melhorando sua posição na tabela de classificação.

Disputando a competição no Grupo E, o Belo tem duas vitórias, ambas sobre o América de Natal (a primeira por 1 a 0 na capital potiguar e a outra por 2 a 0, no Almeidão) e duas derrotas, para o Horizonte (CE) por 2 a 1 e Sport, por 1 a 0, em jogo realizado no estádio Almeidão.

A equipe é comandada por Ramiro, e na próxima partida tem a obrigação de vencer para pensar numa possível classificação para a fase semifinal. Sport e Horizonte estão com sete pontos, respectivamente, nas primeira e segunda colocações.

O Botafogo-PB encerra sua participação na fase de classificação contra o Horizonte-CE em Horizonte.





Prefeitura de São Paulo tenta manter a prova em Interlagos, mais tem um grande rival no país, Rio de Janeiro, que se colocou como concorrente para receber o GP Brasil a partir de 2021 e tem o lobby do presidente Jair Bolsonaro

# Com renovação ameaçada, São Paulo teme dar adeus à F1

Hexacampeão mundial, Lewis Hamilton não é favorável à mudança da competição para outro local

**Carlos Petrocilo**  
Da Folhapress

O vínculo entre a FOM (Formula One Management), braço comercial da modalidade, e a Interpub, empresa que organiza a corrida no Brasil há três décadas, vale somente até o próximo ano e a renovação está travada por aspectos financeiros e políticos.

As negociações se arrastam desde a prova de 2018. A FOM tem exigido receber uma taxa de promotor para renovar o contrato com a cidade de São Paulo, casa da F-1 de forma ininterrupta desde 1990.

A corrida no Brasil, assim como em Mônaco, é isenta dessa cobrança, de acordo com o contrato assinado em 2014, na gestão de Bernie Ecclestone. Acontece que o britânico vendeu a FOM para o Grupo Liberty Media por R\$ 26 bilhões em 2016.

São Paulo tem a isenção da taxa até a corrida do ano que vem, a última dentro do período de validade do acordo firmado por Ecclestone.

Atualmente chefiada pelo americano Chase Carey a FOM tem mostrado postura diferente da gestão anterior na hora de negociar contratos. O GP da Alemanha, fora da próxima temporada, pode ser usado como exemplo.

O acordo para a realização da corrida terminou em 2018 e não foi renovado.

Enquanto perde o tradicional GP alemão, a F-1 sob o comando de Carey quer explorar mercados inéditos. O Vietnã será um novo palco da modalidade a partir de 2020

A prova só aconteceu em 2019 porque a Mercedes bancou a taxa de promotor, algo que não irá se repetir ano que vem.

O valor pago por Hockenheim estava entre os menores. Baku desembolsa US\$ 75 milhões (R\$ 310 milhões) para receber a F-1 no Azerbaijão desde 2016. Os valores não são anunciados pela FOM e variam em cada país.

Enquanto perde o tradicional GP alemão, a F-1 sob o comando de Carey quer explorar mercados inéditos. O Vietnã será um novo palco da modalidade a partir de 2020.

“Desde que nos envolvemos neste esporte, falamos sobre o desenvolvimento de novas cidades, ampliar o apelo da F-1, e o GP do Vietnã é uma realização dessa ambição”, disse Carey durante o anúncio do país asiático.

Nas negociações, a Interpub apresenta Interlagos pela ótica da tradição

e das constantes reformas na pista. Para cumprir com as exigências da FIA (Federação Internacional de Automobilismo) e da FOM, o autódromo recebeu R\$ 900 milhões desde 1990 (valores corrigidos), segundo levantamento feito pelo jornal Folha de S.Paulo.

As torneiras do dinheiro público, no entanto, podem secar. Além disso, os gastos para realizar a prova consomem quase R\$ 30 milhões de São Paulo por ano.

O prefeito Bruno Covas (PSDB) avalia que as despesas se justificam com o retorno que a cidade recebe com gastos dos turistas que vem para o evento.

No último dia 6, São Paulo lançou edital para conceder Interlagos à iniciativa privada pelos próximos 35 anos. Com isso, estima economia de R\$ 1 bilhão. O contrato já prevê que a empresa terá que ceder o local para a prefeitura durante 80 dias para a realização do GP Brasil.

Enquanto tenta manter a prova na capital paulista, a prefeitura passou a ter um rival no país. Neste ano, o Rio de Janeiro se colocou como concorrente para receber o GP Brasil a partir de 2021. Para isso, conta com o lobby do presidente Jair Bolsonaro.

“Não perderemos a F-1. O contrato vence ano que vem, e eles resolveram realizá-la no Rio. Fora isso,

seria a saída do Brasil. É praticamente 99% a chance de termos a F-1 a partir de 2021 no Rio”, disse Bolsonaro em junho, após encontro com Chase Carey, diretor-geral da categoria, e o governador fluminense Wilson Witzel.

Carey, porém, afirmou após a declaração ainda negociar com as duas cidades.

Em maio, o presidente assinou termo de cooperação para levar a corrida para o Rio. A promessa é que a construção do circuito de Deodoro, na zona oeste, alçada em R\$ 697 milhões, seja quitada apenas com recursos privados. No mesmo mês, o empresário JR Pereira, representante do consórcio Motorsport, ganhou licitação para construir o autódromo.

No entanto, para alento dos paulistas, a licitação para construção de Deodoro está suspensa até que a empresa entregue à Justiça o estudo de impacto ambiental sobre a floresta do Camboatá.

“Francamente, não sei até que ponto o Chasey conhece a mecânica das coisas no Brasil. Como consegue uma licença, quanto tempo leva para fazer uma licitação, uma obra. Eu não apostaria muito em uma corrida em 2021 no Rio”, diz Tamas Rohonyi, promotor do GP Brasil desde 1980 e dono da Interpub.

Por outro lado, segundo

o empresário, em um almoço com Covas e Dória, o chefe da F-1 teria dito “quem sou eu para questionar o presidente”, sobre a afirmação de Bolsonaro de que a corrida seria no Rio a partir de 2021.

Há um outro fator que pode impactar no futuro do GP Brasil. O contrato entre a Globo e a FOM é válido somente até o próximo ano. A Interpub teme que sem TV aberta a corrida perca pú-

blico e patrocinadores. Procuradas pela reportagem, a FOM não respondeu e a Globo não confirma se há possibilidade de renovação.

A FOM também se nega a comentar as negociações e não informa se a corrida poderá ir para outro país da América Latina, caso São Paulo não consiga pagar a taxa e o autódromo no Rio não fique pronto. JR Pereira não quis conceder entrevista.

## Lewis defende Interlagos

**José Edgar de Matos**  
Da Folhapress

Lewis Hamilton, hexacampeão mundial, o piloto da Mercedes defendeu a permanência da corrida na capital paulista, durante evento da Petronas, parceira da equipe do inglês. O contrato com a Fórmula 1 vai até o fim do ano que vem, e o governo de Jair Bolsonaro se mostrou favorável a uma mudança para o Rio de Janeiro.

“Adoro a pista de Interlagos. Sou das antigas, mas, talvez, com os carros que temos hoje, a pista parece ser mais curta. Seria mais legal ter uma pista mais longa. Mas sempre temos que garantir a manutenção dos clássicos, e esse [GP Brasil em Interlagos] é um dos clássicos”, defendeu o britânico.

“Não sou grande fã de mudança, mas sei que o Rio de Janeiro é uma cidade fantástica. Estive lá uma vez e foi fantástico. Não sei qual autódromo que eles têm lá, mas, se mudarem a corrida, não terá a mesma história que Interlagos possui. Lembro do Senna e dos videogames ao dirigir nesta pista, espero que continue assim”, acrescentou.





Com gol heroico, Lázaro (sem camisa), saiu do banco para garantir a virada em 3 a 2 do Brasil para cima dos franceses. Já o México chega para as finais deixando para trás a favorita Holanda que foi derrotada nos pênaltis.

# Brasil e México fazem a final do Campeonato Mundial Sub-17

## Final entre equipes da América Latina deixa para trás equipes africanas e europeias que dominavam a Copa

**Iago Sarinho**  
iagosarinho@gmail.com

Hoje, às 19h, Brasil e México entram no gramado do estádio Bezerrão no Gama, Distrito Federal, para fazer a grande final da Copa do Mundo de Futebol Sub-17. Jogando a competição pela primeira vez em casa, a Seleção Brasileira irá em busca de seu quarto título mundial da faixa-etária, a equipe foi campeã

em 1997, 1999 e 2003. Enquanto isso, o México buscará o seu terceiro título após ter sido campeão 2005 e 2011, ano em que o campeonato ocorreu em sua casa.

A Nigéria é o país com maior número de títulos na categoria, ao todo são cinco, obtidos nos anos de 1985 – primeira edição do torneio –, 1993, 2007, 2013 e 2015 – A Seleção Brasileira é a segunda em número de triunfos. A

atual campeã é a Inglaterra, que em 2017 venceu a edição realizada na Índia. Na história da competição, que já foi realizada em 18 oportunidades, apenas uma vez a seleção da casa foi campeã, justamente o México, adversário dessa final e contra quem o Brasil buscará melhorar o retrospecto dos mandantes no Mundial Sub-17.

Para chegar à final o Brasil se classificou em primeiro

lugar no grupo A com 100% de aproveitamento, derrotando Angola, segunda colocada, e deixando para trás Nova Zelândia. Nas oitavas, apenas uma vez a equipe brasileira venceu o Chile por 3 a 2, em seguida foi a vez de enfrentar a Itália nas quartas de final e vencer por 2 a 0. Na semifinal, veio o grande desafio diante da França. No jogo o selecionado verde e amarelo conquistou uma vitória de virada nos

últimos minutos de jogo por 3 a 2, após sair perdendo no primeiro tempo por 2 a 0 da forte equipe francesa que já havia goleado a Espanha por 6 a 1 e a Austrália por 4 a 0, nas quartas e oitavas de final, respectivamente.

Já o México avançou com dificuldades da fase de grupos tendo se classificado como melhor terceiro colocado do Grupo F, atrás de Paraguai e Itália, superando apenas as

Ilhas Salomão. Nas oitavas de final o time surpreendeu e venceu um dos favoritos, o Japão por 2 a 0. Nas quartas de final os mexicanos enfrentaram a Coreia do Sul e por 1 a 0 eliminaram mais um time asiático. Por fim, nas semifinais a equipe enfrentou a Holanda em jogo que terminou empatado no tempo normal em 1 a 1 e foi decidido nos pênaltis com vitória da seleção mexicana por 4 a 3.



Uma das favoritas ao título, a seleção francesa deixou escapar a vitória diante do Brasil e lamentou a eliminação

## Decisão do terceiro lugar

**Iago Sarinho**  
iagosarinho@gmail.com

Antes de Brasil e México fazerem uma final entre os países da América Latina, a disputa do terceiro lugar também ocorrerá no estádio Bezerrão, às 15h, com o confronto entre a França e a Holanda, eliminadas nas semifinais e que agora brigam pela medalha de bronze na competição.

Para os franceses, campeões da Copa do Mundo Sub-17 em 2001,

na edição realizada em Trindade e Tobago, o terceiro lugar no Mundial pode não ter tanto significado quanto para os holandeses que nunca estiveram entre os melhores do mundo nessa que é a principal disputa para atletas dessa faixa-etária.

Independente disso, para as equipes que estarão em campo, mesmo não podendo mais voltar com o título para casa, uma vitória e o terceiro lugar, podem servir como boa compensação pela campanha.

## Na Boca do Gol

**Eudes Toscano**  
toscanobr@yahoo.com.br

## Será que narrei o milésimo?

No dia 14 de novembro, uma sexta-feira, do ano de 1969, - meio século atrás - o então governador João Agripino Filho, inaugurava melhoramentos e uma nova iluminação no Estádio Olímpico José Américo de Almeida, pertencente ao antigo DEDE, depois chamado de Complexo Esportivo Ronaldo Marinho, hoje Vila Olímpica Parahyba, Bairro dos Estados em nossa capital. Uma noite de festas, com a presença do Santos Futebol Clube da Vila Belmiro, enfrentando o Botafogo Futebol Clube, que além de todas as suas grandes atrações, vivia a expectativa do milésimo gol na carreira de Pelé. O Rei do Futebol, chegava a João Pessoa, com a marca de 998 tentos assinalados, e ainda faria dois jogos contra o Bahia, em Salvador-BA e Santa Cruz Futebol Clube, em Recife-PE

A cidade ganhou um feriado na parte da tarde, para que o torcedor pudesse chegar mais cedo ao estádio. No antigo prédio da Reitoria da UFPB, na Lagoa, Pelé recebeu o

título de Cidadão Pessoaense, proposto por Derivaldo Domingos de Mendonça, antigo jogador do Botafogo e vereador, na época. A Federação Paraibana de Futebol convidou o árbitro pernambucano Manoel Amaro de Lima, considerado o melhor do Brasil, naquele momento, e o pontapé inicial foi dado pelo governador.

O ponta direita Manoel Maria, fez dois gols para o Santos e o torcedor paraibano começou a sentir que Pelé se escondia do jogo. Talvez, quem sabe, deixando para as cidades de Salvador e Rio de Janeiro, viverem as mesmas ou maiores emoções que os paraibanos. Já no segundo tempo, com 2x0 no placar, sempre ele, Manoel Maria, dispara pela extrema-direita, ultrapassa o ponteiro esquerdo Pibo, entra na área botafoguense e é derrubado pelo lateral esquerdo Zezito. Manoel Amaro marca o penal contra o Botafogo e toda a torcida grita o nome de Pelé. Naquele momento, ele não poderia se

esquivar e teria que não somente cobrar, bem como transformar em gol.

O itabaianense Lula, goleiro do Botafogo Futebol Clube, foi para um canto e a bola para o outro. O Rei Pelé correu para os fotógrafos e para a câmara da TV Rádio Clube de Recife-PE, que gravava o jogo, sendo aplaudido pelo torcedor. Logo em seguida, o Rei meteu um chute de fora da área, indo a bola se chocar com o travessão superior do time paraibano, deixando a massa em transe total. Quase que acontecia o milésimo!

Rapidamente, o dirigente Modesto Roma autorizava o treinador Antoninho a mandar o goleiro reserva sair de circulação e ao titular Jair Estevão, o famoso Jairzão, simular uma contusão, para então, Pelé ir ocupar a meta santista. Os aplausos ocorridos antes e durante a partida, para o Rei Pelé, se transformaram em apupos, numa demonstração clara de que o torcedor paraibano, não estava satisfeito com a jogada engendrada pelo dirigente e

do treinador do clube bicampeão mundial de futebol de 1962 e 1963.

Fim de jogo: Santos Futebol Clube 3 x 0 Botafogo Futebol Clube e uma dúvida que seria alguns anos depois, levantada pelo Jornal Folha de São Paulo: seria aquele gol marcado na Paraíba, o nonagésimo centésimo nono gol, conforme gravamos para o programa Esporte Espetacular da TV Globo? O problema, é que alguns anos depois, quando Pelé completava 50 anos de idade, a mesma emissora me convidou e fiz para o programa Fantástico, uma nova matéria, desta vez, como o “Milésimo Gol de Pelé na Paraíba”. O que se fala, é que Pelé, entre os seus gols, marcou um jogando na seleção do Exército Brasileiro, contra o Paraguai, e a FIFA não o reconhece.

Para nós, paraibanos, aquele jogo ficou marcado na história, como o último na carreira de um grande craque que o Botafogo teve, que foi o Nininho, falecido em 21 de novembro de 1969.





Foto: Reprodução



Foto: Reprodução



Grande parte dos conhecimentos da farmacologia indígena, Sever diz que aprendeu com sua mãe, que o carregava escanchado nos ilíacos quando ia à caça ou à coleta de frutos; ele se autodefine como “paisagista e pintor de figuras indígenas”

# Sevér: o índio pintor da aldeia Tracoeiras, na Baía da Traição

Artista montou um estúdio rústico decorado com fibras e madeiras e transfere para as telas o dia a dia do seu povo

**Hilton Gouvêa**

hiltongouvearaujo@bol.com.br

A história dos índios brasileiros sempre foi interessante e até romântica para os estudiosos do assunto. Mas, que tal falar sobre um índio diferente, nascido no cerne da aldeia Tracoeiras, em Baía da Traição, a 86 Km de João Pessoa, que tem o sangue de Zorobabé, o aborígene paraibano que primeiro lutou contra o Quilombo dos Palmares e era temido pelos portugueses por causa de seu nato espírito de liderança e bravura? Este filho das selvas nortelitorâneas se chama, hoje, Severino Pereira da Silva, 60 anos, que trocou a flecha e o tacape pela arte dos pincéis, o que o tornou conhecido no Brasil.

Sevér, o nome que ele assina em seus trabalhos, explica, com a sapiência que Tupã lhe concedeu, a origem do nome Tracoeiras: no ano da grande seca de 1877, um grupo de retirantes procedente do Sertão, chegou nesta aldeia indígena com tanta fome, que trocou joias de ouro e prata por crueira, uma farinha grosseira de mandioca. Este alimento só era usado pelos índios em caso de emergência. Os retirantes gostaram dele e melhoraram seu sabor adicionando rapadura e banana. Nesta barganha, todos saíram satisfeitos, porque os retirantes saciaram o estômago e os índios venderam os metais e compraram gado.

As vítimas da seca também vinham estropiadas e com os pés feridos, produto da longa caminhada. Os índios trataram de suas feridas com o óleo do bati, uma árvore que produz sementes oleaginosas, atualmente ainda muito encontradas nas aldeias potiguaras. Com o bati milagroso, o então capitão-mor da Paraíba, Feliciano Coelho (1595 a 1599), curou uma flechada na perna direita, ao guerrear contra os potiguaras. E o almirante holandês Von Schoppe, ao fugir de uma esquadra luso-espanhola, foi forçado a fundear em Baía da Traição (na Falésias do Tambá), onde utilizou o bati e o limão galego para curar o escorbuto que atacava sua tripulação.

Nos dias atuais, Sever redescobre as qualidades terapêuticas do bati e fornece este óleo a quem sofre de alguns males. “Ele pode ser usado na culinária comum, igual ao similar de soja ou de girassol, pois é isento de gorduras”, diz o índio pintor. Grande parte desses conhecimentos da farmacologia indígena, Sever diz que aprendeu com sua mãe, que o carregava escanchado nos ilíacos, quando ia à caça ou a coleta de frutos. O curumin e sua ueivó se banhavam nas pequenas cachoeiras das nascentes do Sinimbu, um rio formado pelos afluentes dos rios do Gozo e do Areiado, que se estende por um percurso de nove quilômetros, entre Tracoeiras e a Aldeia da Caieira, no município de Marcação.

## Um estúdio rústico

Recolhido à sua casa da aldeia, onde montou um estúdio rústico decorado com fibras e madeiras selvagens, Sever lembra tudo isto e transfere para as telas. E imagina o Pajé solitário, numa noite clara, observando o brilho de Yaci (a lua), que ilumina os rios, morros e florestas, sem prejudicar a natureza. Ou admira Coaraci (o sol), a quem o homem provoca a ira, por destruir seus domínios. Ele credita isso às tentações de Ioroque (o diabo), que leva a Kunhã-mucui'm (mulheres) a tentarem o homem com suas belezas e conduz o melhor dos guerreiros a cometer o mal, pelo uso excessivo do cauíim, uma bebida alcoólica fermentada através do milho, utilizada pelas tribos antigas em seus rituais.

Um de seus famosos quadros é a “Vila São Miguel”. Aqui viveu o padre João Vaz de Salém, acusado pela Inquisição de traficar com escravos indígenas, amasiar-se com mulheres jovens e de emprestar dinheiro a juros extorsivos. A tela “A mãe de Sever Carregando-o no Colo” foi encomendada por R\$ 600,00. E a mais nova criação do artista, “As Cunhãs Nuas”, uma fiel retratação da índia juvenil, foi muito apreciada numa das exposições de Sever e recebeu algumas encomendas, com variações de imagens. “Meus preços são populares aqui ou na cidade, pois o interessante é que o público de todas as classes tenha acesso ao meu trabalho”, explica.

Sevér, numa das tardes quentes de Tracoeiras, teve uma inspiração que o levou a pintar “A Deusa da Justiça”. Foi uma arte fora de seu tema tradicional – o indígena -, mas que surtiu o efeito comercial desejado. De outra feita botou na tela “Duas Visões da Raça Negra”, que mostra a imagem de um guerreiro negro em terceira dimensão, e a “A Bela e a Fera” a junção dos rostos de uma jovem potiguara e

uma onça. “A mulher indígena possui a intrepidez e a beleza da onça, sabendo ser sutil e sedutora nas horas oportunas”, opina Sever.

As pinturas de Sever que já circulam pelo Brasil e alguns países da América do Sul e da Europa são:

“Índio de Bodoque”, “Duas Visões da Raça Negra”, “O Índio Pescador”, “A Virgem Potiguara”, “O Índio em Pret-a-pórtier”, “A Deusa da Justi-

ça”, “A Mãe Protetora”, “História do Bati”, “Menino Índio”, “Araras Coloridas”, Curumin Potiguara”, “O Pajé Solitário”, “Toré Potiguara na Lua Cheia”, “Rio do Gozo em seu Esplendor”, “A Pesca do Caranguejo” e “Virgens Potiguaras”. Essas obras são criadas enquanto o artista observa a serenidade das águas do Rio do Gozo e escuta o canto dos bem-te-vi, comuns na aldeia Tracoeiras.

Foto: Divulgação



Sevér nasceu Severino Pereira da Silva, 60 anos, trocou a flecha e o tacape pela arte dos pincéis, o que o tornou conhecido no Brasil





Em 1907, Dilermando e seus colegas de esgrima posaram para uma fotografia em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 1941, a revista Diretrizes publica a fotografia, num recorte em que exhibia apenas Dilermando; diz-se que foi manipulada

# Há 110 anos, escritor Euclides da Cunha era assassinado

Autor de Os Sertões foi morto no ano de 1909 pelo cadete do Exército brasileiro Dilermando de Assis

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvea@bol.com.br

Estamos no 110º ano de aniversário da morte do escritor Euclides da Cunha, alvejado a tiros pelo cadete do Exército Dilermando de Assis, na manhã de 15 de agosto de 1909. Euclides flagrou sua mulher, Ana Solon da Cunha, nos braços de Dilermando, seu melhor amigo. Ao sacar um revólver Harrington calibre 22, para matar o rival, Euclides foi surpreendido com a rapidez incrível de seu antagonista, que era campeão de tiro. Este caso, que a imprensa da época chamou de "Otelô e Desdêmona brasileiros", foi manchete nos principais jornais do Brasil, embora nem de longe se comparasse ao drama shakespeariano, pois a bela Desdêmona fora vítima de calúnia engendrada por um pretendente apaixonado e não correspondido. Já a conduta de Ana era escancarada, e ela fazia questão de exibi-la, talvez para provocar

a separação dela com o marido enganado, que se negava a isto por amá-la de forma tresloucada

O julgamento de Dilermando, que mantinha um romance com Ana Solon da Cunha, esposa de Euclides, de quem era amigo, dividiu o tribunal, mas o réu foi absolvido. A sentença não foi aceita facilmente pela sociedade, e o tema gerava polêmica em cada esquina. Até hoje, os detalhes das investigações nunca haviam sido revelados. Somente agora, 110 anos depois do crime, os autos do processo foram divulgados no livro "Crônica de uma tragédia inesquecível" (Editoras Albatroz, Loquii e Terceiro Nome), revelando, também, bastidores do julgamento. Os documentos foram organizados por Walnice Nogueira Galvão, professora de Letras da Universidade de São Paulo (USP) e autora de 11 livros sobre Euclides da Cunha. "São relatos importantes de um fato histórico que devem vir ao conhecimento do pú-

blico", diz ela. A obra traz depoimentos de testemunhas. Elas refutam a tese de legítima defesa que absolveu Dilermando e relatos da viúva.

Segundo Ana, Dilermando exigia dela mais de 500 mil réis por mês e jurava vingança, caso fosse abandonado. A morte de Euclides da Cunha tem todos os elementos de um folhetim: traição, drama, suspense. Euclides teve uma crise nervosa na véspera da tragédia, quando descobriu que sua mulher não havia dormido em casa e tinha levado um dos cinco filhos com ela. Euclides chamou o primogênito, Solon, de 15 anos, e disse: "Onde está a sua mãe, aquela adúltera?" Desesperado, Solon foi à casa de Dilermando e implorou a Ana que voltasse, mas não adiantou. Ela estava decidida a se separar. "Sua mãe daqui não sai", advertiu o cadete.

## Suspeitas

As suspeitas de traição de Euclides começaram com a desconfiança sobre a pa-

ternidade do seu filho mais novo, Luiz, de dois anos – mais tarde foi confirmado que o pai do menino era Dilermando. "Ele dizia que o filho era o retrato do 'Sargento' (Dilermando)", contou Angélica Ratto, sua comadre, em depoimento. Naquele 15 de agosto, Euclides carregou um revólver calibre 22 e foi ao encontro do rival. Segundo Dinorah Cândido de Assis, irmã de Dilermando, ele invadiu a casa, puxou a arma do bolso do paletó e, arrombando a porta do quarto do cadete com um chute, disse: "Vim aqui para matar ou morrer." Ao tentar impedi-lo, Dinorah foi alvejada por Euclides. Em seguida, o escritor atirou em Dilermando, que revidou com uma sequência de quatro tiros.

Os depoimentos sobre o crime são contraditórios. O cadete disse à polícia que atirou em Euclides para se defender. Mas duas vizinhas de Dilermando presenciaram o crime e afirmam que o escritor foi morto no jar-

dim, quando estava ferido e já não representava ameaça ao acusado. Ana, ao ver o marido ensanguentado na soleira da porta, pediu a Dilermando que o levasse para dentro. Euclides foi colocado na cama do amante de sua esposa e pediu um copo de água e um cálice de vinho do Porto antes de dar o último suspiro. No leito de morte, o cadete teria perguntado a Euclides: "Que precipitação foi essa, doutor? Eu não queria lhe matar. O senhor me perdoa?". Euclides sussurrou: "Odeio-te. Perdoe-me."

Para vingar a morte do pai, Euclides da Cunha Filho tentou assassinar Dilermando sete anos depois, mas também foi morto pelo cadete. Após perder o marido e um filho, Ana ainda sofreria outro golpe. Em 1921, Dilermando a abandonou e foi morar com outra mulher, mais jovem. Apesar de ter sido inocentado nos dois episódios, o cadete foi perseguido durante toda a vida. "Ele era considerado pela opinião

pública o facinora que matou um herói brasileiro. A comoção nacional influenciou até mesmo os delegados e promotores envolvidos no caso", avalia o advogado Domício Pacheco, consultor jurídico do livro.

Quando ainda se tratavam com diplomacia, Euclides escreveu a seguinte carta para Dilermando: "Apesar de aborrecido por um número de contrariedades, julgo que não o tratei mal. Na sua ida- de, nunca se é um homem baixo. Não creio que houvesse lhe feito tal injustiça. A minha casa continua aberta sempre aos que são dignos e bons. Não poderá fechar-se para você. Quando souber a razão do meu aborrecimento, avaliará a injustiça que fez a si próprio e a mim. Até sábado. Estude, seja sempre o mesmo rapaz de nobres sentimentos". Mesmo escrevendo um texto educado, Euclides já desconfiava que Dilermando era amante de Ana.

Foto: Divulgação



Acima e à esquerda casa 214 da estrada real de Santa Cruz, onde se deu o assassinato do escritor Euclides da Cunha. À direita, ele sentado, ladeado pelos irmãos





# Histórias do Brasil e do mundo recheada de muitas mentiras

Um mentiroso notório na história foi o almirante escocês Lord Thomas John Cochrane, contratado por D. Pedro I

**Hilton Gouvêa**  
 hiltongouvea@bol.com.br

Você sabe o que é a “síndrome de Pinóquio”? É uma doença que ataca os indivíduos mentirosos, que relatam fatos tidos como reais e que, não passam de ficção. É por isso que a história do Brasil e do mundo estão cheias de contumazes mentirosos. Então, para nos aprofundarmos no assunto, conheça os sintomas da Síndrome de Pinóquio, aquele momento em que o loroteiro coça estrategicamente o nariz, automaticamente inchado alguns milímetros, porque certos tecidos se inflamaram. Quem diz isso é uma equipe de cientistas da Universidade de Illinois (EUA), que acrescenta: “Na versão lendária da história infantil, a criação de Gepetto sofria deste mal, que seria uma manifestação de fungos”.

Esses especialistas estudaram as imagens do interrogatório de Bill Clinton, sobre o escândalo sexual dele com Mônica Lewinsky, estagiária da Casa Branca. Conclusão: notaram que o ex-presidente dos EUA coçava o nariz a cada quatro minutos. Para a equipe de psiquiatras, “esse gesto era mais revelador da verdade do que suas respostas”. Outro mentiroso notório na História foi o almirante escocês Lord Thomas John Cochrane, contratado por D. Pedro I para dominar as províncias brasileiras que não aceitavam o Brasil se separar de Portugal. Em 1823 ele instruiu seu subordinado, o capitão inglês Joe Pascoe Greenfel, a entrar no Porto de Belém e exigir a rendição.

Cochrane e Greenfel mandaram “guaribar” o brigue D. Miguel, um navio já veterano de guerra e caindo aos pedaços. Equipou-o com canhões pintados às pressas e uma tripulação de bêbados e vagabundos. No Porto do Grão Pará, Greenfel desembarcou imponente, chamou os defensores rebeldes e intimidou: “Isto que vocês veem é apenas uma amostra, pois toda esquadra imperial brasileira está ao largo, pronta para entrar em ação, se vocês não se renderem”. O armistício foi aceito, mas os defensores de Belém foram vítimas de um blefe. A esquadra imperial estava longe, em São Luiz (MA), impedida de se deslocar, por falta de pólvora e homens.

## Lei Áurea

A história conta que Marco Polo foi um jovem italiano que estremeceu o mundo do século XIV, ao contar coisas fantásticas sobre a China, em seu “Livro das Maravilhas”. O professor Mário Sproviero acredita que Polo fez duas versões de suas narrativas. A primeira acabou rejeitada pelos europeus, porque apresentava a China como

uma civilização igual ou superior à da Europa. A segunda, fantasiosa, atendeu melhor ao gosto dos ocidentais. Sproviero aponta outros “furos” na narrativa de Polo, acrescentando que ele seria mentiroso, farsante ou simplesmente distraído. Primeiro, ele não falou sobre a Grande Muralha, um monumento milenar, que não escaparia aos olhos de quem passou 17 anos na China, viajando por todo o país.

Polo diz que participou do cerco a Xiangyang, na época a capital chinesa, mas Sproviero lembra que o cerco a esta cidade aconteceu dois anos antes de Polo visitá-la. Segundo a mesma fonte, Polo também não foi governador de Yangzhou. E Sproviero comprova que a capital da Dinastia Yuan não se chamava Dadu nem Zhongdu, mas Cambaluc, um nome de origem persa. O viajante europeu descreve a cidade de Suhzou como próxima de montanhas. Na realidade ela fica no Delta do rio Yangtsé (amarelo), uma área plana. Uma escritora inglesa, Frances Wood, diz que Polo cometeu “escorregões” dentro da história, embora, vez por outra, se coloque em defesa do veneziano.

Nos tempos atuais, a UOL-Educação diz que a história, inclusive a do Brasil, está repleta de fraudes e mentiras e cita alguns exemplos. A Princesa Isabel não assinou a Lei Áurea porque queria “redimir uma raça”, como falam os livros. Os ingleses dominavam a economia brasileira e haviam proibido a escravatura, com a finalidade de vender mais as suas máquinas industriais. O Brasil continuava a importar muitos negros ainda, no crepúsculo do século XIX. Era o jeitinho de burlar a vigilância da esquadra inglesa no Atlântico. Aí, numa ausência de D. Pedro II, os britânicos boicotaram o preço do açúcar e forçaram a ingênua Isabel a assinar a lei que abolia a escravatura. Se o açúcar baixasse mais de preço, a economia do Brasil estaria arruinada.

Cabral descobriu o Brasil? Não. Estudos recentes revelam que ele chegou aqui em 22 de abril de 1500, mas já vinha com o olho colado no mapa do navegador Duarte Pereira Pacheco, que, em 1498, já havia explorado a foz do Rio Amazonas. Portugal manteve a descoberta de Pacheco em segredo, para evitar conflitos. No Tratado de Tordesilhas, parte desta área pertencia à Espanha. Já o historiador Leandro Narloch diz que Zumbi, o famoso herói de Palmares, defensor da liberdade negra, era escravocrata. “Ele tinha servos em serviços forçados e lutou mais por seus direitos pessoais do que pelos escravos”, afirma Leandro.



Foto: Brazil Photo Press/Folhapress



Foto: (Getty Images)

Bill Clinton, numa foto que tomou conta da mídia internacional à época do escândalo sexual com Mônica Lewinsky, estagiária da Casa Branca





## Pitada

Alguns leitores quando me encontram perguntam como escolho o que escrever a cada semana. E a resposta é sempre a mesma: só sei quando começo a escrever. Hoje, por exemplo, pensei em citar algo relativo à Proclamação da República, porém prefiro escrever sobre um tema que é muito atual e ao mesmo tempo tem salvo as refeições de muita gente: o delivery. Esta palavra em inglês que significa entrega, distribuição ou remessa.

Mas onde começou o uso do delivery de refeições? Na verdade, a história do delivery é antiga, não é de hoje que a entrega de comida faz parte do dia a dia das pessoas. Há muito tempo que os consumidores têm como opção receber refeições em casa. Na Roma antiga já havia vestígios de entregas de comida. Muitos trabalhadores não tinham cozinha em casa e podiam buscar uma refeição pronta em algum dos pontos chamados thermopolium.

Ainda não havia a entrega em si, porém já era um começo. Inclusive, o fato de a pizza estar entre as campeãs do delivery talvez não seja mera coincidência. Isso porque a primeira delas foi entregue em Nápoles no ano de 1889, para ninguém menos do que o casal real, rei Umberto e rainha Margherita. Uma tamanha responsabilidade para o pizzaiolo Raffaele Esposito e sua receita que levava tomate, mozzarella e manjericão. Daí surgiu a pizza margherita e poderíamos dizer que foram os primeiros passos da história do delivery no mundo.

Se no Brasil temos os motoboys, na Índia temos os dabbawalas. Desde o século 19 esses rapazes entregam comida caseira no horário do almoço para trabalhadores na cidade de Mumbai. Os dabbawalas carregam pelos trens, ou no equilíbrio de uma bicicleta, uma espécie de 'marmita', que é retirada na casa do profissional e no final da tarde é devolvida no mesmo local.

Hoje com o uso dos aplicativos temos diversas escolhas de receitas para facilitar nosso dia a dia e é cada vez mais corriqueiro vermos os motoqueiros nos sinais cortando as ruas de nossas cidades. Em homenagem aos italianos que começaram esta opção que uso frequentemente, escolhi uma receita italiana para apresentar a vocês hoje.

**Bom apetite!**

## Visual, aromas e sabores

Fotos: Divulgação



# Larica Total

Imaginável até bem pouco tempo, os aplicativos de gastronomia estão virando de cabeça para baixo o ato de cozinhar e de saborear a comida. E hoje quero escrever sobre o app brasileiro muito maneiro, o Larica Total, que nasceu a partir do programa do Paulo Tiefenthaler, no Canal Brasil que ensinava o cozinheiro iniciante, sem prática na cozinha. O aplicativo tem um recurso que vale a pena conhecer, principalmente aqueles que querem cozinhar e não sabem sequer por onde começar, no qual você inclui os alimentos disponíveis na geladeira e na despensa e ele te dá sugestões de pratos possíveis e as receitas.

O Larica Total que originou o app foi um programa televisivo de humor com a temática de culinária, exibido no Canal Brasil e hoje disponível no YOUTUBE, nas noites de sexta-feira. No programa, o ator Paulo Tiefenthaler faz o papel de "Paulo de Oliveira", que é o porta-voz da "Culinária de Guerrilha", onde o personagem cozinha usando apenas o que estiver na geladeira, sem se importar com procedência, data de validade e outros detalhes. A ideia central é satirizar os famosos programas de culinária apresentados por grandes chefs. Em 2009, o programa foi aclamado pela Associação Pau-

lista dos Críticos de Arte (APCA) como melhor humorístico da TV brasileira.

O programa conseguiu bons índices de audiência em todas as suas temporadas e fez sucesso principalmente entre os solteiros que moram sozinhos. Não à toa, em sua terceira temporada, ele teve seu espaço aumentado de 15 para 25 minutos e passou à li-

nha de frente do canal. Em 2011, o elenco do programa resolveu lançar o "Livro de Receitas do Maravilhoso Mundo de Larica Total" (editora Leya Barba Negra), que conta com cem receitas, sendo que 25 foram feitas no programa, e as restantes enviadas pelos telespectadores.

Em 2012 o programa lançou um aplicativo para Android

e iOS, onde, além do acesso às criações do chef Paulo Oliveira, os usuários também podem publicar as suas próprias invenções culinárias. Ele foi encerrado em 2012, em sua terceira temporada, totalizando 74 episódios. Um ano depois de seu lançamento, o app foi indicado ao "5º Prêmio Oi Tela Viva Móvel" (categoria: Foto, TV e Vídeo).

### Conheça agora a sinopse dos 10 primeiros Programas da 1ª Temporada (2009):

- **1- Frango Total Flex:** Paulo acorda tarde e decide pular o café da manhã. Deseja um bom dia ao sol e apresenta a culinária da verdade. Não tem panela grande? O tempero está caro? Engole o choro e se liga na receita do Frango Total Flex.
- **2- Só o Macarrão Salva:** Paulo acorda de ressaca e, em vez de tomar o café da manhã, parte direto para o almoço. De um jeito bem particular, o cozinheiro solteirão prepara macarrão ao alho e óleo - prato sofisticado pós-noitada.
- **3- Vivendo e Aprendendo a Flambar:** A louça de hoje é o pesadelo de amanhã, já sabem os solteiros. Nada melhor, então, do que um prato rápido que não dependa de louça limpa. Assim, Paulo prepara a dobradinha de queijo coalho e pão com salsicha.
- **4- Arroz Infalível:** Desta vez, Paulo põe fim ao mito de que fazer arroz é uma tarefa complicada. Esbanjando destreza, o solteirão ensina duas maneiras de fugir dos grãos empapados: a receita infalível e o arroz das mães e das avós.
- **5- Cozinhar não é Difícil, é Treino:** Dizem que o melhor amigo do queijo é o presunto. Partindo deste pensamento filosófico, Paulo mostra que cozinhar não é nenhum bicho de sete cabeças: um simples misto-quente pode fazer a diferença e ser até apreciado como uma iguaria. O segredo é apresentá-lo ao "papai forno".
- **6- O Yakisobra:** Ao som de "Are You Experienced?" - cantada por Jimi Hendrix -, Paulo ensina uma nova receita, resultado de sobras de feira, macarrão instantâneo e pouco dinheiro.
- **7- Moqueca de Ovo:** Sai o peixe e entra em campo um novo artilheiro. O chef solteirão propõe, desta vez, uma revolução na velha receita da vovó para provar que, entre cebolas e tomates, o ovo pode ser o ingrediente principal de uma moqueca.

## Lev, preparar e comer

**RAVIOLI DE MOZZARELLA DE BÚFALA COM MOLHO DE TOMATE**  
Para esta receita da La Bufalina vamos precisar de:

### Ingredientes

- 7 ovos
- 1kg de farinha de trigo
- 200g de Mozzarella de Búfala
- 8 tomates sem pele e sem sementes picados
- Um dente de alho
- 70ml de azeite de oliva
- 50g de queijo parmesão ralado

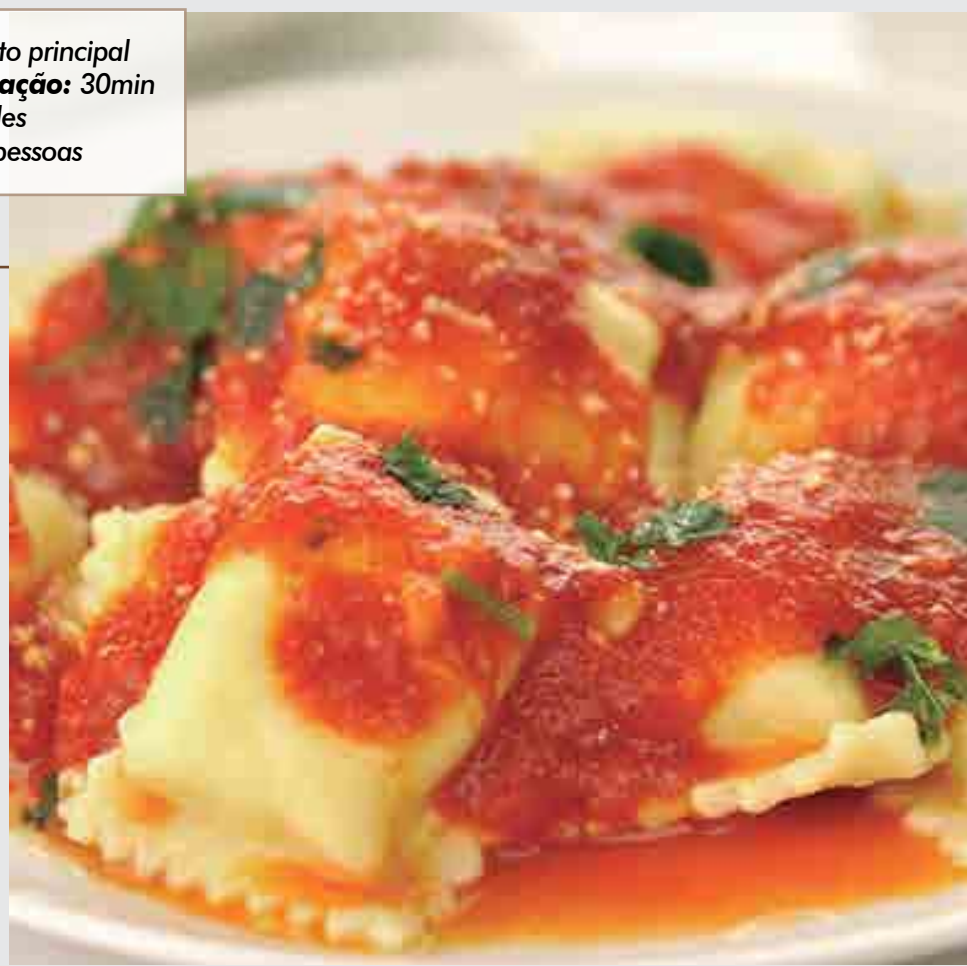
### Utensílios

- Um rolo de massas
- Uma panela média
- Uma frigideira pequena

### Preparo

- 1 - Incorpore os 7 ovos à farinha de trigo. Sove bem, até que a massa fique lisa e elástica.
- 2 - Divida em 4 pedaços e vá abrindo aos poucos com o auxílio de um rolo de massas até que fique bem fina.
- 3 - Recheie com a Mozzarella de Búfala, feche os raviólis e de a forma desejada usando o cortador de massa.
- 4 - Cozinhe a massa em abundante água fervente e salgada.
- 5 - Enquanto isso, aqueça o azeite numa frigideira, coloque o tomate, o alho cortado em pedaços finos e tempere.
- 6 - Mexa por 2 ou 3 minutos.
- 7 - Escorra a massa, disponha os raviólis nos pratos, acrescente o molho e salpique com queijo parmesão ralado.

**Classificação:** prato principal  
**Tempo de preparação:** 30min  
**Dificuldade:** simples  
**Porções:** 2 (duas) pessoas





## Transformação da diferença em desigualdade



“O preconceito, uma vez estabelecido, tem uma tendência a se reproduzir e a resistir à mudança”



Ilustração: Reprodução

**Alexandre Nunes**  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

O preconceito é um fenômeno estudado, sobretudo, pela psicologia social. É o que explica Fernando César Bezerra de Andrade, graduado em Psicologia, Filosofia e Letras, com mestrado e doutorado em Educação. Segundo esclarece Fernando, o preconceito serve para criar desigualdade, serve para manter essas desigualdades e para naturalizá-las.

“O preconceito é uma forma de pensar, sentir e agir, uma forma complexa que ajuda a transformar diferentes em desiguais e ajuda a separar, a classificar numa hierarquia não natural, artificial e injusta, pessoas que de saída têm os mesmos direitos, são humanas e deveriam ser tratadas pelo princípio da igualdade”, define.

Fernando Andrade revela que o preconceito tem na sua origem, contida em si, a ideia de dois a priori: o pré-conceito, uma concepção anterior ao contato com a realidade específica. E que, portanto, aponta para uma presunção, na representação sobre alguma coisa ou sobre alguém, tanto podendo essa presunção ser positiva, quanto negativa. Ele acrescenta que é possível inclusive falar de preconceito positivo, quando você se aproxima de uma pessoa ou de um grupo de pessoas com expectativas

positivas, na medida em que há uma representação anterior, um pré-conceito positivo a respeito dela.

O pesquisador esclarece que, por exemplo, a ideia de que os artistas famosos, populares, os cantores pop sejam simpáticos com os seus fãs é um preconceito positivo. “Nem todos, eles e elas, são simpáticos; nem todos, eles e elas, estão de bom humor sempre; nem todos, eles e elas, estão ali disponíveis para os contatos com os fãs. Alguns estão geralmente, mas isso não é uma necessidade e isso não é exaustivo, em outras palavras, o preconceito contém em si uma representação de juízo valor, a priori, que tende a incluir sutilezas, detalhes. Ele generaliza características, neste caso, positivas, que muitas vezes não se encontram na realidade. Então, o preconceito, pouco a pouco, deixou esse caráter exclusivamente cognitivo, ligado à representação, que pessoas e grupos têm sobre outras pessoas e grupos”, detalha.

Segundo argumenta o professor do Departamento de Fundamentação da Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a ideia de que todo nordestino é bobo, pouco ilustrado, já tem aí uma presunção, um preconceito claramente

“Você pode por conta do preconceito alimentar ódio por pessoas que nunca viu. Você nem conhece pessoalmente, mas presume que seja uma pessoa ameaçadora e nociva a você ou à sociedade”

Fernando de Andrade

negativo. Fernando afirma que esse é um exemplo de preconceito negativo. “Então, em síntese, o que eu falei até agora foi que o preconceito originalmente dizia respeito a concepções prévias positivas ou negativas, anteriores à experiência dos indivíduos no contato com a realidade, social ou física”, complementa.

### + Pensamento social e cultural

Fernando Andrade acrescenta que, pouco a pouco, a noção de preconceito foi ganhando outras dimensões. Ela deixou de ser puramente cognitiva e envolveu outras dimensões além da cognição. Passou a envolver também o componente afetivo, as emoções associadas ao preconceito, e um componente comportamental, ou seja, uma predisposição para agir de um certo modo, no caso da atitude positiva ou negativa, mas também uma ação com base no preconceito.

Ele cita como exemplo, o fato de um grupo de pessoas baterem em alguém na rua, ou melhor, em duas pessoas do mesmo sexo e do mesmo gênero que estão de mãos dadas passeando na calçada pública. Bater nelas, para o especialista, é um comportamento que é baseado no preconceito, no caso, homofóbico, ou seja, uma atitude negativa com relação à pessoa que tem identidade de gênero e ou orientação sexual desviante daquele parâmetro estabelecido como norma excludente, que é o androcentrismo e a heteronormatividade.

“Pessoas que fogem ao padrão heterossexual e ao padrão androcêntrico, que tomam a masculinidade como inferência de poder máximo na cultura, são pessoas que podem sofrer preconceito homofóbico, porque o preconceito nesse caso envolve não o exemplo fictício que eu dei, que não é tão fictício, já que vez por outra a gente escuta pelo noticiário pessoas que são espancadas e até mortas por conta do preconceito homofóbico”, constata.

Fernando entende que o preconceito alimenta tanto emoções, como ações. “Então, você tem o componente afetivo, as emoções. No caso do preconceito negativo, as emoções são as consideradas negativas, o medo e a raiva, quando não, o ódio. Você pode por conta do preconceito alimentar ódio por pessoas que nunca viu. Você nem conhece pessoalmente, mas presume que seja uma pessoa ameaçadora e nociva a você ou à sociedade”, observa.

O pesquisador afirma que esse é o componente afetivo emocional. Já o componente comportamental é o que envolve a atitude, ou seja, uma disposição para agir de um certo modo, e envolve também o próprio compor-

tamento, a ação propriamente dita, ou seja, o comportamento associado ao preconceito negativo de bater, espancar, ou violências mais sutis como isolar pessoas, não se relacionar, não se comunicar com elas, segregar as pessoas, o que, por exemplo, havia, tanto do ponto de vista jurídico quanto comportamental, em países como os Estados Unidos e a África do Sul.

No caso do Brasil, você também tem o preconceito racial imerso, banhando a cultura, ou as culturas brasileiras, em termos das diferenças estereotípicas ou fenotípicas, ou seja, a diferença de cor e formato, de rosto, de corpo. “Todas as diferenças são tratadas como desigualdades e são objeto de preconceito negativo e, se a gente vai falar de preconceito negativo, já está falando, no sentido da acepção da Psicologia Social, da relação entre grupos. A gente já está claramente pensando em estereótipos, em crenças que tendem a promover a leitura da realidade segundo parâmetros de percepção que são redutores da realidade”, analisa.

Fernando Andrade explica que, quando alguém ao caminhar à noite numa calçada e encontrar do outro lado um homem sozinho vindo em sua direção, num ambiente sem circulação de pessoas, e presumir, via preconceito, que aquele outro é um bandido, um marginal que vai atacar, roubar e fazer mal, o fato é um exemplo clássico de preconceito. Esses parâmetros de leitura da realidade vão determinando reações emocionais e comportamento e se estão consolidados, se são repetidos, não apenas geram formas preconceituosas de pensar, de agir e de sentir, mas tendem a oferecer resistência à mudança.

“O preconceito tem a característica de uma vez estabelecido ter uma tendência a se reproduzir e a resistir à mudança. Como ele está envolvendo dimensões cognitivas, emocional e comportamental, e ele está amparado, fomentado e enraizado na cultura, porque o preconceito não é individual, mas social e cultural, uma pessoa pode ser preconceituosa e outra não. No entanto, a pessoa preconceituosa só se mantém assim por conta de uma cultura que estabelece que qualquer diferença seja tratada como desigualdade e, como no caso, o preconceito negativo como uma inferioridade. As mulheres serem inferiores aos homens, os negros serem inferiores a brancos, são exemplos de como as diferenças são tratadas como desigualdades. Esse preconceito ajuda a justificar comportamentos que nós reconhecemos hoje como violência”, afirma.



Ilustração: Reprodução



# Desde quando a humanidade discrimina pessoas?

Filósofo assegura que a desigualdade social sempre existiu e esse desequilíbrio, desde a antiguidade, era tratado como natural



**Alexandre Nunes**  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

O filósofo Fernando César Bezerra de Andrade assegura que a desigualdade social sempre houve e essa desigualdade, desde a antiguidade, era tratada como natural. Por exemplo, na Grécia antiga, os cidadãos tratavam os estrangeiros como inferiores. Só os gregos nascidos em Atenas tinham todos os direitos próprios a sua cidadania, os outros eram menores, não tinham direitos, não poderiam circular, não eram seres humanos, ou pelo menos não eram cidadãos. Quem não fosse cidadão, não merecia atenção em certos momentos como os da política.

“De certo modo, isso é verdade até hoje, em termos de Brasil. A gente vê as organizações políticas de algum modo respeitando esses parâmetros, porque, por exemplo, o analfabeto sofreu tanto preconceito político, porque ele era interdito de votar, e ele não votava porque era considerado inábil, incapaz para o voto. Na verdade, o analfabeto não teria as condições que a República Velha estabelecia como necessária à capacidade de escolha que seria, nesse caso, o letramento e a posse de uma certa quantidade de bens como terras. Mesmo trabalhando, o analfabeto era considerado infe-

rior, porque ele não teria cultura, na acepção clássica da palavra”, relata.

Fernando Andrade é da opinião de que, hoje, as pessoas sabem que todos têm cultura. “Essa cultura é um fenômeno humano e foi por ela que nós nos humanizamos. Então, não existe ser humano sem cultura, existe ser humano sem letramento, sem escolarização e isso não inferioriza a dignidade humana. Por outro lado, o analfabetismo não pode ser tratado como objeto de preconceito. É preciso evitar o analfabetismo, mas não se pode por isso tratar o analfabeto como inferior, como menos inteligente, como incapaz. Esse preconceito foi sendo estabelecido em função da forma como as sociedades organizavam diferenças e criavam desigualdades. Uma vez negativadas e naturalizadas essas negativas, as diferenças eram tratadas como desigualdades naturais e os preconceitos não só se estabeleciam como ajudavam a manter essas relações desiguais”, ilustra.

A escravidão claramente foi associada ao preconceito racial e ajudou a estabelecer esse tipo de preconceito. Entretanto, o preconceito racial não envolveu apenas pessoas negras, mas diferentes etnias que envolvem, por exemplo, pessoas brancas com outras pes-

soas brancas. O preconceito étnico racial não está associado apenas à cor e exclusivamente à fenotípica, mas, no caso brasileiro, o racismo associou a fenotípica negra à inferioridade. A população negra, nas relações desiguais, sociocultural e economicamente falando, estava em posição inferior, desigual. Essa desigualdade foi tratada como inferioridade e aí, claro, a diferença foi rapidamente assimilada à situação de inferioridade e se materializa no preconceito. O preconceito está associado ao senso comum e, por conta da força do senso comum e a sua onipresença, o preconceito está presente nas culturas em geral.

“Veja como a sociedade discrimina as pessoas desde sempre. Muito provavelmente há registros de discriminação dos seres humanos em documentos historicamente disponíveis muito antigos. Desde muito tempo, o estrangeiro era discriminado, mas os preconceitos se tornam cada vez mais objeto de preocupação e de críticas pela Ciência, Filosofia e Educação, quando, pouco a pouco, a humanidade vai reconhecendo, a partir da sua própria história, desde o século 18, mas, sobretudo, no século XX, ao longo da formação do discurso sobre os direitos humanos, que todo ser humano por definição tem, não só direitos

iguais, mas diferenças que não são naturalmente desigualdades. Essas diferenças são tornadas desigualdades pelas culturas da inferioridade, entre outros processos, graças ao preconceito”, enfatiza.

O preconceito passa a ser objeto de críticas a partir do século XX, quando as Ciências Sociais, em especial a Sociologia e a Psicologia Social, vão se interessar para entender esses modos de organização social. Fernando Andrade explica que o preconceito funciona como um regulador social. Nesse sentido é preciso questionar esse regulador social, porque ele mantém desigualdades, quando ele é negativo e até positivo.

“Por que numa situação típica estereotipada, por exemplo, se presume que a mulher nunca seja criminosa e só o homem? Por preconceito. Há um preconceito que se baseia no estereótipo de que mulheres em geral são inocentes, são menos violentas. Porém, também há mulheres, e a experiência mostra, que cometem crimes, que roubam, que assassinam. Então, não se pode presumir, a não ser por preconceito, que uma mulher seja de saída inocente, mas elas assim são tratadas, assim como os negros são tratados de saída como marginais, assim como as pessoas que não são heterossexuais são tratadas como ameaçadoras e peri-

gias podendo influenciar as novas gerações a se tornar como elas, o que é um preconceito de gênero e de orientação sexual”, argumenta.

Os preconceitos servem para organizar hierarquias e segregar grupos. O problema desses processos é que acontece o tempo todo. No caso da cidadania e da nacionalidade que separa os brasileiros e não brasileiros, por exemplo, o problema não está só na separação, está na separação carregada de valor negativo. Aí você tem o preconceito enfim repetindo. “O preconceito passa a ser estudado pela Psicologia Social e pela Sociologia sobretudo em meados do século XX, quando os cientistas sociais, os filósofos, os psicólogos sociais interessados em entender o fenômeno do preconceito racial muito presente no nazismo, averiguaram que a eugenia que os nazistas defendiam era baseada em preconceito multirracial. Quem não fosse alemão, seria inferior. Os cientistas tentam entender que processo psíquico social era esse que ajudou a organizar uma sociedade, no caso a alemã, e a motivar grupos sociais inteiros a agirem de maneira irracional. Do ponto de vista científico, hoje se sabe que não existem diferenças de raças humanas. Só há uma raça humana, o que nós temos é uma variedade étnica”, comenta.

## Fenômeno social sempre mantido

Fernando Andrade explica que os cientistas reconheceram, a partir do fim da segunda guerra mundial, que o preconceito é um fenômeno psíquico social. O preconceito é produzido, mantido e alimentado constantemente. Os cientistas constataram que uma boa parte do ódio entre nações só se sustentava por conta do preconceito, que é basicamente irracional e que não tem fundamentos lógicos. É uma construção imaginária mantida às custas de emoções, de comportamentos e deslizes que tendem a generalizar o particular, ou particularizar o geral.

“Tratar todos os negros e negras como se fossem pessoas iguais, tratar todas as mulheres como se fossem iguais é uma forma de generalizar o particular. A frase “mulher no volante, perigo constante” revela preconceito duplo, de gênero contra mulheres e à mulher como motorista, tudo isso baseado na crença de que elas são más motoristas, quando na verdade não são. Isso é uma generalização. Há mulheres que dirigem mal, há homens que dirigem muito mal também e não apenas porque são lentos ou lentas no trânsito, ou não sabem fazer uma baliza, mas porque são agressivos e agressivas, e comportamento agressivo no trânsito não é específico de tal e qual gênero. O preconceito serve para isso, ou seja, para de algum modo reduzir o nosso campo de visão”, assegura.

Enfim, há etnias contra etnias, o que revela um processo irracional e não só contraproducente. Esse processo ameaça, a rigor, a sobrevivência da espécie. “Nós podemos nos matar por conta de crenças que são irracionais. Em sendo assim, visto que o preconceito é tão antigo quanto a maldade humana, ele serve para manter essas desigualdades”, arremata.

## Quando a civilização começou a questionar?

Só no século 20, depois das grandes guerras, a humanidade, cansada e vendo os riscos que a tecnologia permite produzir, começa a demandar Ciências Sociais em resposta a esse problema de como é que um ser humano pode tratar outro ser humano como se não humano fosse, ou como se fosse menos humano, ou seja, a desumanizá-lo em função do preconceito. O comentário é do psicólogo e doutor em Educação, Fernando César Bezerra de Andrade.

“Ao perceber que, de forma negativa, o preconceito segrega, deturpa, humilha, levando a problemas terríveis, como a desigualdade e a violência, a humanidade começou a questioná-lo quando, por meio de alguns setores da sociedade, nos estados-nação, ela se deu conta da situação, tanto por indignação quanto por demanda política dos governos que controlavam esses estados, e também foram se perguntando sobre outras formas de convivência”, revela.

Fernando César Andrade comenta que todo discurso, por exemplo, da Organização das Nações Unidas (ONU), tenta se contrapor a preconceitos. “É um discurso que busca valorizar os processos de humanização, associados à educação, à saúde, à segurança pública e aos direitos humanos. Todas as políticas de direitos humanos insistem na premissa de que todos somos iguais e, se assim somos, aqueles que nos fazem mal também são humanos e, se assim são, precisamos nos interrogar pelos processos que os levaram a nos fazer mal e, inclusive, reconhecer que

nós estamos implicados nesse processo, porque eles podem ter sido maltratados também por nossa responsabilidade, seja direta ou indireta”, confessa.

Fernando exemplifica: “Se eu sou assaltado, abordado por uma pessoa que muito provavelmente acha que precisa do meu dinheiro, por razões que nem sei quais são diretamente, mas que implicam na crença de que essa pessoa tem. Primeiro, ela crê que tem direito a isso; segundo ela crê que tem mais força do que eu; terceiro, ela acredita, por razões diversas, que não pode se ajustar às normas na sociedade, que em tese implicariam em mais justiça, mais igualdade. Não que as normas sejam todas justas. Elas não são. Os valores que ultrapassam essas normas tendem a sê-lo. A história de cada pessoa ajuda a entender porque essas pessoas podem, cometer o que consideramos mal. A gente precisa entender que todos estamos comprometidos e responsabilizados por essa situação, que é coletiva. Nós todos somos responsáveis direta ou indiretamente, uns mais outros menos, pela reprodução dos preconceitos”, analisa.

Em seu entender, o preconceito se torna, do ponto de vista ético e visto como um mal, como algo indesejável, sobretudo, quando começa a ser reconhecido como o processo que motiva e orienta ações destrutivas no plano social. Isso acontece no caso geral das Ciências Humanas e Sociais, a partir de meados do século 20. Mas já havia, segundo Fernando, estudos antes a este respeito. Ele cita, como exemplo, a figura de um autor como Sigmund Freud, o

criador da Psicanálise. Freud já estudava o preconceito e suas origens, quando ele vai tentar entender o que motivava as pessoas a se separarem por motivos religiosos, filosóficos e políticos. Ele escreveu dois livros a esse respeito: ‘Totem e Tabu’ e ‘Moisés e o Monoteísmo’. Esses livros ajudam a pensar um aspecto do preconceito. Há toda uma fantasia em torno do outro que envolve emoções, juízos cognição e ação.

“Como diz a música infantil ‘Quem tem medo do lobo mau’, se eu tenho medo do lobo mau, eu vou tratar todo lobo como mau. Vou presumir que todo lobo seja mau. Isso não é verdade. O lobo só é perigoso se eu for para a casa dele. Ele não vem à cidade, a não ser que a casa dele – a floresta – seja destruída. Vive melhor na floresta do que na cidade. Ele só vai atacar ao se sentir ameaçado. Só vai se sentir ameaçado se tiver sido privado de alguma coisa na vida dele. O que eu estou usando, na verdade, é uma metáfora que foi usada pelo próprio Freud. Ele invocou lá um ditado antigo que dizia que o ser humano é o lobo de si mesmo. Obviamente que, nesse aspecto, Freud foi um pessimista, e eu não necessariamente concordo com ele a esse respeito, mas de qualquer forma o que eu estou dizendo é que, mesmo tendo bases irracionais, o preconceito não é inexpugnável, não é insuperável. Todo o trabalho de mudanças das culturas, de sensibilização em função do outro, de valorização da diferença tende a reduzir preconceitos e a criar atitudes mais disponíveis para a alteridade”, conclui.





# Todos iguais... Tratamentos diferentes

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Aos 10 anos, o paraibano Waldeci Ferreira Chagas assistia aula em uma escola pública de João Pessoa como faz milhares de outras crianças. No entanto, fora da sala de aula, um grupo de colegas o humilhava sem qualquer interferência de defesa da professora a quem ele relatava as agressões. Mais tarde, ainda estudante, foi chamado de “negro insolente”.

Quando ficou adulto, mesmo se capacitando e dedicando-se ao trabalho, viu a chance de ascensão profissional esbarrar na discriminação de cor. Esses são exemplos claros de situações de preconceito externado através do racismo e retrata outros inúmeros casos existentes no país. Um levantamento divulgado em janeiro deste ano pelo Datafolha revela que 30% dos brasileiros sofrem preconceito por causa da classe social e entre os que afirmaram ter sido desrespeitado por causa da cor ou raça, 50% eram negros.

A pesquisa ouviu 2.077 pessoas de 130 cidades do país e o nível de confiança dos dados é de 95%. Entre as razões citadas pelos entrevistados estão classe social (30%), local onde mora (28%), religião (26%), sexo (24%), cor ou raça (22%) e orientação sexual (9%).

No caso de Waldeci, apesar do descrédito que recebeu ao longo da vida, ele não se abateu e sempre lutou contra qualquer tipo de rejeição ou injustiça. Concluiu o Ensino Médio, fez graduação, mestrado e atualmente é doutor em História do Brasil.

Aos 56 anos, ele é um dos professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus de Guarabira, e dá aulas sobre a História da África, talvez uma forma que ele encontrou para “politizar” e educar melhor os jovens sobre a importância do povo negro no Brasil e no mundo. Afinal, Waldeci é um ser humano resiliente, que acredita no poder de transformação do ser humano. Por isso a importância de conhecer um pouco de sua história.



## Julgamentos antecipados, aparências e reações

O uso de um assessorio como alargador na orelha ou piercing no nariz, uma cor incomum no cabelo ou uma tatuagem exposta no corpo e pronto. Está armado o cenário para que muitas pessoas criem julgamentos antecipados sobre o próximo. Victor Bellinatti sabe bem o que é lidar com algumas reações de “pré-conceitos”. Tatuador profissional, ele já imprimiu na pele várias tatuagens. E o que era para ser apenas um jeito de ser, muitas vezes foi motivador de segregação.

Entre as próprias experiências e as histórias relatadas por seus clientes, Victor conta que as reações das pessoas com aqueles que têm tatuagem vão desde o sentimento de marginalização até o desprezo social. “Têm pessoas que não sentam perto de você no ônibus, amigos meus não conseguem emprego. Principalmente idosos dizem que isso é coisa do capeta”, confessou.

Bellinatti afirmou que já conheceu um rapaz que foi expulso de casa porque fez uma tatuagem. “Ele era evangélico e, quando chegou em casa, a família lhe deu as costas.



Foto: Evandro Pereira

Victor Bellinatti diz que “jeito de ser” vira motivo de segregação

Acharam a tatuagem algo abominável”. Há oito anos na profissão, o tatuador reconhece que antigamente a situação era pior. O mercado, segundo ele, está se abrindo. Se antes apenas moradores da periferia o procuravam em busca do serviço, hoje a demanda está mais diversificada. “A sociedade precisa entender que a tatuagem não muda o caráter das pessoas”, reforçou.

## Experiências que trouxeram crescimento e sabedoria

Desde a primeira experiência de racismo que sofreu, em um bairro periférico da capital paraibana, Waldeci Chagas não baixou a cabeça. “Quando eu fazia o terceiro ano primário tinha um grupo de garotos que me zoava e um menino branco sempre batia em mim e em outras crianças negras. Xingava, chutava e eu não reagia, mas dizia à professora. Ela não fazia nada”.

Cansado da situação, um certo dia Waldeci reagiu e a atitude da professora foi surpreendente. “Ela me suspendeu das aulas por três dias e disse que eu só entraria na escola com a presença dos meus pais. O colega que me batia não sofreu nada. Eu não fiquei calado. Disse que não ia chamar meus pais. Passei os três dias de suspensão assistindo aula pelo basculante da sala”, revelou. Apesar de duro, o acontecimento trouxe algo positivo na relação com o colega que o agredia. “Ele nunca mais bateu em ninguém. Mas ali percebi o tratamento diferente que eu recebia”.

Já pré-adolescente, Waldeci se deparou com outra situação racista. No final da década de 1970, ele

explicou que os pais com filhos na escola pública precisavam comprar os livros, porque esse material não era distribuído gratuitamente. “E eu era o único da escola que não tinha livro. Anotava no caderno o resumo da aula que a professora escrevia no quadro e, nos intervalos, estudava nos livros dos colegas. Quando eu tirei dez em uma prova, a professora não acreditou”.

E foi nesse momento que veio mais uma situação de violência. “Ela disse que eu não poderia tirar dez porque não tinha livro e afirmou que eu faria uma prova oral. Ao responder todas as questões corretamente, ela me chamou de negro insolente. Na hora, entendi que ela estava me chamando de inteligente. Só mais tarde entendi o significado da palavra e fiquei com muita raiva, mas eu nunca baixei a minha cabeça”, salientou.

Antes de concluir a graduação, Waldeci trabalhava como auxiliar de almoxarife em uma fábrica de João Pessoa. Mesmo se capacitando e já no curso de graduação, não teve sua dedicação reconhecida. Já havia dez anos que estava na fábrica e quando surgiu a chance de crescer na

profissão, mais uma vez se decepcionou.

O antigo chefe, a quem Wandeci mantinha uma relação cordial, morreu. Quando um colega do setor assumiu a função, Waldeci passou a ter outras atribuições na fábrica.

“Percebia que ele, sem capacitação, semi-analfabeto, não gostava de mim. Quando assumiu a chefia, me colocou para fazer as funções mais desqualificadas que existiam no setor, inclusive descarregar mercadorias. Meus amigos ficavam admirados com aquela atitude”.

Ao concluir o curso superior, Waldeci pediu demissão da fábrica em 1992. Na sala de aula, ele finalmente se sente realizado. “Quando dei aula no Unipê, fui o primeiro professor negro de muitos estudantes. Eles ficavam admirados por ter um

“Quando eu fazia o terceiro ano primário tinha um grupo de garotos que me zoava e um menino branco sempre batia em mim e em outras crianças negras. Xingava, chutava e eu não reagia, mas dizia à professora. Ela não fazia nada”

Waldeci Chagas



professor negro e sempre me respeitaram. Na vida, temos que nos impor e ensinar, sem agressividade, que não somos inferiores”.

O professor ressalta que o racismo não é algo nato, mas sim estruturante e há como reverter essa situação. “Haverá um dia em que as pessoas vão evoluir e superar tudo isso. O processo é lento, mas pode ser mudado. Se aprendemos a preconceituar, também aprenderemos a não preconceituar”.





# Bamidê e a missão de lutar pela igualdade étnicorracial

**Alexandre Nunes**  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Diante de tanto pré-julgamento, discriminação e racismo pessoas se reuniram e criaram entidades, associações e organizações para combater as diversas formas de preconceitos. Cada uma delas adota sua própria forma de atuação na cidade e no Estado, mas o objetivo é um só: tornar a sociedade mais justa e igual. A Organização Não Governamental de Mulheres Negras na Paraíba – ONG Bamidê, por exemplo, tem como missão tentar eliminar o racismo, o sexismo, buscando a equidade de gênero, numa perspectiva étnicorracial.

Como o próprio nome traduz, em seu significado africano, a Bamidê é “esperança” de um futuro melhor para todos os povos na questão de direitos, respeitabilidade e amor ao próximo. A ONG não presta atendimento individual como faz outras associações e organizações. Ela atua na realização de palestras, participação em eventos, dá sua contribuição em projetos de ONGs parceiras.

De acordo com a profes-

sora Ivonildes da Silva Fonseca, que faz parte da diretoria da Bamidê, o preconceito alimenta o racismo, que por sua vez estrutura todas as relações sociais, em todos os espaços sociais e atinge pessoas de diversas faixas etárias – infantil, jovem e adulto.

Ela lembra que, infelizmente, o Brasil é formado por uma sociedade racista. E consequentemente, a Paraíba também. “Na Paraíba, há uma população estimada em 50% de pretos e pardos que formam a categoria negra. E esta população amarga as piores situações de moradia, emprego, menos anos de escolaridade ou analfabetismo e alta população encarcerada”.

A professora destaca que são várias as “nuances” do racismo. Ele pode ser explícito, como ocorreu com o professor Waldecir Chagas (na página anterior desta reportagem), como também sutil, se manifestando às vezes em forma de piadas em meio a grupos de amigos ou até colegas de trabalho.

Para quem deseja conhecer mais sobre o trabalho da ONG pode acessar o <http://negrasbamidele.blogspot.com/p/bamidele.html>.

## Uma luta e as várias conquistas a alcançar

Nas mais diversas formas de manifestações preconceituosas, há uma que se atribui às pessoas que passam por um dos momentos mais difíceis de suas vidas. Os pacientes que estão em tratamento de câncer não lutam somente para se curar da doença, mas também para vencer a discriminação.

No Hospital Napoleão Laureano, referência em tratamento da doença na Paraíba, existe o grupo de serviço social que realiza rodas de conversas com os pacientes. Nesses diálogos se revelam desafios que vão além da assistência médico-hospitalar.

Mulheres que se submetem à mastectomia (retirada da mama) são abandonadas por seus parceiros; os parentes de pessoas com qualquer tipo de câncer se afastam por medo de contrair a doença, por causa da perda de cabelo; e muitos, principalmente jovens e adolescentes na idade escolar, sofrem bullying. No caso dos idosos, os filhos e familiares não estão preparados para cuidar desses pacientes.

De acordo com Claudenícia de Oliveira Pereira, assistente social do Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa, o

mercado de trabalho também se fecha muitas vezes para a pessoa com câncer. Alguns são, inclusive, demitidos quando retornam ao trabalho. “Muitas vezes, a pessoa evita dizer que teve câncer para poder ser readmitida no mercado novamente”, frisou a assistente social.

Claudenícia Pereira explica que no caso do bullying em jovens e crianças há encaminhamento para o Centro de Referência de Assistência Social (Cras), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), Conselho Tutelar e assistência psicológica. No caso do adulto, o paciente é enviado para a assistência psicológica. “O estigma ainda é tão grande que há quem não pronuncie a palavra câncer e diz ‘aquela doença’. Mas, se detectado precocemente, o câncer é totalmente curável”.

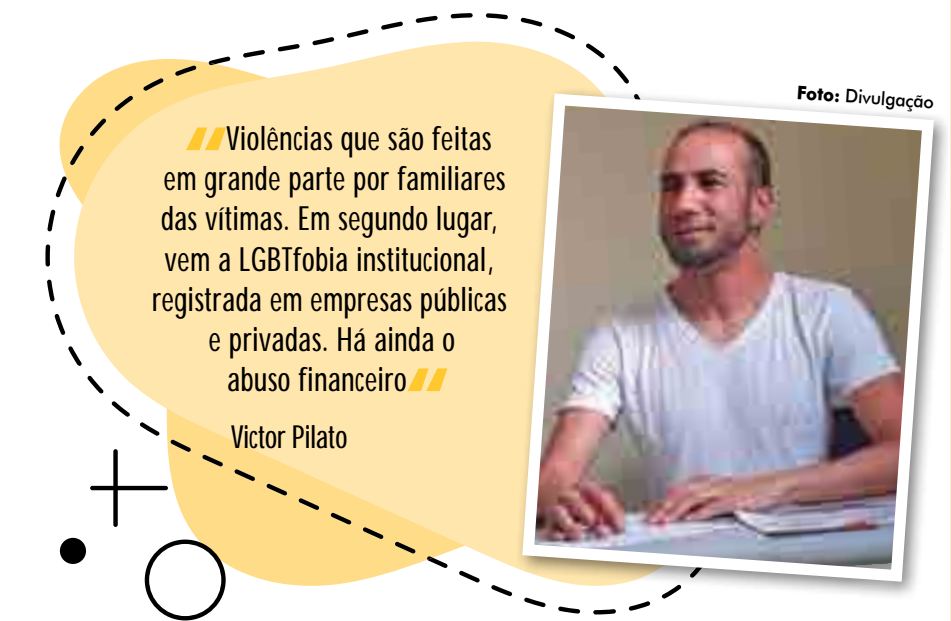
“Muitas vezes, a pessoa, após passar por longo tratamento, evita dizer que teve câncer para poder ser readmitida no mercado novamente”

## Um espaço para os direitos LGBT

Renda de no máximo um salário mínimo, escolaridade até o Ensino Médio, maioria negro e pardo, grande parte tem entre 18 e 29 anos. Esse é o perfil que predomina nas cerca de 1.400 pessoas que utilizam o Centro Estadual de Referência dos Direitos LGBT e Enfrentamento LGBTfobia, Unidade I, em João Pessoa, mais conhecido como Espaço LGBT. O local está sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba, do governo paraibano.

O coordenador, Victor Pilato, explica que o número de usuários registrados faz referência a dezembro do ano passado. O público atendido é formado por lésbicas, gays, travestis, bissexuais, mulheres transexuais, homens trans e outras identidades de gênero e diversidade sexual. A unidade já realizou 21.400 atendimentos.

O objetivo do Espaço LGBT é promover a cidadania e direitos humanos da sociedade LGBT, assim como o enfrentamento à LGBTfobia. Victor Pilato afirma que frequentemente os profissionais do Espaço recebem queixas de violência física e psicológica. “Violências que são feitas em grande parte por familiares das vítimas. Em segundo lugar, vem a LGBTfobia institucional, registrada em empresas públicas e privadas.



“Violências que são feitas em grande parte por familiares das vítimas. Em segundo lugar, vem a LGBTfobia institucional, registrada em empresas públicas e privadas. Há ainda o abuso financeiro”

Victor Pilato

Há ainda o abuso financeiro”,

O Espaço LGBT oferece atendimento individual e em grupo às vítimas de violência e seus familiares, assistência social, jurídica e psicológica. A equipe ainda realiza busca ativa de casos de discriminação ou qualquer outro tipo de violência contra a comunidade LGBT por meio do Disque 100 e do Disque 123 e acolhe as denúncias vindas de qualquer meio. “Vamos até as residências, hospitais, ou seja, vamos até onde a vítima está”, frisou.

Através do Espaço LGBT, o público ainda tem acesso a cursos profissionalizantes, de braille, libras e de idiomas. “Somos ainda a porta de entrada para a saúde integral para travesti

e transexual, dando encaminhamento para o ambulatório, que fica no anexo do Complexo Hospitalar Clementino Fraga, na capital”, lembrou Victor.

A Unidade I ainda conta com uma biblioteca. No acervo estão monografias, teses de mestrado e um acervo com cerca de cem livros específicos sobre orientação sexual, identidade de gênero e diversidade sexual. Esta biblioteca é aberta à população em geral.

O Espaço LGBT em João Pessoa fica situado à Avenida Princesa Isabel, 164, Centro. Os telefones são (83) 3214-7188 ou (83) 9119-0154 (também é Whats App). Há a fanpage Espaço LGBT no Facebook. O local funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h30.

## Simplesmente mulher, estereótipos, sociedade e “o outro lado da moeda”

Seu nome é Andreina Gama, funcionária pública, casada, heterossexual. Nascida em uma família de classe média alta, é filha de pais evangélicos e mantém uma convivência tranquila com sua família. Mas o que chama a atenção nesta história, ou pelo menos não deveria chamar, é que Andreina é transexual, ou seja, travesti.

“Como se dá essa questão de ser uma mulher heterossexual? Quando as pessoas olham para mim e para meu marido veem uma figura masculina e outra feminina. Então, para a sociedade eu sou uma mulher heterossexual. Mas eu poderia ter a minha orientação fluida, poderia ser uma transexual lésbica ou bissexual. A orientação sexual se dá através da afetividade”, explicou Andreina.

Ela se considera “o outro lado da moeda” porque, por não ter origem pobre, por não ser uma mulher branca e culta, não passou por uma série de violências registradas na vida de outras tran-

Foto: Arquivo pessoal



“Como meu estereótipo é de uma pessoa que tem recursos financeiros, a sociedade maquia e finge que não sou quem sou. Eu me sinto igual a qualquer mulher travesti, sendo ela negra, gorda ou da periferia”

Andreina Gama

sexuais pobres e negras. “Como meu estereótipo é de uma pessoa que tem recursos financeiros, a sociedade maquia e finge que não sou quem sou. Eu me sinto igual a qualquer mulher travesti, sendo ela negra, gorda ou da periferia. Me solidarizo com todas elas. Eu falo em nome da Astrapa, que fala em nome de uma população que tem várias vivências”.

A Astrapa-PB, que Andreina mencionou an-

teriormente e a qual faz parte da diretoria, é a Associação de Travestis e Transsexuais da Paraíba. Tem como fundadora Fernanda Bevenutty, reconhecida no estado e no país como militante dos direitos humanos LGBT. A Associação atua como um ponto de apoio para pessoas com identidade de gênero no feminino e realiza um trabalho de busca ativa. Para se comunicar com a Astrapa-PB há o

e-mail [andreinavillarim@gmail.com](mailto:andreinavillarim@gmail.com).

Andreina afirma que nunca foi expulsa de casa, nem foi obrigada a se prostituir por necessidade, mas reconhece bem o preconceito. “Ele se dá de várias formas. Desde o momento em que a gente adentra um espaço e somos olhadas de maneira diferente. Esse julgamento é que fecha as portas do mercado de trabalho e nos exclui das escolas”.